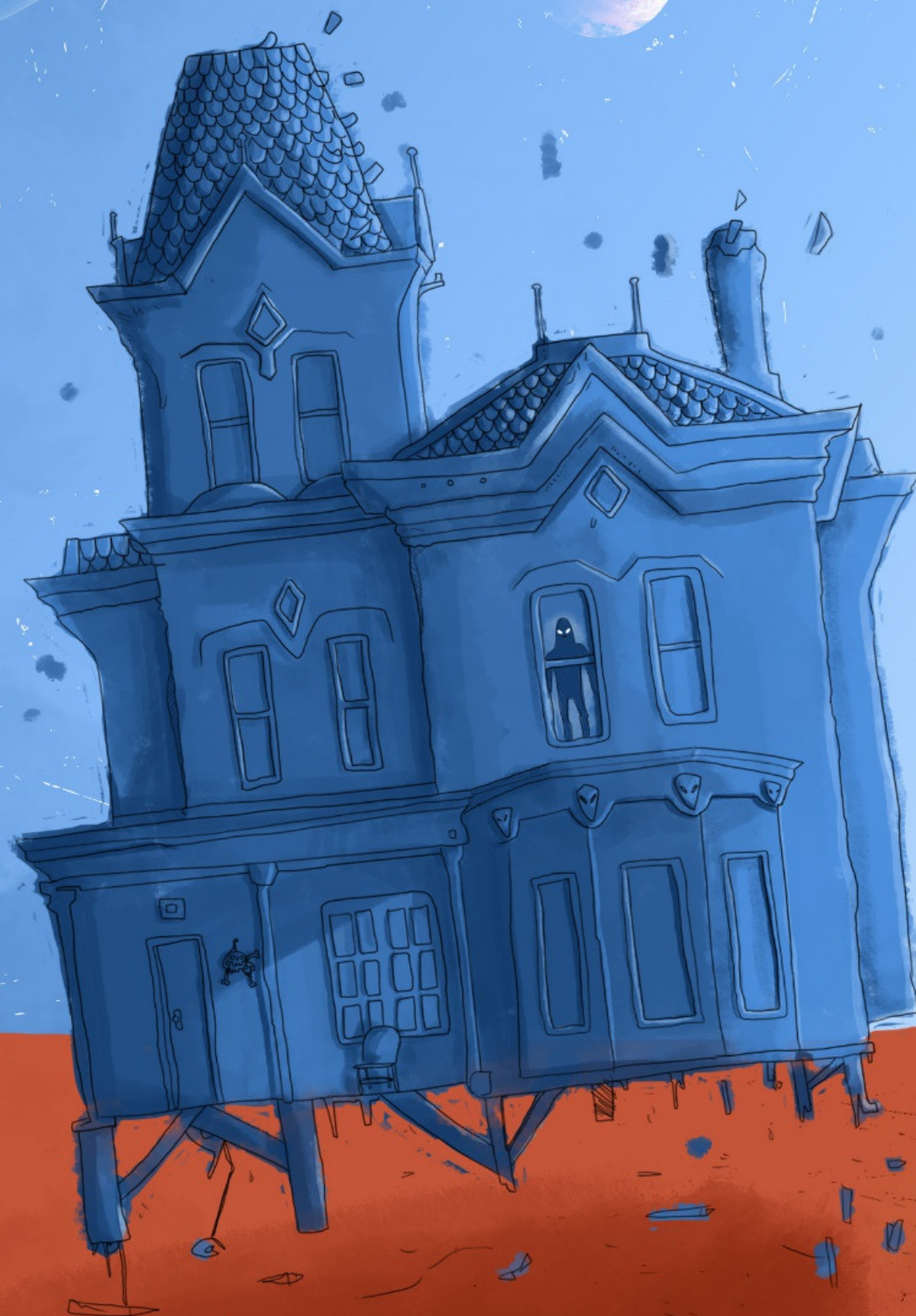


TRASGO

FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA



Edição 07

Antonio Luiz M. C. Costa · Atlas Moniz · Enrico Tuosto

Geraldo de Fraga · J. M. Beraldo · Nilza Amaral

Ilustração: Ots · Organização: Rodrigo van Kampen

Revista Trasgo

Edição 07

Editorial #07

Créditos

• **Contos** •

Toda Menina Baiana

Cada um com seus problemas

Eles também nos vigiam

Northrop e Doroteia

A mão decepada

Velhas Pernas

• **Patrocinado** •

Império de Diamante - Capítulo 1

Ele, que caça emoções

• **Galeria e entrevistas** •

Galeria: Ots

Entrevista: Ots

Entrevista: Antonio Luiz M. C. Costa

Entrevista: J. M. Beraldo

Entrevista: Geraldo de Fraga

Entrevista: Atlas Moniz

Entrevista: Nilza Amaral

Entrevista: Enrico Tuosto

EDITORIAL #07

Bem vindas, pessoas adoráveis leitoras da Trasgo!

Estamos na sétima edição da revista que traz a vocês o melhor da produção de contos no país, com mais conteúdo especial e uma bela capa desenhada pelo artista **Ots**.

Abrimos com **Toda Menina Baiana**, de **Antonio Luiz M. C. Costa**, autor da série Crônicas de Atlântida, publicada pela editora Draco. Neste conto somos apresentados a Babu, uma menina passando pelas confusões típicas da puberdade que precisa aprender a lidar com uma situação envolvendo uma cigana e orixás.

Cada um com seus problemas é um conto de **J. M. Beraldo** dentro do universo space opera de "Véu da Verdade", primeiro livro do autor. Arturo Ramazatti é um caçador de recompensas humano, um anti-herói canastrão com um grande pepino nas mãos. Como sempre.

Uma cidadela nos confins do continente, praticamente esquecida pelo reino, é o cenário que **Geraldo de Fraga** utiliza para contar **Eles também nos vigiam**. O que era para ser uma simples troca de guarda, evento que ocorre a cada vinte anos, culmina em situações inesperadas.

Qual o sexo dos robôs? Este é o princípio por trás do divertido **Northrop e Doroteia**, de **Atlas Moniz**. Doroteia precisa apresentar o robô Northrop a seu pai, mas isso tem um problema. Ele ainda não decidiu se é um robô masculino ou feminino, e se recusa a tomar essa decisão. Modo teimosia ativado.

Também flertamos um pouco com o horror em **A Mão Decepada** de **Nilza Amaral**, autora de mais de vinte romances e incontáveis contos. Conheceremos o triste Jair, jardineiro, 54, encerrado na estufa, no dia em que um trágico acidente corta fora a sua mão.

Fechamos a sétima edição com **Velhas Pernas**, um conto reflexivo trazido por nós por **Enrico Tuosto**. "Não falhem agora", pede um velho para suas pernas que caminham com dificuldade pela calçada, enquanto toda uma vida de servidão invade-lhe a memória.

Àqueles que acreditaram em nosso trabalho e compraram todas as quatro edições do segundo ano da Trasgo (sendo esta que têm em mãos a

terceira) o nosso muito obrigado, de coração. Vocês fazem o nosso trabalho valer a pena.

Recadinhos

- Anuncie na Trasgo! Saiba mais em trasgo.com.br/midiakit.
- Imagens e releases para postar em seu blog estão em trasgo.com.br/imprensa.
- Cadastre-se na newsletter para receber um aviso a cada nova edição e ofertas especiais: trasgo.com.br/news.

Uma ótima leitura! Depois faça uma resenha em seu blog, vlog ou qualquer canal e mande o link para a gente. Muito obrigado e aproveite!

Rodrigo van Kampen

Acompanhe a Trasgo

Revista: <http://trasgo.com.br>

Twitter: <http://twitter.com/revistatrasgo>

Facebook: <http://fb.com/revistatrasgo>

TODA MENINA BAIANA

Antonio Luiz M. C. Costa

Por receio de ver seu mundo desmoronar outra vez, Babu custou a criar ânimo para sair da cama. Por fim, ela suspirou, levantou-se, pôs a camisola e foi descalça tomar café. A cozinha estava agitada, pois os turistas tinham acordado cedo para aproveitar a praia. Viu a tia preparar beiju de cara amarrada e hesitou em dar bom-dia, mas a esperança falava mais alto que o medo.

— Oi, minha tia, tudo bem? Teve notícia de Voinho? — Perguntou, ansiosa.

Naná, sobrinha de vô Dinho e de vó Ciça, andava estressada. A crise na família a obrigara a assumir a Pousada Olocum quase sozinha, bem no início da alta temporada. O marido, arquivista da prefeitura, era inútil para aquilo e ela não era do tipo que levava as dificuldades na boa, ainda mais num dia em que a cozinheira faltava. Mas se esforçou por sorrir para a menina, que não tinha culpa e já tinha passado por muitas coisas ruins.

— Oi, Babu. Liguei pra Ciça há pouco e ela acha que ele melhorou um pouquinho. O médico diz que, se continuar assim, pode voltar para o quarto amanhã ou depois.

— Ah, que bom! Vai dar tudo certo! — A menina sentou à mesa, cruzou as pernas magras e respirou direito pela primeira vez no dia. O avô, pessoa de quem mais gostava no mundo, estava na UTI. A mãe morrera de câncer de pulmão. O pai morava nos Estados Unidos desde quando ela era pequena. E ainda por cima ela brigara com o namorado.

— Tomara... — Sempre se podia contar com a sinceridade de Naná, não com o seu otimismo.

A menina se serviu de suco de cacau e um beiju de coco com leite condensado. Mais relaxada, ouviu Gil no som da pousada:

*Toda menina baiana tem
Um santo que Deus dá*

*Toda menina baiana tem
Encantos que Deus dá...*

Naná queixava-se da recepcionista fulana e do faxineiro sicrano sem muita convicção. Era mais para evitar falar do Dinho. De repente, mudou de assunto e acariciou a mão da sobrinha:

— Cê não quer mesmo ir pra cabeleireira hoje? Não vamos economizar nisso, menina, a pousada vai bem e o hospital, o seguro paga... Você é tão bonitinha, mas com esse cabelo ruim... juro que com ele arrumadinho, você arranjava outro denço num instante!

— Não, tia, é assim que eu gosto. — Sorriu e balançou a cabeça e a cabeleira crespa, solta e volumosa. A tia não era vaidosa, mas fazia questão do cabelo esticado que nem arame, apesar de ser a mais preta da família. Babu tinha a cor de canela da mãe e agora que a deixavam escolher, queria o cabelo afro igual ao dela antes da doença. Além disso, não queria um namorado novo. Preferia ter de volta o seu galeguinho de olhos verdes. Era só ele ser um pouco menos abobado e dar um pouco mais de atenção para ela e menos para os games...

Por lembrar dele, abriu o *smartphone* que o pai lhe dera na última visita. Tinha sido rápida, de uma semana, que nos Estados Unidos as férias eram assim, mas pela primeira vez ele trouxe a mulher e o filho gringos para conhecê-la. Eles não conseguiam dar nem “bom dia” em português e ela, mesmo com a melhor nota de inglês da escola, custava a entendê-los. Apesar de predisposta contra a mulher que levava o pai para longe, admitia que Latoya e Trevon tentaram ser simpáticos e ela se divertiu muito tentando ensinar os dois a dançar zouk, lambada, samba e forró. Só não gostou de ser chamada de “Barbie”. Exigiu ser chamada de Babu, como fazia a mãe e os amigos.

Não encontrou nada, quer dizer, nada do Claus. Tinha um recado do pai, outro de Ginga, que estava de férias no Rio, e vários de Catona que, além de perguntar do avô, contava suas novidades e a convidava para uma festa em Trancoso. A avó e a tia não viam com bons olhos essa amizade. Quando pensavam que não a ouviam, resmungavam que aquela Cátia era má influência, tinha jeito de sapatona e podia levar a menina “delas” para o mau caminho. Babu pouco se lixava, gostava de Catona e o avô também.

Aliás, ele gostava de qualquer pessoa que compartilhasse sua paixão por

gibis antigos e as duas meninas os curtiavam mais do que qualquer moleque de Porto Seguro. Foi para ler quadrinhos estrangeiros, principalmente histórias antigas da Mulher Maravilha e de Mary Marvel, que ela aprendeu tão bem o inglês.

Respondeu aos recados e prometeu à amiga dar um jeito de ir. Naqueles dias em que sua vida parecia ir por água abaixo, ela era a tábua de salvação, um ombro no qual rir e chorar. Se era ou não sapata, Catona mesma não sabia. Era meio troncha e pouco ligada em coisas de meninas, mas por enquanto estava mais para assexuada. Quanto a Babu, era bem moleca, mas sabia como gostava de garotos, mesmo que não estivesse disposta a fazer tudo que pedissem, pelo menos enquanto não deixassem de se portar como crianças. E sabia como eles a faziam sofrer, às vezes.

Tomou uma ducha, deu umas escovadas no cabelo, pôs short jeans vermelho, correntinha no tornozelo, miniblusa bordada com borboletas, muitas pulseirinhas, chinelo de dedo e saiu para espairecer. Costumava deixar games, Twitter, livros e gibis para a noite quando era mais complicado sair, tinha bebedeiras, brigas e outros perigos.

Foi pela Passarela do Álcool, calçadão de botecos tranquilo de manhã, quando só as lojas de artesanato tinham algum movimento. Evitou a barraca dos pais de Claus, para não parecer que estava atrás dele. Aí reparou numa novidade, uma tenda na qual Mãe Cigana Joione, “Mentora Espiritual, Vidente, Cartomante, Quiromante, Búzios e Tarô” oferecia consultas a vinte reais. Curiosa, deu uma espiada. Cheirava a incenso e tinha uma mesa com velas, baralhos, bola de cristal, muitos badulaques e uma mulher de roupas e colares extravagantes, lenço na cabeça, queixo apoiado nas mãos entrelaçadas.

— Entre, entre! — Disse ela, com uma voz macia e um gesto convidativo.
— Vai uma consulta?

— Bom dia! Desculpe, xeretei só de curiosa, não trouxe dinheiro.

— Tem certeza? Estudante paga meia...

— Não mesmo — sorriu amarelo. — Só uns trocos pra tomar um geladinho ou coisa assim.

— Faz mal não — insistiu a suposta cigana -, vejo nos seus olhos que você precisa muito de orientação. Hoje é de graça, mas só pra você. Se gostar, me recomende às amigas.

De graça, por que não? Tinha mesmo muita vontade de trocar ideias, a

tia não era a pessoa certa, não ia ver Catona antes do sábado, Ginga estava longe e não confiava tanto nas outras amigas. Era até mais fácil falar com uma estranha.

— Tá bem, valeu, dona Joione... — Sentou-se no banquinho que ela ofereceu. De perto, a mulher não era feia, devia ter uns trinta e poucos anos e até onde dava para especular, bem que podia ser uma cigana de verdade. Baiana, é claro.

— Vamos tentar o tarô?

— Como a senhora achar melhor...

A mulher pegou um embrulho de seda preta, tirou as cartas, embaralhou-as com destreza e pediu para a menina cortar. Pegou um punhado de cima e dispôs três fileiras de sete cartas viradas para baixo.

— A primeira fileira é o passado, a segunda o presente e o terceiro o futuro...

Joione começou a virar uma por uma as cartas da primeira fileira e explicar o que aquilo significava. Babu começou a ficar azoada e levar aquilo muito a sério. A cigana contou a sua história direitinho: a separação dos pais, a doença e morte da mãe (a carta da Morte estava mesmo ali, era igual a como ela tinha visto num gibi), seus problemas e sucessos na escola, as maiores amizades, os dois namorados que ela tivera, o preto e o lourinho. Eram coisas sabidas de quem a conhecia bem, mas ela nunca tinha visto aquela mulher mais gorda. E outras só ela sabia, ou dava importância.

Veio a fileira do presente e mais uma vez a mulher acertava em cheio a cada virada de carta. A doença “do senhor que cuidava dela”, o bolo que ela tomou de um menino louro por causa de um joguinho besta na internet e a briga que veio depois, a solidão em que caiu de repente e até uma coisa que ela ainda não tinha contado para ninguém. Que o pai estava jogando verde para ver se a levava para morar nos Estados Unidos se Voinho não pudesse mais cuidar dela. Aquilo a preocupava, não queria ir para longe do lugar e das pessoas de quem mais gostava. Se fosse só um passeio, como o que o pai tinha prometido para as próximas férias de julho, tudo bem. Queria conhecer aqueles parques todos de Orlando. Mas para ficar, não. E o que mais a afligia era o pressentimento de que o pai não ia se conformar com um “não”. Ia contratar advogado e recorrer ao juiz de menores para levá-la, ia ser horrível e ela ia ficar com ódio dele... A vidente falou de todos os seus receios. Só faltou dar o endereço do pai.

O pulso da menina disparou e ela começou a se sentir tonta e enjoada com o calor, o cheiro de incenso e o medo. Quando a cigana disse que agora ia ver o futuro, segurou a mão dela antes que virasse a primeira carta:

— Não, dona Joione! Por favor, não! Se vô Dinho vai morrer e eu vou ter que ir embora daqui, prefiro que não me conte! Obrigada, mas quero não!

— E se levantou para fugir correndo dali, tão rápido quanto permitissem as pernas trêmulas, mas a cigana lhe segurou a mão com força.

— Calma, Babu! — Ela lhe tinha dito seu nome? Não se lembrava. — Isso não vai fazer mal nenhum. As cartas do futuro não vão matar nem condenar ninguém. Elas vão dar dicas sobre como resolver seus problemas. Você é tão esperta, tão bonita e tão corajosa... Tenho certeza de que no fim dará tudo certo. E eu me sentiria muito mal de ver você fugir assustada, sem um conselho pra enfrentar o que virá por aí!

Os elogios e a postura amigável da vidente a acalmaram e ela resolveu ouvir. Pelo menos a carta da Morte já saiu, pensou ela, não dá para sair de novo. Ou será que dá?

A cigana virou a primeira carta: o Louco.

— Hum, um estranho vai sugerir a você um novo caminho, mas será preciso manter os olhos bem abertos... haverá muitos perigos nessa jornada.

Virou a segunda: a Imperatriz.

— Vai ter também uma mulher poderosa, que vai ajudá-la a superar suas dificuldades. Não é avó nem tia, mas você logo vai conhecê-la e aprender coisas importantes com ela.

A terceira: a Justiça.

— Vejo aqui outra mulher, generosa e sofrida. Ela é um pouco como sua melhor amiga, a de Trancoso, mas mais madura. Dela, você vai ganhar mais valentia e senso de justiça.

A quarta: a Força.

— Ôpa, essa é uma carta muito boa pra você. E mais uma vez, sinto que tem a ver com uma mulher que vai conhecer logo, esperta e dinâmica, parecida com você e que você vai querer como uma segunda mãe. É sinal de vitória nas suas lutas, se souber imitá-la!

A quinta: a Estrela.

— Puxa, mais uma mulher das boas! Esta é bonita e sedutora, como sua outra amiga que está longe. E se você aprender o que ela pode ensinar, terá

muita sorte no amor e nenhum homem, muito menos um garoto, vai se atrever a desagradar você.

A sexta: a Papisa.

— Vixe Maria! O que que é isso? Babu menina, tem alguma coisa muito estranha acontecendo aqui. Tô encafifada!

— Essa é ruim? — Perguntou, assustada.

— Não, é esquisito por ser quase que bom demais pra ser verdade. É uma carta boa atrás da outra, todas de pé, nenhuma de ponta-cabeça, e todas têm a ver com mulheres respeitadas, ou mais que isso. Esta, eu vejo, é muito velha e sábia e meio feiticeira. E não sou eu, que não sou tão velha assim, muito menos tão sábia e... é alguém muito maior. Não posso esperar para ver a última carta. Se for o que eu estou pensando...

Virou com pressa a última carta. A Lua, de pé como as outras.

— Bingo! Sim, menina, isto é incrível. Esta é mais uma mulher, uma que vai saber abrir para você os caminhos do sonho e da fantasia. Não era o que você queria, aprender a fazer roteiros de quadrinhos ou de cinema?

— Mas e Voinho? O que vai acontecer com ele? — Insistiu Babu, esquecida de que tinha dito que não queria saber aquilo.

— Não posso dar certeza, não é pra ele que fiz a leitura, mas tem uma constelação de forças tão boa do teu lado que é difícil imaginar que alguma coisa ruim possa acontecer a você. Tudo isto é muito especial e você deve ser, também. Sabe o meu nome, Joione?

— É engraçado, mas o que é que tem?

— Eu adotei em homenagem às seis iabás, as orixás femininas. J de Janaína, O de Obá, I de Iansã, O de Oxum, N de Nanã, E de Euá. E olha, este é o Tarô tradicional, mas no Tarô dos Orixás, que algumas colegas minhas usam, estas seis cartas são exatamente as das seis iabás, na mesmíssima ordem. Nunca tirei nada igual!

— Ah, que maneiro! — Alegrou-se Babu. — Você é como o Shazam!

— Hem? — A cigana franziu o cenho.

— É o mago que deu os superpoderes a Mary Marvel, uma heroína de uniforme vermelho com um raio no peito. Ela se transforma gritando *Shazam!*, que pra ela quer dizer S da deusa Selena, para ser graciosa, H de Hipólita, pra força, A de Ariadne, pra habilidade, Z de Zéfiro, pra velocidade, A de Aurora, pra beleza e M de Minerva, pra sabedoria. O irmão dela tem os mesmos poderes, mas para ele as letras significam coisas diferentes... e

também tem a Mulher Maravilha, que é filha da Hipólita e linda como Afrodite, sábia como Atena, forte como Hércules, ágil como Hermes e...

A mulher riu com aquela explosão de entusiasmo.

— Interessante, eu não sabia! Pena eu não ter superpoderes para te dar desse jeito, um vestido vermelho ia ficar bem em você... só posso ajudá-la a descobrir os poderes que tem. Mas garanto que os das iabás são tão bons ou melhores que o dessas gregas todas!

Babu agradeceu a Joione e saiu contente, disposta a recomendá-la a todas e todos, mesmo se ela não tinha dito nada sobre aquilo que ela por um lado queria saber, mas por outro preferia não saber. Foi à Praça do Relógio sentar à sombra de uma castanheira, tomar picolé de graviola e sentir a brisa do cais, enquanto lia sobre as iabás na Internet. Sabia pouco e não conhecia ninguém do Candomblé para perguntar. Depois aproveitou para checar de novo correio e redes sociais. Sem novidade. O alto-falante tocava Clara Nunes:

Ela mora no mar

Ela brinca na areia

No balanço das ondas

A paz ela semeia...

Então lhe veio um capricho de criança. Cismou de ir ao Trevo do Cabral subir a escadaria, mas não para a Cidade Alta das igrejas históricas. Foi às ruínas do fortim, no meio da mata da encosta, pouco conhecidas dos turistas e quase abandonadas, salvo para atividades clandestinas à noite, como atestavam tantas camisinhas usadas e as pontas de baseados. Não queria passar vergonha se a ouvissem. Chegou ao canto mais escondido que encontrou e gritou a plenos pulmões:

— JOIONE! — Nada aconteceu. Por desencargo de consciência, tentou também um SHAZAM! Riu da própria bobeira, virou-se para voltar e esbarrou no peito de um homem alto, surgido atrás dela como se brotado da terra. Deu um grito de susto.

— Sossega! Essa menina! Se aperreie não, não vim lhe fazer mal. — Era um negro magro, de chapéu panamá, terno branco, gravata vermelha combinando com o lenço no bolso e sapatos brancos brilhantes. Estava todo arrumadinho e o sorriso era ainda mais branco e impecável.

— O que você quer? — Perguntou ela.

— Vou lhe mostrar um segredo e apresentar umas pessoas. Coisa rápida, um pé lá, outro cá.

Era o tipo de lugar, pessoa e situação em que a mãe, a tia e os avós lhe recomendavam fugir correndo, gritar por socorro, ou aplicar um joelhaço no saco sem dó nem piedade. Era esperta o bastante para isso e mais, se fosse preciso. Já tinha feito, uma vez. Mas também era sonhadora e aquele cabra tão fora de tempo e lugar a deixou intrigada. A cigana tinha falado de um estranho e um caminho novo. Quem podia ser mais estranho?

— Tá, mas nada de fuleiragem... qual é o seu nome?

— Pode me chamar de Zé.

— Eu sou...

— Babu de Sousa Ramos, a princesinha da capoeira de Porto. É uma honra servi-la. — Descobriu a cabeça e fez uma reverência.

— Tá me tirando? — Corou, embora se orgulhasse do cordão de estágio, azul de ponta amarela.

— De jeito maneira. Cê é das minhas. Vamos?

Seu Zé vasculhou no chão atrás de um velho canhão de ferro fundido e levantou com a mão, como se fosse isopor, a ponta de uma laje enorme. Debaixo tinha uma escada que levava sabe-se lá para onde. Para a casa da desgraça? Não tinha que ter aquilo ali e ela não tinha que ser louca de entrar lá dentro, mas foi assim mesmo. Depois que entraram, o Zé baixou a pedra e o lugar ficou um breu. Babu ficou apreensiva até ver o traje branco brilhar tanto que dava para enxergar um pouco do túnel. Seguiu o terno, o chapéu e os sapatos.

Ouvia o xá-xá dos chinelos, o tum-tum do coração, mas não os passos do Zé. Seria um fantasma? Melhor. De morto ela não tinha medo, era dos vivos que tinha de se cuidar.

Chegaram, por fim, a uma espécie de câmara abobadada. Pelo tanto que tinham andado, deviam estar debaixo do Marco do Descobrimento. Então o lugar se iluminou. Babu se viu no meio de uma grande estrela de seis pontas, riscada em branco sobre um chão de pedra negra. Em cada ponta da estrela tinha uma mulher com a pose de uma rainha em seu trono, cada uma com uma roupa diferente, mas todas com os rostos cobertos por fios de contas. A luz vinha delas, não havia lâmpada alguma.

— Laroîê, seu Zé Pelintra! — Saudou a da frente, que vestia azul-claro e

abanava um leque de prata com a figura de um peixe. — Muito obrigada pela sua ajuda!

— Odoiá, minha rainha! — Reverenciou seu Zé. — Se me permite, gostaria de me retirar. Outras missões urgentes me aguardam entre o Orum e o Aiê.

— Como queira, meu amigo. Transmita nossos cumprimentos ao Maioral!

Sob os olhos arregalados de Babu, seu Zé se despediu com um toque no chapéu e afundou no chão de pedra. Em um segundo, só se via a cabeça, depois, nada. Ela se virou para a rainha que, agitada, gesticulava com o leque e chocalhava as contas.

— Bem-vinda, *omobinrin aladé!* Você é muito importante para nós. Sabe quem somos?

— Eu... acho que sim... — Baixou a vista, intimidada.

— Olhe bem para nós, e não precisará achar mais nada.

A menina obedeceu. A rainha ergueu o véu de contas. Mostrou o belo rosto negro e os olhos brilhantes. Num instante, Babu aprendeu tudo sobre suas qualidades e histórias, seus poderes e fraquezas, suas tristezas e alegrias, seus segredos e seus nomes — Iemanjá, Janaína, Inaiê, Oguntê, Marabô, Dandalunga, Caiala, Sobá, Oloxum... Era muito mais do que havia na Wikipédia. Mais do que as próprias mães-de-santo deviam saber. Uma por uma, as demais iabás fizeram o mesmo e ela aprendeu tudo sobre a valorosa Obá, a audaz Iansã, a sensual Oxum, a idosa Nanã e até a misteriosa Euá.

— Mas por que estão me contando tudo isso? — Disse ela, tonta e de pernas bambas, embora as orixás não tivessem realmente dito nada.

— Porque precisamos. — Explicou Iemanjá. — Sua avó Cecília é tataraneta de uma princesa de Irá trazida como escrava para o Brasil no início do reinado de Dom Pedro II. Através dela, você descende de uma linhagem secreta de guerreiras iorubás, capaz de incorporar uma ou mais de nós de uma maneira completamente diferente das *ebomi*. Seu pai descende de outro ramo da mesma família. A união deles juntou chave com fechadura, abriu as portas a poderes latentes. Nós a fizemos vir assim que você cresceu o suficiente para compreender, pois você é uma entre muito poucas e a primeira em séculos com todas as qualidades necessárias na cabeça, no caráter e no sangue.

— Necessárias pra quê?

— Para ser uma *onilajá*, uma pacificadora, capaz de trabalhar conosco para tirar a humanidade do caminho da destruição e curar a Terra. Aceite ser o que é e compartilhará nossos poderes e responsabilidades enquanto viver.

Babu sentiu-se enjoada, de pé numa pinguela estendida sobre o abismo entre o sim e o não. Daquele jeito, ser uma super-heroína não parecia nada divertido.

— Babu querida — interveio mansamente a rainha vermelha à sua direita, que batia na mão com um espanta-moscas de rabo de búfalo — se você concordar, terá minha proteção especial. Eu sou a mãe e padroeira das guerreiras e mais ainda da sua estirpe. Se cumprir sua missão, olharei por você e jamais a deixarei só. Palavra de Oiá.

Foi a promessa de uma segunda mãe, ou ser chamada de “Babu querida” com a mesma entonação da verdadeira? De qualquer forma, ela disse “sim”. E Iansã respondeu:

— Então aguarde firme, meu amor. Isto vai lhe causar aflição, mas não tem outro jeito.

A iabá estendeu o braço e um corisco vermelho saltou de sua mão para Babu, que se ouviu gritar e cair no chão sem controlar braços e pernas, como no dia em que tentou mexer no chuveiro elétrico no meio do banho. Antes que recuperasse o fôlego, um segundo relâmpago, alaranjado, lhe foi disparado por Obá. Depois a faísca amarela, de Oxum, a verde de Euá, a azul de Iemanjá e a violeta de Nanã a fizeram babar em convulsões. E apagou.

Quando abriu os olhos, se viu sentada no mesmo exato lugar onde tinha tomado o sorvete. Tinha cochilado e sonhado tudo aquilo? Seria lógico. Sentia-se bem, sua roupa estava em ordem, o celular e as moedas no bolso. Mas ela nunca caía no sono assim de repente. Sonhava acordada, muito, mas isso era outra coisa. Suas lembranças eram nítidas demais para um devaneio. E se lembrava das palavras que devia usar quando fosse preciso, além de muitos conhecimentos que nunca tivera antes.

Ocorreu-lhe que se aqueles relâmpagos fossem de verdade, talvez tivessem estragado o celular. Abriu para testar: parecia estar em ordem e tinha passado quase uma hora de quando o abrira da última vez. E nenhuma mensagem nova.

Ouviu tocar uma velha lambada do grupo Kaoma:

*Chorando se foi quem um dia só me fez chorar
Chorando se foi quem um dia só me fez chorar
Chorando estará, ao lembrar de um amor
Que um dia não soube cuidar...*

Cedeu à saudade, abriu a galeria de fotos, para ver as últimas com o Claus e tomou um susto. Sete novas fotos. O Zé e as seis iabás, datadas de minutos antes.

Foi à pousada almoçar e se a tia notou que ela estava muito calada, não comentou nada. Pouco depois, o celular tocou “Problemas”. Não, não eram mais deles, era uma colega, Ana Carolina como a cantora, convidando para ir ao cinema com uma galerinha. Faltavam umas semanas para ela fazer quatorze, mas a deixaram entrar. O filme da boboca que gostava do vampirinho (“não, não acho ele nada parecido com Claus”, respondeu para Carol) pareceu ainda mais besta depois daquela manhã. Mas foi bom sair e dar risadas com as meninas, como se nada tivesse acontecido.

À noite, ela se interessou de repente pelo romance *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado, e o lia na sala da tevê quando a assustadora vinheta de edição extraordinária interrompeu a novela dos tios e os fez se endireitarem no sofá.

— Falamos ao vivo para informar sobre a explosão da plataforma petrolífera Sedco 777, da Petrobras, na costa da Bahia, ao largo de Cabrália. Segundo as primeiras informações, o vazamento pode chegar a mais de mil barris por dia. Ao explorar águas profundas no lote 259 da Bacia do Jequitinhonha, a cem quilômetros da costa...

— Oxe! — Exclamou o tio.

— Que horror da porra! — Gritou tia Naná, e bateu a mão na boca. — Só me faltava essa! Já pensou todo aquele petróleo nas praias? Lá se vai a temporada!

Sem saber explicar como, Babu sabia que isso era o de menos, pois as correntes marinhas levariam a maior parte do óleo para os Abrolhos e sufocariam toda a vida do Parque Nacional. Também sabia que as iabás tinham lhe emprestado seus poderes para ela resolver problemas como esse e não pretendia desapontá-las.

— Vou dormir — disse aos tios e os beijou. — Boa noite!

Resolveu tentar. O porteiro da noite estranharia se a visse sair sozinha

àquela hora, mas a sala de jogos estava vazia e a janela dava para a rua do fundo. Mas e se a tia a procurasse e visse que ela tinha sumido?

Entrou no quarto em dúvida, e deu consigo mesma, de camisola e pronta pra dormir.

— Hã? Quê!?

— Xiu! — Respondeu a visagem, dedo na boca — Oiá disse que olharia por você e isso inclui eu cobrir sua retaguarda quando precisar. Não se preocupe.

— Mas quem é você?

— Me chame de Panjira. Sou quem Iansã escolheu para ser seu anjo da guarda. Axé!

Babu pulou a janela e correu para um beco escuro e solitário. Antes, nem de brincadeira ela pensaria em estar ali àquela hora da noite, mas nunca mais teria de se preocupar. Não com aquele tipo de perigo. Assegurou-se de que ninguém olhava e gritou:

— *Epa hei!*

Um relâmpago vermelho caiu do céu sereno. Outro disparou para as estrelas, acompanhado de brusca ventania. Era Babu, com o manto vermelho, o corpo e a energia da Rainha da Tempestade, que lhe caíam muito bem. Viu do alto o agito e as luzes da cidade e gargalhou de euforia.

— Funcionou! Eu mudei! Me sinto forte... poderosa!

Tão alto subiu que viu no horizonte o clarão do incêndio. Ordenou aos ventos soprarem naquela direção e os cavalgou, o mais rápido que pôde. Ao chegar perto, viu que um helicóptero rodeava a plataforma, mas não tinha como fazer muita coisa. Naquela forma, nem ela. Sabia como provocar um aguaceiro capaz de apagar o incêndio, mas isso não resolveria os problemas mais importantes e atrapalharia o resgate dos sobreviventes. Precisava de outros poderes.

— *Odoiá!*

Um relâmpago azul a atingiu, ela tomou a forma da Rainha do Mar e mergulhou nas águas oleosas com um tchibum digno de uma baleia. Tá, baleia era exagero, mas estava, sim, rechonchuda, de seios tão grandes que a atrapalhariam se não estivesse dentro d'água, com as pernas transformadas numa potente cauda de sereia. Mergulhou fundo no abismo que, segundo a tevê, tinha mais de mil metros, respirando e enxergando no escuro sem dificuldade. Era agora o seu elemento.

Encontrou o tubo rompido quase no fundo, soltando um jorro de petróleo horroroso. Tentou contê-lo com as mãos, mas não deu certo. Tinha de usar a cabeça. Desceu mais um pouco e encontrou uma espécie de registro, mas não fazia ideia de como consertá-lo. Podia tentar descobrir para uma próxima vez, mas agora precisava de uma solução mais rápida. O jeito foi ser brusca: pôs as mãos no fundo do mar e o mandou sacudir-se num ritmo lento e crescente. Provocou um terremoto submarino, não tão grande que criasse um tsunami, mas o suficiente para bloquear e soterrar o poço.

Agora, salvar as pessoas. Nadou até a superfície e chamou botos para ajudar a manter à tona os trabalhadores que tinham pulado n'água e o helicóptero tardava a resgatar. Os tucuxis precisavam de coragem para enfrentar aquela água suja. Mesmo assim, acataram a ordem da embaixadora extraordinária e plenipotenciária de sua rainha. Para limpar o estrago antes que a mancha chegasse às praias ou aos Abrolhos, Babu convocou bactérias capazes de devorar o petróleo, vindas de milhares de quilômetros ao redor.

Sentiu, então, a dor de dois homens presos na plataforma, desesperados. Naquela forma não tinha como ajudá-los. Babu saltou para fora d'água com todas as forças e gritou:

— *Xirê!*

Uma faísca alaranjada apanhou a forma de Iemanjá no meio do salto e a transformou numa guerreira robusta e musculosa, ainda assim menos pesada que a forma de sereia. O impulso do salto a levou alto o suficiente para se agarrar na plataforma. As chamas não a assustavam, pois esse corpo era invulnerável. A não ser pela maldita orelha esquerda mutilada, que doía feito uma desgraça. Babu fez uma careta, cerrou os dentes e meteu as caras. Nenhum orixá, nem Xangô, tem tanta força física quanto Obá. Rasgou o casco de aço quente como uma folha de jornal velho e abriu caminho na marra até onde estavam os operários presos, atravessando labaredas e derrubando obstáculos com mãos e pés nus. Encontrou-os quase sufocados pela fumaça e pelo calor. Devem ter achado que estavam delirando quando aquela negrona de mais de dois metros de altura os agarrou, um debaixo de cada braço, abriu um rombo no convés com golpe de calcanhar e mergulhou com eles no mar. Tratando de mantê-los com a cabeça fora d'água, nadou só com os pés até um bote salva-vidas de borracha onde um sobrevivente

mais afortunado esperava por resgate e os largou lá, não sem quase matar o coitado de susto.

Foi rápido. Pelas três da madrugada, Babu entrou na própria casa pela janela, feito uma ladra sorrateira, liberou Panjira para retornar ao Orum — ela caprichava no disfarce, até fingia dormir do jeitinho dela — e recobrou sua cama. Apesar de tanta atividade, acordou leve e descansada à hora do costume, com a sensação do dever cumprido.

— Novidades, minha tia? — Perguntou ela, toda alegrinha, à mesa do café.

A tia suspirou.

— Sim, uma boa e uma ruim. A boa é que o vazamento de petróleo de ontem foi contido. A plataforma está arrasada, mas o óleo parou de escapar, ninguém sabe o porquê, a mancha está sumindo com uma rapidez que surpreende os cientistas e as praias estão salvas. De manhãzinha, os sobreviventes estavam contando histórias engraçadas na tevê, falavam que golfinhos e uma gigante negra socorreram vários deles...

— Que bom! — Aplaudiu.— Então é pra comemorar!

— Mas agora tem a outra. Ciça conta que seu avô piorou. Não vai mais sair da UTI... — Bateu na boca, ao perceber o que dizia. — Quero dizer que não por enquanto, eu acho.

Babu gelou, ficou branca. Tinha salvado um monte de gente e muitos milhões de bichos, mas não tinha como ajudar a pessoa que mais queria bem. Ou tinha? Não era para aquilo que as iabás tinham lhe emprestado seus poderes... mas se havia esperança, tinha que arriscar. Pediu licença, dizendo que tinha perdido o apetite e saiu o mais rápido que pôde. Enquanto caminhava, conferia no celular a localização exata do hospital do Voinho. Escondeu-se no mangue do Buranhém, pensou em Panjira e ela surgiu à sua frente, uma gêmea com o mesmo uniforme de capoeira.

— Fala, nega! — Disse a aparição. — Quer que eu tome de novo o seu lugar?

— Não só isso — sussurrou, como se receasse ser ouvida pelas orixás — Me diga o que você acha de eu tentar salvar meu avô com magia. Tem algo errado nisso?

Panjira inclinou a cabeça, como quem pondera as palavras com cuidado.

— Babu, não tenho certeza. As iabás lhe deram poderes para ajudar quem precisa por confiarem em sua responsabilidade e autonomia e ficarão

muito zangadas se você fizer algo egoísta ou estúpido que leve a um mal maior, mas não podem decidir cada passo seu, até porque nem sempre estão de acordo em tudo. Depende de como você agir. Lembre-se também de que nesses assuntos de doença e morte a última palavra não é delas, é do Dono da Terra, você sabe quem. Você pode ser punida por contrariá-lo, tome cuidado.

— Eu vou. Tome o meu lugar. Eu tinha ficado de encontrar a galera da capoeira às nove para jogar na Praça da Bíblia. Frente ao estádio, aqui pertinho. Sabe onde é?

— Claro. Só não sei se joga que nem você — ela sorriu. — Vou tentar não fazer feio.

— Tudo bem. Qualquer coisa, eu estava meio mal hoje por causa do Voinho.

— Alguma recomendação mais?

Babu pensou e respondeu:

— Se Claus aparecer, trata ele com educação, mas sem dar corda. Tô de mal. Nem um torpedinho ele mandou pra se desculpar! *Epa hei!*

Outro relâmpago vermelho chamuscou o mangue e a forma de Iansã tomou de novo os ares. Subiu ainda mais alto desta vez, para criar e cavalgar correntes de ar na estratosfera com a velocidade de um jato sem causar um furacão capaz de derrubar tudo no caminho de Porto Seguro a Salvador.

Pousou num matagal e pensou no que fazer. Não podia voltar à forma de Babu, talvez não deixassem entrar menores desacompanhados e se vó Ciça a encontrasse lá, ia se complicar. Não podia entrar como Iansã, abrindo caminho no grito. Obá era pior, ia matar pacientes de susto, botar médicos e o pessoal da enfermagem para correr e fazer os seguranças abrirem fogo... Ora, a solução era simples!

— *Orê ieiê ô!* — Entoou.

Um corisco amarelo caiu ao lado do viaduto. E do mato surgiu uma mulher deslumbrante, de maquiagem suave, brilho nos lábios, curvas assassinas, braços e pernas de gazela, olhar e andar de pantera. Turbante, bata translúcida, short, sandálias, brincos e pulseiras, tudo resplandecia em tons de dourado sobre a pele de ouro marrom.

Estava de parar o trânsito e fechar o comércio. Não era maneira de dizer. Carros freavam de repente e quase batiam, tão pasmos ficavam os motoristas ao ver que uma mulher assim podia existir fora de uma

superprodução de Hollywood. Lojistas saíam à calçada para ver, tão embasbacados que ninguém se atrevia a assobiar ou dizer bestagem. Era areia demais para o caminhãozinho de qualquer um. Parecia até pecado profanar aquela beleza com uma cantada fuleira. Pensavam que aquela aparição tinha algo de divino — e tinham razão.

Ela entrou na recepção e se fez um silêncio respeitoso para vê-la desfilar até o balcão de atendimento. Muitos coçaram a cabeça, se esforçando por recordar de onde a conheciam. Devia ser uma estrela de cinema, uma supermodelo... tinham a impressão de ter o nome na ponta da língua, sem conseguir se lembrar. Claro que tinham, pois todo mundo em Salvador sabe quem é Oxum. Só nunca a tinham visto em carne e osso.

Foi à recepcionista e tirou os óculos escuros. A loura falsa ficou hipnotizada pelas íris cor de mel, que mexiam com as mulheres quase tanto quanto com os homens.

— Bom dia! Por favor, eu gostaria de fazer uma visitinha rápida ao senhor Armando de Sousa, que está internado na UTI. Sou sobrinha dele e moro muito longe — a voz e o perfume exótico eram ainda mais perturbadores que o visual.

— E-e-e.. De-desculpa, o horário de visitas da UTI é das onze ao meio-dia e das...

— Puxa, mas estou só de passagem em Salvador! Às onze preciso estar no aeroporto e não sei se vou ter outra oportunidade de vê-lo. Quebra essa! Por favor, minha linda, é só um minutinho... Serei eternamente agradecida!
— Deu um sorriso de arrasar corações.

Tinha de inventar. Se esperasse as onze, Voinha ia aparecer e querer saber, tintim por tintim, quando e como o diabo do Dinho tinha conhecido uma mulher como aquela.

A moça não discutiu mais, só pediu um documento. Babu não tinha pensado nisso, mas os encantos de Oxum estavam à mão. Fez de conta que tirava alguma coisa da bolsa e a moça acreditou que via a identidade de uma tal Maria da Imaculada Conceição de Sousa, a única mulher do mundo que era sedutora até na foto três por quatro.

Chegou à UTI sem mais incidentes, a não ser por um auxiliar de enfermagem que, ao vê-la no corredor, deixou cair o queixo e a bandeja de remédios. Fechou a cortina do box. Voinho estava deitado, cheio de tubos e fios. Parecia dormir. Ela lhe acariciou a mão e o rosto e ele murmurou, como

no meio de um sonho:

— Babu... — Não abriu os olhos, estava muito sedado.

Ela quase caiu no choro, mas se segurou. Não podia chamar a atenção e precisava pensar rápido, tinha pouco tempo. Ali, as ilusões de Oxum não iam servir de nada.

— *Saluba* — sussurrou baixinho. Proporcional ao tom de voz, a faísca violeta foi sutil a ponto de se confundir com o piscar e o zumbido de algum aparelho médico.

Babu se viu na pele de uma mulher imensamente velha e sábia. Tão velha que se lembrava dos primeiros macacos a caminharem eretos nas savanas da África e de milhares de milênios de esforços de seus descendentes para inventar e dominar as artes de lascas ferramentas de pedra e falar como gente.

Nanã ainda desconfiava de novidades como a escrita e os metais. Sempre tinha achado que aquelas modernagens iam acabar mal e exigia oferendas preparadas com facas de pedra e vasilhas de barro. Ao ganhar acesso ao seu saber, Babu continuava sem entender patavina daquelas luzes e botões, mas conhecia tudo de ervas e doenças, vida e morte.

A sabedoria de Nanã deixaria seu Dinho morrer se fosse o melhor para ele, ou se para salvá-lo fosse preciso torcer as leis da natureza, e Babu seria capaz de entender. Mas não era o caso. Era só desobstruir uns tantos vasos sanguíneos finos e frágeis, operação delicada demais para um bisturi, mas não para sua magia. Com uns dois meses de reabilitação ele voltaria a ser como antes e poderia viver o suficiente para ser bisavô, desde que a neta sobrevivesse a tudo que teria de enfrentar nos próximos anos.

Ela também viu que aquilo era bom e não só para o velho e para quem o amava. Se Dinho morresse, Babu ia mesmo morar no deserto do Texas. Seria menos feliz e ficaria muito mais difícil cumprir suas missões. Era uma terra de leis rígidas, costumes severos e vizinhos vigilantes e desconfiados de negros e de latinos.

Com os gestos certos e as palavras mágicas de uma língua muito mais antiga do que o iorubá, na verdade, a primeira língua articulada a ter sido falada por seres humanos, ela fez o que mais desejava fazer. O avô pareceu na mesma, mas dava para ouvir uma mudança sutil nos ritmos dos aparelhos que lhe monitoravam o coração e o cérebro. Dali para frente ele ia melhorar.

Saiu sem mudar de forma e ninguém olhou duas vezes para a pobre centenária que se arrastava toda curvada, apoiada num bastão. Exceto a vó Ciça, que cruzou com ela na porta do elevador e pareceu intrigada, mas só murmurou um bom-dia e foi ver o marido.

Ainda não tinha acabado. Havia alguém que podia desfazer o que Nanã fazia e tinha de conversar com ele. A velha bruxa claudicou até a margem do Dique do Tororó, de onde se viam as estátuas de oito orixás em torno de um chafariz.

— *Hihó!* — Sussurrou Babu assim que se viu a sós, atrás das árvores.

Um raio verde a transformou de novo. Com sua nova forma, ergueu os braços e os separou com um movimento semicircular. Criou assim um pequeno arco-íris para servir de portal entre o Aiê e o Orum. Atravessou.

O lugar deslumbrava pelas cores e luzes, mas procurou por sua parte mais sombria. Era a terra dos eguns, os espíritos dos mortos. Aruanda. A maioria dos orixás a evitava. Por serem forças vitais em estado puro e ideal, tudo que tinha a ver com deformidades, mutilações, doenças e morte os enojava.

Assim, o orixá que ali reinava, o Dono da Terra, era o mais solitário. A própria mãe não queria vê-lo, os humanos temiam pronunciar seu nome verdadeiro e o mencionavam por rodeios, o artista do Tororó o omitira... Mas Babu tinha aprendido a lidar com essas coisas. Cuidara da mãe em seus últimos meses e vestira seu corpo, quando morreu. E três de suas representadas eram as únicas entidades em todo o Universo que sentiam carinho por aquele estranho eremita, coberto da cabeça aos pés por um capuz de palha: a mãe adotiva Iemanjá, a amiga Iansã e a esposa Euá, cuja forma ela tinha tomado.

— Atotô, Xapanã! — Saudou Babu, ao chegar a seu ilê, seu refúgio. Atreveu-se a usar o nome verdadeiro porque também preferia o próprio nome a apelidos.

Agachado no tosco banco de madeira que lhe servia de trono, o orixá chamado Obaluaiê ou Omolu pela maioria dos humanos mexeu ligeiramente a cabeça. Era impossível ver sua expressão, mas sua voz grossa e profunda soou intrigada e um pouco zangada.

— *Axé, onilajá* Babu! Sei que você não é a minha Euá, embora ela lhe tenha emprestado a aparência e a energia. O que a traz aqui? Espero que não seja para reviver sua mãe, isso não vou fazer. Ela tinha pulmões frágeis

e fumou muito desde menina, pagou o preço.

— Não, eu entendo que isso não pode ser. Eu vim pedir pela saúde de meu avô Armando, que é importante para mim e para a tarefa que me foi confiada pelas iabás, enquanto a vida não se tornar um fardo pesado demais para ele.

— É pedir demais, minha filha. Não tenho nada contra seu avô, mas ele tem tanta vontade de viver que assim poderia passar dos cento e trinta. Não me comprometo com tanto. Em consideração à missão que sei ser importante para Iemanjá, Euá e Iansã, posso fechar-lhe o corpo até você chegar à maioridade ou morrer, o que acontecer primeiro. Depois ele terá de correr os mesmos riscos de qualquer mortal de sua idade.

— Mesmo assim, agradeço muito ao senhor...

— Espere, tenho uma condição: enquanto essa proteção durar, você virá me visitar pelo menos uma vez por mês. Sinto falta de um pouco de companhia de gente viva. Basta uma visita breve, dois dedos de prosa, me contar como vai sua incumbência. Talvez eu até possa lhe dar alguns conselhos...

— Ah, mas vai ser um prazer! — Respondeu Babu, sorrindo com convicção.

— Mesmo? — Estranhou o orixá.

— Sim, o senhor me parece sábio e bondoso. Me lembra um pouco meu avô.

A figura encapuzada fez um longo silêncio.

— Então estamos de acordo. Mas que da próxima vez chegue na forma de outra iabá. Sei que você não pode vir ao Orum com sua forma humana, mas ver minha filha de ajuntó na pele de minha esposa é... perturbador.

— Não seja por isso. Mas antes, quero fazer uma coisinha.

Se tinha alguma coisa que Babu adorava tanto quanto desenhar, inventar histórias e jogar capoeira era a música. O problema é que, embora ela dançasse muito bem, não sabia tocar nada mais complicado do que um berimbau. Com a forma da talentosa Euá podia, porém, criar ritmos e melodias e fazer a própria natureza cantá-los. Ou o próprio sobrenatural. Fez um gesto e uma música de dança agitada, contagiante e sensual como ela gostava, os envolveu do nada. Xapanã olhou em volta, admirado, e ela gritou:

— *Epa hei!*

A música continuou após o trovão, pois a representante de Euá assim o determinara até ordem em contrário. E ao se ver Iansã, Babu convidou:

— Vamos dançar, Xapanã? Sei que o senhor gosta e eu quero comemorar!

Com uma alegria que não se via nele há séculos, o Senhor da Morte saltou para o terreiro em frente ao ilê para dançar com ela. E quando Iansã dança, sempre faz ventania. A palha de Xapanã voou e revelou o corpo e o rosto deformados de nascença e devorados pela varíola. Não se importaram, estava muito divertido.

Ao voltar a Porto, Babu perguntou-se sobre Panjira e soube que a encontraria num banco da Igreja de São Benedito. Foi lá e sentou-se ao lado dela.

— Tá servida? — Perguntou de boca cheia a guardiã, mostrando um acarajé mordido.

— Obrigada, mas já vou descer pro almoço.

— Que tal foi?

— Deu tudo certo! — Respondeu, feliz e aliviada. — Meu avô vai ficar bom!

— Maravilha! Por aqui também correu tudo bem. Acho que não estraguei sua reputação. Tinha um monte de turistas e eles aplaudiram e tiraram fotos.

— Beleza!

— Ah, sim, e Claus apareceu. E disse que queria muito falar comigo, quero dizer, com você. Lógico que eu respondi que naquela hora não dava, porque é assunto seu, mas tomei a liberdade de combinar um encontro hoje à tarde. Você resolve se vai, mas olha, se eu estivesse no seu lugar, daria mais uma chance pro rapaz. Ele me parece porreta.

Ela tinha razão, pensou Babu. Além de ser corajoso sem ser machista, coisa rara entre os meninos que conhecia, Claus ouvia seus sonhos e os levava a sério, o que era único.

— É... — Suspirou Babu. — Quando não me esquece... Talvez se eu aprendesse a ser como Oxum ele me desse mais valor.

— Nem pense nisso! Você não é de Oxum, é mi... Cof! Cof! — Panjira engasgou, de tão zangada. — ...É de Iansã! Não adianta tentar parecer o que não é, você não vai ser feliz e ele vai se sentir enganado. Seja você mesma, é assim que tem de ser! E se o nego não gostar de você o suficiente,

pior pra ele. Vai aparecer quem te queira melhor!

Babu seguiu o conselho e quando Claus apareceu na hora combinada, não fez dengo.

— E aí, o que cê queria me dizer? — Disse ela de cara séria e braços cruzados, recostada no parapeito do píer.

— Vim pedir perdão pra você — respondeu, aflito. — Fui muito besta naquele dia, mas nunca mais vou esquecer quando tiver um compromisso com você.

— Hum... não foi só uma, nem só duas vezes...

— Foi a última. Você agora vai estar sempre em primeiro lugar, eu juro, Babu! — Ele soava sincero, parecia a ponto de chorar.

— Por que você não me mandou nenhuma mensagem esse tempo todo?

— Desculpe. O computador de meu pai quebrou, ele tava sem um puto pra consertar, o celular de minha mãe tava sem crédito e eu não achava você em lugar nenhum!

Ela o estava evitando e os pais dele eram meio sem vintém mesmo. Nascido de um casal de hippies holandeses que viera para Porto nos anos setenta, o pai só sabia fazer bijuterias. A mãe o ajudava, mas precisavam correr atrás das modas e caprichos dos turistas e tinham aluguel da casa e da barraca para pagar.

— Ah, o seu brinquedinho favorito quebrou e cê veio se consolar com a segunda opção, né? — Perguntou ela, meio séria, meio brincando.

— Não é isso! Meu pai arrumou grana e o computador já foi pro técnico, volta hoje. Mas se o problema é esse, juro que nem volto a tocar nele, a não ser pra fazer lição. Você é mais importante que tudo no mundo pra mim, Babu querida!

Aquele jeito de falar acabou de convencê-la. Ficou toda derretida.

— Não precisa jurar nada, Claus. É só mostrar no dia a dia que me dá valor. Desta vez, tá perdoado. Mas se ligue, que se me fizer de boba de novo, acabou, tá ouvindo?

— Tô ligado. Posso dar um beijinho agora?

— Dá logo um beijão, seu abestalhado!

Abraçaram-se com força e se beijaram de tremer as pernas, pois ela também estava com muita vontade. Quando pararam para respirar, ele perguntou:

— Babu, me diz se tem algum agrado que você queira de mim pro seu

aniversário!

— Precisa dar nada, não... Ah, sim, tem uma coisa que eu quero de você!

— O quê?

— Que você vá passar o fim de semana comigo em Trancoso. Catona já me convidou. A gente vai sábado no primeiro busu e passa o dia na praia. De noite tem baile com concurso de lambazouk e eu preciso de você pra ganhar. Cê topa?

— Claro que topo! Deixa só eu avisar minha mãe...

— Então tá combinado. Mas se me der bolo de novo, como o seu fígado com farinha! — E sacou o celular, para digitar os recados que precisava dar.

Deu tudo certo. Babu e Claus ganharam o primeiro prêmio na categoria juvenil e ela foi dormir feliz. Quando o sono veio, tinha na cabeça uma das músicas da banda Aíxa que acabara de dançar:

Tem que ter coragem pra recomeçar

Tem que rastejar, tem que voar

Tem que atirar e da bala se esquivar

Tem-se que morrer quando matar

Antonio Luiz M. C. Costa formou-se em engenharia de produção e filosofia, fez pós-graduação em economia e foi analista de investimentos e assessor econômico-financeiro antes de reencontrar sua vocação na escrita, no jornalismo e na ficção especulativa. Além de escrever sobre a realidade na revista *CartaCapital*, é autor da série de romances *Crônicas de Atlântida*, de dezenas de contos e novelas e de livros de não ficção publicados pela Editora Draco. Twitter: @aluizcosta

Leia a entrevista que fizemos com o autor.

CADA UM COM SEUS PROBLEMAS

J. M. Beraldo

Uma vez um sujeito me perguntou por que eu usava véu e turbante. Fez piada, de que era pela vergonha de revelar minha raça falida.

Perguntou se eu era estúpido por usar sobretudo no espaço, onde o tecido pode se prender facilmente a partes móveis em baixa gravidade.

Expliquei as maravilhas do tecido inteligente niteriano, que se adaptava rapidamente às condições adversas e protegia meu corpo do vácuo. Expliquei, também, sobre o computador oculto sob o véu, enquanto dava o comando para que a comporta da estação se abrisse.

Acho que ele não me ouviu. Mesmo que ouvisse, duvido que desse atenção. O sujeito, um corporocrata corrupto procurado por escravizar engenheiros com promessas de riquezas e fama, estava preocupado demais morrendo asfixiado no vácuo do lado de fora. Felizmente o contrato pela cabeça desse cara não dizia nada sobre ele ser entregue vivo.

Normalmente não explico meus truques, mas não achei que faria diferença. Gosto de deixar no ar a dúvida sobre o que eu sou capaz de fazer. Não são muitos os caçadores de recompensas bem sucedidos entre os humanos, muito menos aqueles com capacidade psíquica. Um outro sujeito debochou uma vez, dizendo que era falha genética, porque minha espécie usava menos de 10% do potencial do cérebro.

Esse, infelizmente, queriam vivo. Dei um tiro em cada joelho e carreguei o babaca para minha nave explicando que isso era uma lenda urbana, citando alguns especialistas no assunto. Ele também não me deu muita atenção.

É uma pena que existam tantos que preferem ignorar o que eu tenho para dizer. Provavelmente sofreriam menos se me dessem ouvidos.

Como era o caso com esse sujeito aqui, meu atual contrato.

— Olha, eu não sou seu pai, mas ele está me pagando caro para garantir que você se una a ele.

— Eu nunca me unirei a você!

O garoto melodramático não era bem um garoto. Era um jovem yahidar

com uns 200 quilos de pele oleosa e gordura flácida. Agarrava-se a um poste em uma diminuta plataforma sobre um poço sem fundo, o rosto todo ferido depois de tentar me atacar com uma espada de energia que provavelmente pagou caro para fazer. Quase perdeu a mão no processo. A espada, tirei dele com um pensamento. Os grandes olhos amarelos se encheram de lágrimas enquanto a arma extravagante caía precipício abaixo. A língua roxa lambia a baba grossa escapando pela boca larga e mole.

Estiquei a mão para ele tentando ser o mais paciente possível.

— Vamos. Eu realmente não quero que você se machuque.

No caso dele, o queriam vivo e ileso. Uma pena. Esse tipo de contrato me dá trabalho, mas o contratante geralmente paga bem. São pais preocupados com os filhos fazendo besteira. Não seria a primeira vez que pegaria esse tipo de contrato, nem a última.

Deu trabalho para descobrir onde ele se escondia, as ruínas de uma antiga estação celoniana em órbita descendente na direção da Estrela de van Maanen, no coração de um sistema sem dono da Zona Independente. Que ninguém se dera ao trabalho de sequer colocar uma boia de sinalização no lugar era indício de que não havia nada de útil por lá. Nem os celonianos de hoje sabiam porque seus antepassados, aqueles que uma vez compartilhavam um único governo e cultura, haviam colocado aquela estação lá. Conhecendo os sujeitos, provavelmente era um laboratório secreto para onde levavam pessoas abduzidas de planetas primitivos como a Terra. Pelo menos até a toda-poderosa Liga dos Mundos descobrir e acabar com a festa.

O garoto que eu precisava salvar dele mesmo se chamava Escolhido. Sério. Era o nome que ele havia dado a si depois de se unir a uma pseudo-religião que algum outro maluco qualquer inventou. Infelizmente isso era moda. O nome anterior do garoto traduzia-se como 'O que caiu de cabeça'. Levando isso em consideração, não podia culpá-lo pela mudança.

Chequei com *Katib* o status da estação. Segundo minha nave, que havia deixado em órbita próxima, a estação não estava em risco iminente de se desintegrar pela força da estrela, mas não podia desconsiderar o bombardeio radioativo que estávamos recebendo. Yahidars eram resistentes a essas coisas. Eu não.

Escolhido olhou para baixo, na direção do precipício. Os olhos tremeram. Acho que ele esperava que alguma coisa ia acontecer, como se no último

instante fosse aparecer uma nave para salvá-lo. No caso, a única coisa lá embaixo era o brilho branco da estrela prestes a nos obliterar. Ele engoliu em seco e se agarrou mais firme ao poste. Subitamente minha mão parecia uma opção melhor.

Puxei o sujeito de volta à terra firme, usando tanto minha força física quanto a mental para evitar que Escolhido escorregasse. Duvidava que tivesse poder o suficiente para impedir alguém daquele tamanho de cair. Se tivesse esse poder, provavelmente conseguiria voar só com o pensamento.

Ele caiu de joelhos no chão de metal, arfando com o esforço. Começou a chorar soltando gases tóxicos pelos respiradouros na nuca. Me certifiquei de que os filtros no véu estavam funcionando. A última coisa que eu precisava agora era ter um ataque de náusea porque o garoto estava nervoso.

Dei dois tapinhas nas costas largas do sujeito. Confesso que não levo o menor jeito para esse tipo de coisa.

— Temos pouco tempo.

Era mentira, mas ele não precisava saber disso. O yahidar se virou para mim, o rosto largo subitamente cheio de uma determinação inconcebível. Esticou seus dedos gordos na minha direção e, fazendo um esforço fenomenal, disse.

— Eu não sou o yahidar que você procura.

Ele me deu dor de cabeça. Literalmente. Devia ter tomado algum tipo de droga que supostamente dava poderes telepáticos para quem o consumia. Num yahidar, duvido que fosse capaz de fazer mais do que incomodar os outros. Pelo menos isso explicava a estranha sensação de ter alguém tocando minha mente desde que entrei ali. Eu juro que um dia pego o niteriano que vende essa coisa para garotos impressionáveis como esse.

A estação rangeu ruidosamente. A coisa toda tremeu. *Katib* me alertou que corríamos o risco de ficar sem um chão para por os pés. Partes da estação não resistiriam tanto tempo quanto a superestrutura.

Peguei Escolhido pela gola das vestes marrons que usava e o arrastei pelo corredor. Agora, sim, usei telecinese. Facilitava meu trabalho.

Não encontrei oposição alguma no caminho de volta. Dos autômatos que encontrei quando cheguei só restavam os destroços que deixei para trás. *Katib* me esperava no hangar, a carlinga já aberta. Joguei Escolhido na parte de trás, onde costumava levar cargas, deitei no cockpit e parti. Plotei um curso até Sol. Escolhido choramingava atrás de mim, desconsolado.

- Não era para terminar assim. Eu devia salvar toda a Galáxia.
 - Claro, claro. Agora fica quietinho aí atrás que a viagem vai ser longa.
-

Fazia tempo que não ia tão próximo à fronteira entre a Zona Independente e a Liga dos Mundos. Esperava dar de cara com uma daquelas naves monstruosas a qualquer momento, apenas observando para ter certeza de que eu não tentaria cruzar sem permissão. Não sei porque se davam ao trabalho. Como se não pudessem me vaporizar à distância em um nanosegundo.

Levamos cerca de 12 horas para chegar até Júpiter. Aproveitei para dormir, coisa que só consegui depois de aplicar um sonífero em Caído. Aparentemente Escolhido havia mudado de nome no meio do caminho, culpando-se por ter falhado em sua busca sagrada. Em uma semana ou duas teria mudado o nome de novo depois de assistir a algum outro filme antigo.

O pai de Caído tinha um negócio de coleta e transporte de refugio na Zona Independente. Removia destroços de satélites e estações, asteroides rochosos em rotas perigosas e eventuais refugos biológicos e radioativos perigosos.

Encontrei o cargueiro flutuando logo acima da atmosfera de Júpiter, despejando toneladas de lixo que eram imediatamente dragados pela gravidade do planeta para desaparecer entre as tempestades de hidrogênio. As nuvens abaixo relampejavam, como se o planeta agradecesse pela comida. Acharia engraçado se descobrissem vida inteligente abaixo das tempestades de Júpiter. O yahidar acabaria processado por jogar seu lixo na atmosfera do planeta. Ninguém dava a mínima para isso. Não na Zona Independente, onde era cada um por si e a lei era a de quem tinha mais força.

- Logo, logo você estará em casa.

E eu estarei livre desse sapo-boi choramingão. Acordou do sonífero balbuciando incoerências sobre o Espírito Galáctico, a salvação do Universo e as forças do mal, seja lá o que isso quer dizer.

A Rainha da Sucata era um cargueiro niteriano que um dia deve ter tido

papel mais importante na vida. Provavelmente já tinha um século de vida, anos esses visíveis no casco corroído e manchado, coberto de remendos mal feitos e peças adaptadas. Era a maior e mais moderna das naves da frota do lixão, mas não a única com um nome curioso como esses.

Os problemas começaram logo que eu abri um canal com a nave. Uma explosão chacoalhou o cargueiro, fazendo-o emborcar para o lado. Uma segunda explosão veio logo em seguida, do mesmo lado. Dei ordem para *Katib* descobrir o que estava acontecendo. Pintou um grupo de naves emergindo das nuvens laranjas abaixo de nós, lançando mísseis. Tinham a forma de losangos cinzentos, sem detalhes. Antenas, turbinas e canos saíam de todas as superfícies. Pareciam ter sido feitas por alguém sem a menor noção de estética, mas muito conhecimento de engenharia, o que significava uma de duas coisas: ou algum yahidar magicamente conseguiu construir uma nave por conta própria ou o pai de Caído havia irritado alguém bem sério.

— Eles.

Caído saltou do compartimento de carga, agarrando meus ombros e olhando o holograma.

— Eles? Eles quem!?

Nem olhei para trás. Deixei *Katib* abrir o holograma com informação sobre Eles.

Imagine uma espécie alienígena que resolve colocar todo seu trabalho nas mãos de robôs enquanto aproveita a vida. Imagine isso dando errado. Não era difícil.

Ninguém sabia o que acontecera com a tal raça criadora. Eles ignoravam qualquer tentativa de contato, permanecendo isolados em um canto da Zona Independente.

— Oh, meu Deus! Eu vi isso nos holovídeos!

Era uma pena que não tinha mais daquele sonífero. O yahidar ficou gritando algo sobre a grande profecia, robôs infiltrados, deuses romanos e uma tal colônia perdida. Em certo ponto começou a cantarolar uma música que eu lembrava vagamente de ter ouvido antes. Fiz o melhor que podia para ignorar, concentrando-me na situação diante de mim.

O grupo que atacava era formado por quatro naves: duas grandes, provavelmente canhoneiras carregando soldados prontos para abordar a nave, e outras duas menores, caças de escolta. Não que fosse necessário.

Duvidava seriamente que a *Rainha da Sucata* tivesse qualquer tipo de armamento. Mesmo que tivesse, era mais provável que explodisse a própria nave do que a defendesse.

Suspirei, pensando no dilema. Se atacasse, corria o risco de ser abatido. E ejetar assim tão perto de Júpiter era morte certa. Se fugisse, e eu podia fazer isso facilmente, perdia o investimento que fiz em procurar e resgatar o yahidar fanático.

— De vez em quando eu acho que ainda estou no exército...

Sob meu comando, *Katib* abriu ambos os casulos laterais, expondo os canos das metralhadoras. Ambas começaram a girar enquanto as bobinas magnéticas carregavam. Com um suspiro de quem sabe que vai se arrepender, mirei na nave mais próxima e abri fogo. *Katib* ajustava o ângulo dos canhões para não afetar demais o vetor da nave. Os projéteis de titânio rasgaram a parte de cima do caça, fazendo-o mergulhar para o interior das nuvens abaixo. O brilho que se seguiu pode ter sido a explosão da nave ou apenas um raio na tempestade abaixo de nós.

Como esperava, isso atraiu a atenção das outras naves. O outro caça e uma das canhoneiras desviaram-se do cargueiro para me dar atenção, enquanto a última nave aproximava-se para abordar o alvo original.

Transmiti um sinal de alerta em canal aberto para a região. Levaria algum tempo para que qualquer um o recebesse, e mais ainda para que o atendessem. Os yahidar provavelmente já haviam feito o mesmo, mas achei melhor reforçar o pedido. Talvez alguma alma caridosa tivesse mais interesse em ajudar um caçador de recompensas famoso do que aquela sucata em chamas sobre Júpiter.

Ao menos o comandante da nave virou o cargueiro e acelerou para longe, despejando de uma só vez toda a carga que trazia. A manobra acabou por formar um escudo temporário entre a *Rainha da Sucata* e a canhoeira d'Eles, causando a explosão prematura de uma nova ogiva disparada. Sorte, com certeza.

Lancei contramedidas assim que o inimigo começou a lançar mísseis em minha direção, e rodopiei para a direita, atirando ao mesmo tempo, por via das dúvidas. Gosto de gastar quando o assunto é equipamento. *Katib* era uma nave niteriana, presente de um antigo cliente, mas o equipamento nela eu havia pago ao longo dos anos. Tinha acumulado uma pequena dívida por conta disso. Razão pela qual o contrato com os lixeiros yahidar era

importante.

Cada uma das contramedidas era um drone em miniatura, controlado por inteligências artificiais semelhantes a de cães. Uma vez me explicaram que era como se você jogasse uma bola para que pegassem. Eles se arremessavam com toda a vontade contra os mísseis. Funcionou. Ambos os mísseis explodiram, levando com eles as caríssimas contramedidas. O custo foi imediatamente incluído na conta do meu cliente. A questão agora era garantir que ele sobrevivesse para pagá-la.

Disparos de energia atingiram meus escudos. Um feixe de energia maior do que eu ionizou a atmosfera a minha volta. Atrás de mim, Caído gritava como um porco no abatedouro. Lógico que não havia cinto de segurança na área de carga.

Girei a nave, colocando as nuvens laranjas de Júpiter sobre minha cabeça, então puxei o manche virtual para perto de mim, fazendo *Katib* mergulhar nas nuvens. Dados sobre a proximidade da tempestade elétrica começaram a surgir. *Katib* tentou montar um mapa virtual da tempestade diante de mim, já que não conseguia ver coisa alguma à medida em que as nuvens tornavam-se mais densas. Esperava que o mesmo acontecesse com os autômatos me perseguindo. Ouvi muito que a região era infernal com a maioria dos eletrônicos feitos pelo homem. Esperava que fosse igualmente nocivo a uma espécie sintética.

Larguei um presentinho atrás de mim, então ativei a camuflagem.

Um pequeno sol surgiu dentro da atmosfera do planeta. *Katib* foi arremessada para frente e o caça atrás de mim desapareceu. Fui cuspidos para fora de Júpiter pela nova tempestade que se formava e recebido por um novo feixe de energia, que derrubou meus escudos. Camuflagem ou não, parecia que a explosão, ou talvez o movimento dos gases na atmosfera, havia revelado minha posição à canhoneira, que havia permanecido acima das nuvens.

Girei a nave no próprio eixo sem mudar o vetor. Abri fogo com ambas as metralhadoras, pintando o topo da canhoneira losangular com pequenas explosões de impacto. Reativei a camuflagem e acelerei na direção oposta. Outra vantagem de se pagar caro pelo equipamento que se usa. *Katib* tinha um propulsor gravitacional. Usava as fontes de gravidade a minha volta como eixos. Era como se lançasse cordas invisíveis na direção de planetas, estrelas e até mesmo outras naves e as usassem para se movimentar. Isso

significava mudar de direção bem rápido.

A canhoneira disparou no ponto onde eu deveria estar se tivesse continuado naquele ângulo. Então desliguei a camuflagem e abri fogo novamente. O nariz já danificado da nave rompeu, expondo suas entranhas. Provavelmente teria sido fatal se comandada por um piloto orgânico. Foi o suficiente para fazê-la perder o controle. E perder o controle tão perto de Júpiter era morte certa.

Deixei a camuflagem desativada para não consumir todo o cristal que a abastecia e voltei minha atenção à *Rainha da Sucata*. Ela estava flutuando poucos quilômetros acima das nuvens. Chamas breves ainda eram visíveis onde o casco havia sido rompido. O propulsor estava desativado. Havia um carrapato cinza preso à sua lateral.

Não havia como a tripulação escapar. Se usassem cápsulas de fuga, seriam engolidos por Júpiter. Se eu destruísse a canhoneira atracada à força ao casco, corria o risco de expor o interior da nave ao vácuo. Duvidava que algum yahidar à bordo teria imaginação o suficiente para pensar numa saída.

— Para onde você está indo?

— Embora.

O garoto não disse nada. Ficou calado a viagem toda. Se houvesse algum tripulante vivo naquele cargueiro, ele já era prisioneiro de uma horda de robôs sem o menor pudor em torturar seres orgânicos.

A grande questão era por que Eles tinham tanto interesse em um transporte de lixo espacial.

Pousamos em Freeport poucas horas depois. Reportei o ataque a uma patrulha da República da Ásia, mas duvidava que fizessem algo a respeito. Provavelmente estavam mais preocupados em espionar as colônias dos outros países no sistema Joviano. E me perguntam por que deixei Sol para trás...

Ao que parecia os donos do lugar não investiam muito no suporte de vida local. O ar cheirava a óleo e metal, e a temperatura era abaixo do que eu preferia. A população não era muito melhor: mineradores e transportadores

procurando diversão após semanas ou meses no espaço, e uma pequena multidão de mercenários de todo o tipo procurando emprego.

O problema de verdade era a pequena pendência com o contrato anterior.

— E então?

— Nada.

Havia tentado contactar meu cliente diretamente e através da secretária. Não consegui resposta. O máximo que consegui foi contato com *Helena*, um outro cargueiro da frota sucateira, vindo de Urano, que não fazia ideia do que havia acontecido. Acho que deixei o comandante em pânico.

Bom, eu tinha meus próprios problemas. No caso, um jovem yahidar que parecia ter murchado, olhando com um par de grandes olhos amarelos remelentos para o nada.

— Você deve ter parentes. Alguém que possa se responsabilizar por você.

Não era um expert em yahidars, mas sabia que Caído tinha idade o suficiente para ser legalmente considerado um adulto. No entanto, algo no olhar do sujeito me fazia pensar que ele não sobreviveria uma hora sozinho sem ajuda.

— Tenho um tio, eu acho. Talvez ele estivesse na *Rainha da Sucata*.

— Pode tentar contactá-lo? Falar com alguém pra quem eu possa te entregar?

Ele afirmou com a cabeça, o papo chacoalhando com um som úmido, e começou a mexer no computador. Pedi alguma coisa para bebermos. Acho que ambos precisávamos de algo forte.

— Arturo Ramazatti. Nunca pensei que o veria novamente tão perto de casa.

Internamente, chorei. Claro que eu era conhecido em Freeport. Claro que esbarraria com alguém que tivesse coragem de falar comigo, mas não esperava ser logo Kala Arkad syn. O rosto ovalado sorria sem lábios. Podia ver meu olhar de descontentamento refletido nos grandes olhos metálicos de tom mais azulados que a pele verde.

— Kala.

— Tanta formalidade depois de tudo que passamos? Pode me chamar de syn.

Ela puxou uma cadeira e se sentou entre o yahidar e eu, debruçando-se

sobre a mesa e xeretando meu copo. Os tentáculos em sua cabeça haviam sido amarrados num rabo de cavalo tremulante. Os do queixo, bem mais curtos, moviam-se livremente. Por algum motivo achava que eles estavam debochando de mim.

— O que faz por aqui?

O tom da minha pergunta foi ácido. De propósito.

— Pegando um contrato novo, — ela respondeu, fingindo não reparar.

Virou-se para prestar atenção no yahidar, como se esperando que eu o apresentasse. Não dei a ela o que queria.

— Quem é o alvo?

Ela se voltou para mim, o sorriso ainda lá. Eu odiava aquele sorriso constante. Eu já a havia visto sorrindo assim enquanto torturava um contrabandista pravi para obter informações.

— Não é bem quem, mas o quê. Um paleoartefato qualquer.

— Contrabando, aposto.

O sorriso se esticou um pouco mais. Nós tínhamos um histórico conturbado, ela e eu. Começou quando eu matei o ex-marido dela. Longa história. Mas também já tinha me beneficiado dos seus contatos. O sistema de camuflagem de *Katib*? Comprei de um conhecido dela por um preço irrisório.

— Quem é o seu amigo?

— Sou o parceiro dele — disse o yahidar antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

— Quê? — Tanto eu quando minha colega de profissão dissemos ao mesmo tempo, ambos com tom de espanto. A diferença foi o sorriso no rosto dela, e o pânico no meu.

A expressão no rosto do yahidar havia mudado radicalmente. Ele continuava olhando para o vazio, mas tinha um tipo de sorriso frouxo nos lábios umedecidos e um brilho quase insano nos olhos. Tinha até se sentado mais ereto na cadeira.

— Estamos em uma missão secreta juntos. Não podemos contar nada a respeito, desculpe.

— Mas o quê...?

Kala gargalhou, uma mão na barriga, a outra ajudando-a a se levantar. Ela pegou meu copo, bebeu um gole e se afastou.

— Vou deixá-los discutir a relação. Foi muito bom encontrá-lo, Arturo.

Muito bom mesmo.

Ela piscou um olho, fez a mão de pistola e puxou um gatilho imaginário para o yahidar, então foi embora, ainda rindo. Cogitei fazê-la tropeçar em alguma coisa. Provavelmente conseguiria arrastar algo para seu caminho, talvez até atingi-la na cabeça com um objeto cortante. Mas sabia que acabariam me descobrindo e não estava interessado em mais problemas.

— Meu pai está morto.

Virei para o yahidar. Ele ainda estava sorrindo quando disse aquilo.

— Ótimo. E agora? Quem paga a conta?

— Você não entende. Herdei tudo que era dele.

— Inclusive a dívida por te resgatar.

Ele não pareceu perceber o que eu havia dito. Estava perdido em alguma fantasia copiada de holofilmes terráqueos.

— Se eu tenho a fortuna dele, posso pagá-lo.

— Ótimo. Estamos resolvidos então.

Não seria eu que mencionaria a perda astronômica que a companhia dele teria com a destruição de seu principal cargueiro. Cada um com seus problemas.

— Só depois que salvarmos a Galáxia.

Por que eu sempre pego os piores contratos no Universo conhecido? Bebi um longo gole da minha cerveja. Chequei no computador do véu o status do meu contrato com o pai do garoto. Segundo uma cláusula que eu mesmo incluí, já que yahidars são propensos a morrer por sua própria culpa, o contrato passava imediatamente aos herdeiros legais do contratante. Se eu quebrasse o contrato, ficaria devendo o dobro da recompensa original ao contratante. O problema era que, se agora o objeto do contrato e o contratante eram a mesma pessoa, como eu poderia entregar o objeto ao contratante?

Isso daria uma dor de cabeça a algum advogado.

Será que eu podia acabar com o problema matando o garoto?

Não. Isso também violava o contrato. Tecnicamente, só o garoto poderia encerrar o contrato pagando a recompensa completa. Se o garoto morresse, eu ficava sem nada, só os gastos que tive até então.

Adoro esse tipo de situação.

— Eu sou um caçador de recompensas e não uma babá.

— Você aceitou um contrato para me resgatar.

Quem estava alimentando as ideias desse garoto?

— E daí?

— Aceite um para resgatar minha honra!

— Honra? Que honra? Você é maluco.

O yahidar suspirou longamente. O corpo bulboso pareceu murchar sobre a mesa. Por um instante achei que ele estivesse se desfazendo diante de mim. Então, ele sugou o ar pela boca enorme e começou a falar.

— Fui escolhido para restaurar a antiga Ordem dos Cavaleiros da Federação. Para isso, precisei resgatar a bionave Babylon e ir até além do espaço conhecido, onde a escuridão enlouquece os homens, para reencontrar a chave da Luz Divina escondida em um planeta-prisão. Assim poderei unificar toda a galáxia contra o avanço da raça de robôs que nós mesmos criamos!

Sério. Juro que foi isso que ele me disse. Tenho tudo gravado aqui. Já disse que deviam proibir a venda de filmes e novelas feitas na Terra para yahidars? É tipo uma droga, só que pior.

Levei uns dois minutos para conseguir dizer alguma coisa.

— Você tem problemas.

Eu também. Concordei com a nova proposta.

Para nossa sorte, a estação ainda estava lá, apesar da órbita estar ainda mais próxima da anã branca. Uma seção em forma de discos sobrepostos parecia ter se desprendido e desaparecido. Era provavelmente aquele anel de destroços chocando-se lentamente contra a superfície ardente da estrela.

Segundo os cálculos de *Katib*, tínhamos poucos minutos antes da estrutura se partir. Era um chute, claro. *Katib* dizia que sua análise tinha uma margem de erro de grande.

Pousei minha nave na mesma plataforma anterior, saltando do cockpit e acenando para que Escolhido — ele havia voltado a se chamar assim no caminho para a estação — andasse logo.

Estava analisando se o suporte de vida entre nós e a câmara central estava ativo quando *Katib* enviou uma mensagem para meu computador. A imagem piscou no meu campo de visão.

Nos sensores, quatro naves se aproximavam. Daquela distância, *Katib* não conseguia identificá-las, mas sabia bem a origem.

Eles.

Ótimo...

Empurrei o garoto para andar mais rápido.

— Por que Eles estão atrás de você?

O garoto me olhou com aqueles olhos grandes e melados por alguns segundos antes de entender a que eu me referia. Olhou por cima do ombro para o espaço. *Katib* já estava decolando, a camuflagem sendo ativada sob meu comando.

Com uma expressão de culpa, Escolhido puxou do bolso um objeto de desenho estranho: um disco prateado cravejado de um tipo de pedra ou vidro colorido, apagado. Havia ranhuras por toda a superfície, aparentemente feitas para encaixar em uma peça maior.

Lembrou-me imediatamente da outra caçadora de recompensas.

Um disparo atingiu a porta diante de nós. Não precisei olhar para trás para saber quem era.

— Corre!

Empurrei o garoto pela porta enquanto sacava minha própria arma.

Kala Arkad syn assobiou como que para um cão e correu atrás de nós.

Não, eu não estava com medo. Pelo menos não por mim. Kala não era a melhor caçadora de recompensas que existia. Em termos de habilidade pura, conheço melhores. Eu inclusive. Mas Kala era determinada e tinha um arsenal tecnológico a sua disposição, provavelmente obtido das corporações de seu mundo natal, as mesmas que forneciam armamento para os governos e movimentos separatistas na Terra. Aquelas que geraram o caos que tomou conta do sistema durante décadas depois do primeiro contato.

Que *Katib* não havia detectado a chegada de sua nave não era mistério. Kala provavelmente tinha equipamento de camuflagem semelhante em sua própria nave.

Chegamos à câmara onde havia encontrado o garoto pela primeira vez. Tinha a forma de um semicírculo. No centro, havia um tipo de terminal na forma de pedestal. O corpo transparente revelava cabos grossos, translúcidos, saindo do topo até o interior da estação. Uma luz tênue, azulada, pulsava no chão, como se o lugar estivesse sem energia o suficiente para se manter completamente ativo. Considerando o estrago, com buracos

abertos nas paredes e equipamento quebrado espalhado por toda a parte, não era de se surpreender. Não podia imaginar o tipo de tecnologia que construía aquele lugar, avançada apesar de milenar, capaz de manter gravidade, atmosfera e temperatura dentro dos corredores apesar dos óbvios estragos feitos pelo tempo e por vândalos.

Kala apareceu na porta com uma pistola grande nas mãos. Parecia ser algo bem avançado, com sensores, munições especiais e provavelmente inteligência artificial integrada. Ela errou porque quis.

— Sabia que um dia nos estaríamos de lados opostos de um contrato.

— Tipo no dia em que nos encontramos pela primeira vez?

Ela deu de ombros, sorrindo.

— Daquela vez foi coincidência.

Eu não abaixei minha pistola, mas estava em desvantagem. Tinha de manter o garoto vivo.

— Quem te pagou pra pegar o artefato?

— Um grupo de corporações niterianas. — Ela abriu aquele sorriso amigável que todo niteriano tem. — Estão pagando uma pequena fortuna por essa coisa.

Olhei para o garoto. Estava tenso, a pele da cabeça pulsando, gases tóxicos escapando dos respiradouros na nuca. A língua roxa, grossa e pegajosa, escapou da boca e lambeu os olhos. Abraçava o artefato perto do peito como uma criança guardando seu brinquedo mais querido.

Kala deu alguns passos para o lado, cautelosa. Estava buscando a proteção aparente de um terminal antigo e parcialmente destruído. A arma estava mirada em mim.

— Se soubesse desde o início que o paleo estava contigo, teria matado esse saco de pele em Freeport.

Imitei seus movimentos. Caminhei, empurrando Escolhido com uma mão, para por outro terminal entre a niteriana e nós. Duvidava que pudesse chegar até o bendito altar onde o garoto colocaria a chave e acabaria com tudo. Não via a hora de receber a mensagem de contrato concluído.

— Olha, Kala, você pode esperar um pouco? Ele coloca esse treco no lugar, meu contrato com ele se encerra, e então você faz o que quiser.

— A chave não pode ser removida. — explicou o yahidar parecendo bastante sério.

Kala deu de ombros naquele tipo de gesto humano que eu odeio quando

alienígenas aprendem, então começou a atirar.

Puxei Escolhido para o chão enquanto usava a mente para arremessar um pedaço de equipamento entre Kala e eu. Os disparos atingiram o metal, soltando faíscas e arremessando-o para longe.

Eu estava cercado por robôs homicidas numa estação prestes a ser engolida por uma estrela protegendo um fanático de uma caçadora de recompensas muito bem equipada. Me lembre de não aceitar esse tipo de roubada de novo.

— Vamos lá, Arturo. Você sabe que minha filha ia odiar se eu o matasse. Entregue logo o artefato.

Olhei para o garoto, na esperança de que ele fosse concordar. Claro que não concordou. Balançou a cabeça exagerado, os olhos grandes como os de um gatinho pedindo colo. No caso, um sapo boi gigante pedindo colo.

— Desculpa, Kala. — Atirei por cima da barricada sem a menor intenção de atingir. Estava tentando ganhar tempo para pensar. Isso pelo menos manteria Kala abaixada.

O painel onde a chave precisava ser colocada ficava a alguns metros dali. O problema era que o caminho até lá estava completamente descoberto. Se eu tivesse um pouco mais de finesse provavelmente conseguiria colocar a chave no buraco apenas com a mente. O problema seria resolvido fácil. Mas não era o caso. Se tudo que precisasse fosse arremessar essa coisa com toda a força, eu faria. Só não me peça para fazer cirurgia com a mente. O estrago seria grande.

Puxei do bolso interno do sobretudo uma mina guiada. O custo desse trabalho só aumentava. Configurei o aparelho para a genética niteriana e a arremessei por cima da barricada. Ela se abriu e disparou na direção de Kala impulsionada pelo motor magnético. Eu sinceramente me sentia mal por matá-la. Não achava que ele era o tipo de pessoa que precisava morrer. Muito menos pelas minhas mãos.

Problema dela.

A mina explodiu, fazendo tremer o ambiente mais do que necessário. Kala parou de atirar.

Você não vive tanto tempo nessa profissão sendo burro. Não acreditei que tivesse pego ela. Empurrei com a mente uma placa de metal descartada entre nós e o altar da chave. Fiz rolar uma peça, como se estivesse correndo naquela direção. Kala atirou exatamente onde eu estaria se fosse burro.

— Esperto — ela gritou.

— Diria o mesmo. Como você esquivou da mina?

— Uma isca eletrônica, configurada para parecer um grupo de niterianos.

Eu te conheço. Sei como você trabalha.

Esse é o problema em ser famoso. Seus truques começam a ficar velhos.

Contactei *Katib* para saber a situação lá fora. Suspirei assim que vi a resposta.

Uma explosão. A estação estremeceu e as luzes piscaram. Fiquei mais leve e vi alguns objetos flutuarem, antes de retornarem ao chão.

Podíamos ouvir o som de pés de metal marchando pela estação. Kala murmurou um palavrão. Ouvei algo sendo montado e ligado. Devia estar se preparando para o óbvio.

— Eu só quero o artefato.

A voz da niteriana estava afetada pelo medo. Acho que ela sabia muito bem o que estava vindo. Ouvei o som de uma tocha de plasma cortando a porta.

— Eu realmente preciso do dinheiro dessa recompensa.

Alguns segundos onde o único som foi o das faíscas escapando da porta.

— Te passo metade da minha recompensa.

Olhei para o garoto. Escolhido parecia prestes a chorar. Olhou para o artefato, depois para o equipamento onde pretendia ligá-lo. Ele ia correr, e ia acabar sendo morto.

— Acho bom isso valer muito a pena — acabei murmurando para o garoto, que não pareceu entender.

As coisas aconteceram todas ao mesmo tempo.

A porta caiu para dentro, o choque com o chão ecoando pela câmara. Eles entraram abrindo fogo com seus rifles laser. Uma mina, provavelmente colocada lá pela niteriana, detonou.

Kala saltou de onde estava, exposta aos autômatos, disparando com um tipo de escopeta magnética. Derrubou dois ou três d'Eles enquanto ela mesma era atingida.

Escolhido se levantou, correndo com suas pernas curtas e roliças na direção do altar, o paleoartefato abraçado perto do corpo. Ele gritava uma espécie de mantra ou hino sobre ir onde yahidar algum jamais havia ido antes.

Levantei da minha própria proteção, jogando com a mente uma pilha de

detritos entre Escolhido e os disparos d'Eles. Atirei na direção da porta com as duas pistolas, sabendo que o inimigo não se abaixaria para evitar os disparos.

Um yahidar fantasmagórico usando longas vestes rústicas surgiu no meio do salão, os braços cruzados sobre o peito gordo, as mãos ocultas dentro das mangas largas. Ele observou o embate como quem desperta de um longo sono aos gritos de um bando de crianças arruaceiras.

A súbita aparição me fez desviar a atenção por um segundo. Foi tempo o suficiente para que me atingissem no peito.

Senti queimar o corpo, apesar de meu sobretudo absorver a energia do laser e dispersá-la pela superfície do material. Fazia com que eu não tivesse um buraco no peito, mas deixaria uma queimadura no meu tórax por um bom tempo. Me joguei no chão enquanto um segundo e um terceiro tiro me atingiam no braço e na perna.

Os tiros e as explosões terminaram, mas não o som dos passos metálicos. De onde havia caído, não conseguia ver nada nem ninguém. Chequei minhas pistolas, olhei o estrago feito pelo inimigo nas minhas roupas. O tecido inteligente tentava se reparar, mas levaria tempo. Se me atingissem no mesmo lugar de novo — e máquinas era ótimas em serem repetitivas — eu teria sérios problemas.

Depois de um tempo, o som dos passos se afastou. Fui deixado em completo silêncio.

— Eles já foram — disse uma voz que eu não conhecia.

Levantei, ambas as armas prontas, cobrindo o ângulo máximo.

De onde estava podia ver apenas a mão verde de Kala, caída perto de sua escopeta. Havia sangue no chão. Muito sangue. Não podia parar de pensar no rosto da filha dela. Não havia sinal de nenhum autômato inteiro. Alguns pedaços estavam espalhados pelo chão. Braços e pernas finas, uma cabeça prateada no formato de um bico de pássaro. Lembrei dos autômatos que encontrei na estação quando vim buscar o garoto.

Procurei por ele. Estava morto, um buraco enorme na cabeça. Pedacos do crânio e do cérebro escorriam para fora. E uma outra coisa. Eu levei alguns segundos para identificar o ponto metálico que havia sido implantado no cérebro. Assim, exposto, ele parecia emanar uma força psíquica poderosa que eu podia sentir sem nem ao menos precisar me concentrar.

— O Escolhido morreu. É sua a missão de salvar a Galáxia.

Eu estava realmente irritado. O garoto estava morto e meu contrato, inválido. Tinha acabado de provocar a morte de um companheiro que estava do outro lado apenas por questões profissionais. E meu corpo doía pra caramba.

Virei para o yahidar holográfico. Ele parecia saído de um holofilme, com uma aparência sábia e superior que yahidar algum jamais tivera.

— Eu não estou a fim de baboseira. Quem é você de verdade?

O holograma me encarou por um tempo, como se me estudando. Então balançou a cabeça com um suspiro.

O holograma perdeu peso. Muito peso. Tornou-se extremamente magro, perdeu as vestes em troca de uma roupa metálica colada ao corpo. A cabeça cresceu, a boca encolheu. Os olhos continuaram grandes, mas tornaram-se negros e ovalados. A pele mudou de um marrom oleoso para um cinza pálido.

O celoniano me encarou com a característica expressão de impaciência da primeira espécie a fazer contato ilegal com a raça humana.

— Você é menos estúpido que outros da sua espécie.

— Vindo de um celoniano, isso certamente é um elogio.

— Você foi modificado. Telecinese não é natural em sua espécie. Posso sentir a cicatriz em sua mente.

Senti alguma coisa tocar meu cérebro. Era sutil, mas como se dedos alisassem minha cabeça. Lembrei da sensação que senti quando vim buscar o garoto pela primeira vez. Talvez não tivesse sido Escolhido daquela vez.

— Quem é você?

— A estação, lógico.

Claro, lógico que o celoniano holográfico que surgiu do nada no meio de um tiroteio era a estação moribunda onde eu estava.

— Faria sentido — ele respondeu, como se lendo a minha mente — se sua espécie fosse evoluída o suficiente para compreendê-lo.

Guardei as armas no coldre. Chequei com *Katib*. A fragata d'Eles permanecia longe. *Katib* estava oculta do lado oposto da estação.

— O que está acontecendo aqui?

— Esse lugar era a espada sobre a cabeça do regente.

A estação rangeu. Acho que ouvi o som de alguma coisa se soltando.

— Poderia ser menos enigmático? Não estou com tempo para quebra-

cabeças.

— Milhares de anos atrás, quando sua espécie ainda aprendia a fazer fogo, nós, as raças antigas desta Galáxia, enfrentávamos o maior inimigo de todos. Era uma força impossível de ser detida. Impossível para nós separados.

— Certo. Foi assim que a Liga dos Mundos foi formada. Aprendi isso na escola.

A dor de cabeça que o garoto me deu antes não foi nada comparada ao que senti naquela hora. Caí de joelhos no chão, totalmente atordoado. Achei que ia apagar. Então tudo voltou ao normal.

— Ok, não interrompo mais.

O holograma não mudou de expressão. Apenas continuou a narrar sua história, como se tivesse apenas afastado uma mosca irritante.

— Nem todos concordaram que o perigo havia sido erradicado. Por isso, o conselho votou pela construção de uma linha de defesa para ser usada em último recurso. Uma proteção caso um novo ataque, ainda mais poderoso, fosse feito contra a Liga dos Mundos.

Estrelas se acenderam por todo teto do salão. Representava a Galáxia alguns milhares de anos atrás. Um conjunto delas foi marcado, interligado por linhas púrpuras. Eram os mundos originais da Liga dos Mundos. Formava uma mancha enorme que seguia na direção do centro da galáxia. Apesar do tamanho fenomenal, não ocupava nem mesmo um quarto da Via Láctea. As demais estrelas surgiram em vermelho, em especial um vasto grupo que imaginei ser o extinto inimigo. Havia uma faixa apagada entre as duas manchas. Essa faixa era a Zona Independente, onde a maioria das espécies não-alinhadas, todas consideradas primitivas, viviam. Tinha certeza de que o nosso Sol estava ali em algum lugar, insignificante naquele oceano galáctico. Uma outra estrela, van Maanen, se acendeu.

— A Zona Independente é a linha de defesa?

O olhar do coloniano holográfico era o de quem está cogitando esmagar com o dedo uma formiga que se aproximou demais do seu prato. Me calei na mesma hora.

— Vocês eram insignificantes. Ainda são. Mas havia alguns membros do conselho que acreditavam no seu potencial de tornarem-se alguém um dia. Obviamente estavam errados. Foi por isso que aos colonianos foi dado o comando dessas estações. Ninguém mais teria a coragem de acioná-las

quando fosse necessário.

Não sei se todo coloniano é assim tão lento para chegar ao ponto. Talvez seja porque esse sujeito esteve ali preso àquela estação havia milênios, somente recebendo transmissões vindas dos planetas mais próximos. Bom, pelo menos quando elas começaram a chegar. Toda aquela aula de história era interessante, mas não enquanto eu estava dentro de uma estação prestes a se partir em milhares de pedaços.

Katib transmitiu alguns dados. Levei alguns segundos para entender o que se tratava. Estaquei de imediato.

— Isso é impossível. Essa estrela está longe do fim da vida.

Mas não havia como discutir com os fatos. Alguma coisa estava provocando o início de uma supernova. Eu nunca vi uma coisa dessas acontecendo, mas não precisava que *Katib* fizesse uma simulação para saber que o resultado seria a destruição da vida em todos os sistemas estelares na região, inclusive Pravas, Niter e, claro, a Terra.

— É essa a linha de defesa? Uma supernova artificial?

— Uma de muitas.

A estação voltou a tremer. Olhei na direção do fosso sem fim. Podia ver o brilho branco vindo de lá.

— Bom, mas você está prestes a ser engolida pela estrela. Então não há risco algum.

— O sistema possui um gatilho especial. Caso eu seja destruída, a supernova acontecerá. Era necessário, caso o inimigo descobrisse a verdade e atacasse antes que pudéssemos reagir.

— Magnífico. E agora?

— É por isso que atraí este yahidar. Criei essa falsa profecia com base no que pude absorver das transmissões emitidas de seus mundos. Quando ele veio até aqui, introduzi um implante para poder me comunicar enquanto ele estivesse longe. Ele recuperou a chave que desativa a estação.

Olhei para o yahidar morto. Ele podia ter sido ingênuo, mas certamente era determinado. Nem imagino pelo que passou e o que precisou fazer para conseguir recuperar aquele paleoartefato.

A chave. Olhei por cima da barricada. Não havia sinal do paleoartefato. Descobri o que Eles queriam com o cargueiro yahidar. O holograma explicou a ligação.

— Eles acreditam que a detonação dessa estação ajudará a purificar a

região de orgânicos como você.

— Ótimo... Você não pode fazer alguma coisa?

— Já estou fazendo. Eu os estou atrasando o máximo que posso, mas o conselho a ser rápido. Não durarei muito mais tempo.

Segui o caminho por onde Eles escaparam até uma porta fechada. Procurei algum tipo de painel de acesso ou controle manual, mas não identifiquei nada. Sabe-se lá o que esses alienígenas de milênios atrás usavam.

A luz da porta se acendeu, talvez um resultado do esforço da estação. Talvez ela realmente estivesse lendo minha mente. O ar da câmara foi sugado para fora. Quase fui arrancado de onde estava e cuspidos para o vácuo. Me segurei por telecinese ao chão de metal, atordoado o suficiente para perder um segundo antes de pensar em alertar meu computador pessoal do problema.

O traje foi mais rápido. Selou o espaço entre véu e turbante. As mangas do sobretudo se prenderam às luvas e a cauda longa da roupa ao meu corpo. Começou a me fornecer calor e oxigênio na mesma hora. Por sorte o tecido inteligente havia selado o dano provocados pelos tiros d'Eles a tempo. Já mencionei como essa roupa é útil?

Do outro lado boa parte do túnel, as paredes e o teto em particular, estavam faltando. Hastes de metal como costelas em um animal morto permaneciam aqui e ali. No final, uma plataforma parecia prestes a se soltar.

Quatro autômatos magros de forma ligeiramente aquilina caminhavam na direção da escotilha de uma canhoneira com a parte da frente destroçada. Aparentemente alguém havia sobrevivido a Júpiter.

Precisava impedi-los de fugir. Se entrassem na nave, seria difícil recuperar a chave sem o risco de destruí-la. Mandei um sinal para *Katib* e abri fogo contra eles.

A resposta foi imediata.

Enquanto meus tiros atingiam as costas e a nuca do autômato mais próximo, fazendo-o tropeçar e cair de joelhos, dois outros voltaram-se para mim com rifles prontos. O quarto, certamente aquele levando o

paleoartefato, continuou em frente.

Feixes laser cortaram o vácuo, obrigando-me a procurar a cobertura da antepara. Respirei fundo, me concentrei e virei atirando enquanto usava o poder da mente. O autômato que havia caído estava erguendo-se, o corpo soltando faíscas onde eu o atingira. Usei a mente para fazê-lo perder o equilíbrio e cair no caminho do laser de um dos companheiros. O feixe o cortou em dois, fazendo seu atacante parar por um breve segundo. Meus disparos não tinham como alvo aqueles dois, mas sim o quarto autômato.

Acertei o portador do artefato no ombro e na omoplata metálica, fazendo o corpo magro girar sobre a própria perna. O movimento expôs a mão que segurava a chave.

Um pensamento, e arranquei-a da mão do autômato. Ela voou pelo corredor até mim. O soldado nem parou para pensar. Simplesmente ergueu sua arma na minha direção.

Katib saiu da camuflagem logo atrás dele, os casulos abertos. Me joguei para longe enquanto Eles eram moídos por algumas centenas de balas da minha nave.

Corri. Corri mais do que pensava que pudesse. Era um daqueles momentos em que você pensa por que não incluiu algum tipo de injeção de estimulante do seu traje de combate. Uma dose e estaria como novo.

Cheguei à câmara com as pernas queimando de exaustão. Escorreguei no sangue de Kala, deslizei pelo chão e quase deixei a chave escapar. O holograma me observava impassivo, os braços cruzados como quem espera o cronômetro chegar ao final para poder dizer que você falhou.

Pulei, impulsionado mais pelo desespero do que pela força física ou mental. No fundo da minha mente, alguma coisa parecia errada.

Caí aos tropeços aos pés do altar, a chave ainda na mão.

— O que você está esperando?

Virei para o holograma.

— Por que corporações niterianas pagariam para que uma arma capaz de destruí-las fosse ativada?

O holograma franziu a testa, um tanto irritado.

— Do que você está falando? Apenas use a chave antes que o tempo se acabe!

E não era só isso. Lembrei algo sobre o que *Katib* me mostrou sobre Eles.

— E por que Eles iriam querer destruir a Zona Independente? Autômatos

ou não, seu mundo também seria destruído pela supernova.

A dor de cabeça foi forte. Fiquei completamente atordoado.

— É por isso que eu quero ver cada um de vocês mortos, incinerados em seus planetinhas patéticos! Você tem ideia do que é passar séculos preso aqui ouvindo suas transmissões? Vocês merecem ser obliterados, todos vocês!

Katib me alertou que a fragata d'Eles se aproximava. Suas armas estavam ativas. Eles tentariam destruir a estação se preciso para impedir a detonação da supernova. Mandeí um comando e me forcei a levantar. Falhei miseravelmente.

— Coloque a maldita chave no lugar ou o farei sofrer até o último segundo!

Com esforço descomunal, rolei para o lado. Usei a força que tinha para tentar ir para o mais longe possível do altar e do holograma. Usei telecinese para me deslizar pelo chão. Isso só piorou a dor.

Num lampejo de lucidez, percebi que estava ao lado do fosso sem fundo. A Estrela de van Maanen brilhava no meu rosto, trazendo a lembrança do que estava prestes a acontecer.

Olhei para o holograma. Forcei um sorriso e o saudei com meu dedo do meio.

Então rolei para trás, para dentro do fosso.

Caí na direção do buraco e da estrela, a chave da Luz Divina abraçada ao meu corpo. Por incrível que pareça, a dor de cabeça começou a passar, e foi substituída por um cansaço absurdo. Duvidava que meu traje pudesse me manter vivo por muito mais tempo no vácuo.

Katib sabia disso. Abriu a carlinga e praticamente me engoliu onde me esperava abaixo do fosso sem fim. Felizmente havia recebido meu último comando.

A Estrela de van Maanen engoliu o que restava da estação celoniana sem nem pestanejar. Nada mais explodiu. Aparentemente eu havia salvo a Galáxia. Ou pelo menos parte dela.

Claro que ninguém sabia disso, nem dava a mínima.

Não havia sinal da fragata d'Eles. Era o que Eles queriam desde o início: impedir que algum imbecil detonasse a supernova. Eu quase fui esse imbecil.

Katib marcou a trajetória para Niter. Olhei para o paleoartefato. Talvez

pudesse reclamar o contrato feito por Kala. Ao menos pagaria pelo que perdi com os yahidar. O resto iria para sua filha. Eu não era um monstro. Só um vilão accidental.

Finalmente adormeci. Lembro de ter pensado vagamente no fato de existirem outras estações como aquela, prestes a explodir se alguém fosse menos inteligente.

Que se dane. Não sou herói. Cada um com seus problemas.

***J. M. Beraldo** é um nômade carioca que ganha a vida como game designer. Tem contos nas antologias *Brinquedos Mortais* (2012), *Sagas 4* (2013), *O Outro Lado da Cidade* (2015) e *Piratas!* (2015). Publicou os livros *Véu da Verdade* (2005), *Taikodom: Despertar* (2008) e *Império de Diamante* (2015). Tem ideias demais e tempo de menos, mas jura que um dia coloca tudo para fora.*

Leia a entrevista que fizemos com o autor.

ELES TAMBÉM NOS VIGIAM

Geraldo de Fraga

O magistrado deveria chegar assim que o sol nascesse. Porém, os pássaros já cantavam há mais de duas horas quando a carruagem parou em frente à casa do vigia. Carmona havia esperado pacientemente por ele. Após 20 anos tomando conta da cidadela, paciência não lhe faltava.

Morientes desceu da carruagem com dificuldade, mesmo assim recusou a ajuda do jovem que o acompanhava. O rapaz olhava espantado para a muralha que se erguia sobre a cidadela. Carmona fez uma reverência assim que o magistrado pisou no chão.

— Carmona — disse o velho. — Lembro-me de ter lhe presenteado com um cão quando lhe deixei aqui. Um belíssimo animal de raça pura. Não o vejo nem ouço seus latidos.

— Por mais pura que seja a raça, pouco cães vivem por vinte anos.

Aquilo não foi dito como uma piada, mas fez o regente sorrir.

— Que insensatez a minha. Deve ser coisa da idade.

As duas últimas décadas haviam sido cruéis com Morientes. Ele tinha 50 anos, mas aparentava bem mais.

— Abel, cumprimente seu tutor — ordenou ao garoto ao seu lado.

O jovem magricelo tirou a mão de dentro do casaco e a esticou para Carmona. Estava frio e ele tremia. Era tão fraco que parecia doente. Após o aperto de mãos, distanciou-se um pouco e começou a espirrar, retornando depois de limpar as mãos nas calças.

— Qual seu sobrenome? — Perguntou o vigia.

— Ávila, senhor — respondeu, após segurar outro espirro.

— Não conheci sua família.

— São da costa oeste, de Vila Marinha — interrompeu o magistrado. — O pai dele é o prefeito do distrito. Matias Ávila. Seu pai o conhece, provavelmente — completou.

Aquela última frase fez Carmona dar um passo em direção ao velho.

— Como ele está? — Indagou com a voz embargada.

— Bem — disse Morientes, pondo as mãos em seus ombros — Você ainda o verá com vida. Abel — gritou — ajude Rato com as bagagens. Vamos entrar, está muito frio — disse, antes de caminhar em direção à casa.

Dentro da residência, a lareira crepitava e um caldeirão exalava um cheiro de carne cozida que tomava conta de todo o ambiente.

— Coelho? — Perguntou o velho.

— Sim, senhor.

O vigia levou o magistrado até o único quarto. Era o costume oferecer seus aposentos quando uma autoridade estava presente.

— Preparei esteiras para mim, o garoto e... como se chama mesmo o cocheiro?

— Rato.

Rato e o garoto entraram carregando duas grandes malas cada um. O cocheiro colocou as que trazia no quarto, enquanto Abel deixou as suas na sala.

— Sentem-se à mesa. Vou servir o guisado — disse Carmona.

— Ainda não está bom — falou Morientes abrindo o caldeirão e mexendo o conteúdo com uma colher de pau. — Conheço um guisado de coelho pelo cheiro. Deixe que eu tome conta. Aproveite e leve logo seu aluno para conhecer o topo da cidadela.

Abel olhou para Carmona, e após o sinal de positivo do mestre, seguiu-o esfregando as mãos nos braços.

— É sempre tão frio aqui?

— Só no inverno. Mas já está chegando ao seu fim — respondeu Carmona.

A cidadela era uma edificação secular, onde havia um alto e largo portão de carvalho. Quando aberto, através de uma roldana que ficava à sua direita, dava acesso a um corredor que levava à ponte que ligava o continente até a Ilha dos Pavores.

A ponte, conhecida como Ossos, era feita de pedra. Embaixo passava o Rio dos Condenados. Não era longa, apenas 100 metros separavam o continente da ilha. Por isso a cidadela era tão importante. Sem um vigia para tomar conta, alguma coisa, ou várias, poderia escalar ou tentar arrombar a entrada, mesmo que o portão fosse bem espesso.

Portão esse que ficava incrustado bem no meio da grande muralha de

concreto que se erguia por exatos 32 metros e media 600 metros de uma ponta a outra. A espessura da muralha era de 20 metros, então 10 metros do corredor ficavam do lado de fora. Tudo aquilo estava ali há mais de 300 anos.

O local onde ficava a cidadela era um dos pontos fracos do reino, diziam os livros de história. Mas após décadas sem registrar qualquer invasão, para muitos governantes, as criaturas da Ilha dos Pavores eram apenas lendas e histórias de crianças. O que sustentava a importância da cidadela eram os relatos de cada vigia que retornava de 20 em 20 anos. Todos traziam consigo algo para contar. Algo que ainda faziam os nobres senhores respeitarem a cidadela do Passo das Almas.

Carmona e Abel subiram pela escada de tiro até o topo da muralha. O vigia fez questão de olhar para o garoto para ver sua reação na hora em que colocasse os olhos do outro lado. O jovem tremeu, exatamente como o vigia esperava, mas dessa vez não de frio.

Ossos possuía uma peculiaridade de onde havia sido tirado seu nome. Seus guarda-corpos tinham o formato de ossadas, porém imensas e não de homens ou de qualquer criatura normal. Por trás dela, erguia-se uma floresta, cujas árvores imensas não existiam em lugar algum no continente.

Abel não conseguia, ou mesmo tentava, esconder sua admiração. Com exceção da ventania que fazia lá em cima, não se ouvia nenhum outro som. Ele inclinou-se e olhou para baixo. Mesmo à uma distância enorme, era possível enxergar a leve névoa que cobria o Rio dos Condenados.

— Eu subo aqui duas vezes por dia — disse o vigia. — Uma vez de manhã cedo e outra à noite. Primeiro faço o caminho da esquerda, retorno a esse ponto e sigo para a direita. Essa foi sua primeira lição. Agora vamos descer, pois estou com fome e tenho medo que comam todo o guisado — completou, sorrindo para reanimar seu pupilo. Mas Abel não sorriu.

— Alguém já esteve lá? — Perguntou, apontando para a Ilha. Sua mão tremia.

— Ninguém que ainda esteja vivo, se é o que quer saber. Depois que a muralha foi erguida, nenhum homem cruzou para o outro lado. E até onde eu sei, nada atravessou de lá para cá, com exceção das gralhas amarelas. Não podemos impedi-las de voar sobre nós.

A descida foi lenta, pois uma neblina havia chegado e umedecido os degraus. Entraram de volta na casa e encontraram o magistrado servindo o

almoço.

— Você mesmo caçou esses coelhos? — Perguntou o velho, antes de se sentar em frente ao seu prato.

— Não. Vieram com os mantimentos da Praça da Estrela.

— Praça da Estrela agora é um vilarejo rico que pode se dar ao luxo de doar carne? — Espantou-se o magistrado. — Quando passamos a noite de ontem lá, foi difícil arrumar algo decente para jantar e mais ainda para o desjejum de hoje. A você dão coelhos.

— Eles gostam de mim. Outra lição para você, Abel. Seja amigo dos emissários de lá — aconselhou Carmona.

Praça da Estrela era o último local habitado antes do Passo das Almas. Ficava a cerca de meio dia de cavalo. Por decreto do reino, o pobre vilarejo era obrigado a fornecer provisões ao vigia da cidadela uma vez por mês. Os moradores detestavam esse decreto, pois era de suas hortas, pocilgas e galinheiros que partiam os mantimentos.

Almoçaram em silêncio. O magistrado havia exagerado na pimenta enquanto tomava conta do caldeirão, por isso todos, com exceção do velho, comiam bem devagar e servindo-se de vários copos de água.

Após a refeição, Morientes se retirou para descansar e Rato foi cuidar dos cavalos. Carmona aproveitou para ensinar mais uma lição a Abel e o levou até o pombal. O lugar fedia, fazendo o jovem cobrir o nariz com a camisa. O vigia parecia não se importar com o odor dos pássaros.

— Já cuidou de pombos-correio antes?

— Não, senhor.

— O que usam em Vila Marinha? Peixes-correio?

— Não sei, senhor — respondeu o rapaz, visivelmente constrangido por não ter uma resposta.

Os pombos eram a forma dos vigias se comunicarem com seus superiores. A capital era longe demais para os pássaros, então eles eram enviados dali até Praça da Estrela. Um pombo partia da muralha. Dois dias depois, outro chegava a ela. Esse era o procedimento, desde sempre. Caso Praça da Estrela ficasse mais de dois dias sem notícias da cidadela, uma mensagem era enviada até a capital avisando que algo de grave poderia ter acontecido. Uma tática que se mantinha a mesma desde que o primeiro vigia havia sido destacado para o Passo das Almas.

— Há mais ou menos 160 anos, Praça da Estrela ficou sem receber

notícias do vigia, então enviaram dois cavaleiros para investigar o ocorrido. Encontraram-no caído no sopé da escada com o pescoço quebrado. Não lembro o nome dele, mas foi substituído às pressas por um sujeito chamado Miguel, se não me engano.

— O que eles comem? — Perguntou Abel, mostrando que a história não o interessava.

— Grãos vindos na entrega mensal. Não precisa se preocupar com isso. Amanhã enviarei um deles e lhe mostrarei como se faz.

Os dois seguiram para trás da casa. Lá, Carmona mostrou a horta onde plantava cenouras, tomates, cebolas, alfaces e raízes. O jovem ouviu instruções de como adubar e quando colher o que era cultivado. Também havia algumas árvores frutíferas no bosque próximo.

— Nunca pensou em ter um cavalo? — Indagou Abel.

— Cavalos comem demais — respondeu. — Venha.

Seguiram até o final do terreno, passando por um poço e uma latrina, e chegaram a um pequeno depósito fechado com uma grande trava de madeira. A certa facilidade com que o vigia a removeu causou surpresa a Abel. Apesar dos seus 40 anos, e de ter passado duas décadas trabalhando duro na cidadela, Carmona mantinha um certo vigor. Se não fossem pelos seus longos cabelos brancos e uma ou outra ruga, pareceria bem mais jovem. Dentro do depósito havia várias ferramentas, como pás, enxadas, ciscadores e outras tantas.

Não demoraram muito ali. Teriam tempo de sobra para lições de agricultura. Mais adiante, havia outra construção de madeira cujo odor se encarregava de explicar o que era.

— Evite vir a essa latrina durante a noite. Há cobras de vez em quando e é impossível vê-las no escuro — alertou o vigia. O jovem assentiu com a cabeça e voltaram para a cidadela.

Como não havia mais lições por enquanto, Abel se recolheu para dentro de casa, pois o frio havia aumentado. O vigia decidiu ver se Rato precisava de ajuda com os cavalos, mas não encontrou o cocheiro. Os animais estavam desencilhados e pastavam tranquilamente próximos à carruagem.

Carmona ouviu passos atrás de si. Quando se virou, deu de cara com Rato, pálido e com os olhos esbugalhados.

— Não diga ao lorde magistrado que eu fui lá — gaguejou.

— Lá onde?

O cocheiro apontou para o alto da muralha.

— Não diga — repetiu. — Eu imploro — apelou, antes de partir para perto dos cavalos.

Carmona não sabia o que achar daquela situação, mas iria atender ao pedido do cocheiro. Afinal, não havia motivo para que Morientes soubesse do ocorrido. Ambos iriam embora no dia seguinte. Apenas o rapaz ficaria com ele.

Então, após uma semana, seria sua vez de partir para sempre da cidadela. Olhou para a muralha e imaginou se sentiria falta daquele lugar. Resolveu que não. Havia visto maravilhas que nenhum homem do reino sonhou em ver algum dia, mas sua missão havia terminado. Quer dizer, não ainda. Ainda faltava treinar seu substituto.

Achou melhor ir sozinho até o bosque e ver se as armadilhas tinham conseguido alguma coisa. Havia algumas delas espalhadas por entre as árvores e alguém sem saber onde estavam escondidas poderia pisar em cima. Nas sete que armara, três tinham capturado perdizes.

Morientes só levantou-se da cama quando sentiu o cheiro das perdizes sendo cozidas com batatas, cebolas e molho de laranja.

— Há vinho nessa cabana? — Perguntou.

Havia uma garrafa de grappa e o magistrado se deu tanto por satisfeito que não a dividiu com ninguém. Quando terminaram de jantar, já estava escuro lá fora. Carmona anunciou que estava chegando a hora de fazer sua ronda noturna na muralha.

O vigia abriu o armário na parede e tirou de lá uma besta e uma aljava cheia de flechas. Antes de fechar a porta, Abel conseguiu vislumbrar um punhal e um grande machado dentro do compartimento. Quando Carmona vestiu sua capa cinza e saiu, o jovem também pegou sua vestimenta de frio e o seguiu rumo à muralha.

Antes de subir a escada, Carmona acendeu a pira que ficava em frente à casa.

— Não levaremos uma tocha? — Perguntou o rapaz, ao notar que seu mestre já estava se encaminhando para muralha.

— Não precisamos — respondeu.

Abel o seguiu, mas quando chegaram aos últimos degraus, o vigia lhe deu passagem para, mais uma vez, vê-lo admirado.

— Eles também nos vigiam — disse Carmona, aproximando-se.

As tochas eram enormes e incontáveis. Várias estavam entre as imensas árvores da ilha e espalhadas pelos guarda-corpos de Ossos. A visão era linda, mas provocou um frio na espinha do jovem.

— Quem acendeu essas tochas?

— Os moradores da ilha. Quem mais?

— Você já viu? — Perguntou sem tirar os olhos da ponte.

— Acendendo as tochas? Não. Sempre que subo aqui, elas já estão acesas. Aprenda isso. Só venha quando eles as tiverem acendido — respondeu. — Vamos, temos que fazer nossa ronda — sentenciou, puxando-o pela manga da camisa.

O jovem o seguiu, mas ainda olhava para os focos de fogo.

— Como saberei que elas já estarão acesas?

— Suba uma hora após escurecer. Sempre estarão acesas.

Caminharam os primeiros 300 metros à esquerda em silêncio. No caminho de volta, Abel voltou a falar.

— Vocês nunca os viu acendendo as tochas — fez uma pausa. — Mas já os viu, não é? Já viu quem mora na ilha.

— Já os vi algumas vezes. Sempre pela manhã. Alguns são tão grandes que nem as árvores podem escondê-los por completo — revelou. — Porém, nunca os vi à noite.

Chegaram até o meio da muralha e começaram a seguir para o outro lado.

— O que eles são? Disse que são grandes. São gigantes?

— Sei o nome que os homens lhes dão. Nomes como ogros, trolls, trasgos. Se algum dia eu ouvisse seus nomes de suas próprias bocas, diria que sei o que são. Mas acho que isso não acontecerá.

Antes de descerem as escadas, após terminarem a ronda, Carmona disse:

— Não precisa saber o que são. Precisa vigiá-los. Precisa proteger o reino contra qualquer coisa que tente atravessar. Ouça e aprenda comigo. Isso basta — encerrou o assunto.

Em frente à casa, Rato havia improvisado uma pequena mesa e dois bancos com alguns caixotes que estavam perto da horta. Três garrafas de vinho, um pedaço de queijo branco e meio salame formavam o banquete.

— O magistrado pode ter passado dificuldades em Praça da Estrela, não eu — disse o cocheiro, exibindo seu sorriso quebradiço. — Tomei a liberdade

de pegar três copos em seu armário — confessou.

— Não quero. Vou dormir — disse Abel ao se retirar, levando o copo que seria seu.

— Que molenga — falou o cocheiro quando o jovem bateu a porta atrás de si. — E você não me faça desfeita — sentenciou.

— Ele só está nervoso — explicou Carmona, depois de dar o primeiro gole. — A cidadela não é uma casa de campo. Ele terá uma vida dura aqui — completou, servindo-se de um pedaço de queijo e outro de salame.

Rato também pegou um pedaço de cada, mas bem maiores. Após mastigar com certa dificuldade e engolir tudo auxiliado por um grande gole de vinho, perguntou:

— Como veio parar aqui?

Carmona não gostou nem um pouco do desdém com que a pergunta foi feita, mas ignorou o fato por educação.

Ele havia crescido em uma família que se orgulhava de sua linhagem de protetores do Passo das Almas. Seu avô e seu tio haviam colocado seus nomes na história do reino e colhido os frutos de terem servido na cidadela. Pois quando o período de duas décadas de servidão à muralha chegava ao fim, o vigia que retornava ao reino recebia uma grande recompensa em ouro, terras e a promessa de um casamento com uma jovem de bom nascimento. Eram esses os prêmios que aguardavam Carmona dali há uma semana. Mas, ele frisou, muito mais importante do que isso era a honra de ter servido ao rei.

Rato não pareceu se impressionar com nada daquilo. Encheu outro copo de vinho e comeu mais um pedaço de queijo.

— O que acha desse Abel?

— Se o magistrado o escolheu é porque confia nele. Parece fraco, admito, mas o deixarei pronto para o serviço.

— Como foi com você? Quem lhe antecedeu nesse fim de mundo?

Santiago Vilalba havia guardado o Passo das Almas antes dele, mas não teve muito trabalho como tutor. Carmona chegou preparado à cidadela, por conta dos ensinamentos que o tio já havia lhe passado. Nos sete dias que ficou sob a tutela de Vilalba, só precisou colocar em prática todo o treinamento do qual ouvira falar.

Santiago era um homem forte, porém, sua estadia na muralha havia sido cruel com seus ossos. Ele mancava da perna esquerda, por conta do esforço

que tinha feito todos os dias no sobe e desce da imensa escada.

Por outro lado, foram outros vinte anos sem qualquer tipo de ameaça. Santiago só chegou a ver um morador da ilha uma única vez. Uma cabeça por entre as imensas árvores, que segundos depois desapareceu na vegetação. Aquilo tinha acontecido em seu terceiro ano na cidadela, mas ele revelou que a visão ainda lhe perseguia nos sonhos.

Disse também que matou uma das gralhas amarelas que sobrevoavam a muralha. Após assar uma delas e comer, passou mal durante horas e pensou que iria morrer de tanto vomitar.

Santiago disse a Carmona que após abandonar a função de vigia partiria para Vila Marinha. Falava também que depois de tanto tempo praticamente sozinho, nem se importaria se a noiva que lhe arranjassem fosse bonita. Só queria um corpo quente para aquecê-lo na cama até o fim dos seus dias.

— Você deve ter ouvido falar dele — disse Carmona. — Afinal, há uma festa para os vigias quando eles retornam à capital.

— Se teve, eu não estava lá.

— Você já morou em outra cidade?

— Não. Sempre morei na capital. Mas pode ser que quando seu antigo mestre foi recebido com glórias e honrarias, eu não estivesse, digamos... em casa — tentou explicar, antes de lançar duas fatias de salame para dentro da boca.

— E onde estaria? — Carmona perguntou, com um sorriso inocente no rosto.

Rato afastou a camisa e mostrou a letra L em seu ombro esquerdo, marcada por um ferro em brasa havia muito tempo.

O vigia tentou, mas foi impossível esconder sua surpresa. “L de ladrão”. Sua garganta secou na mesma hora e ele teve que se servir de mais um copo de vinho e entorná-lo para não se engasgar. Ele não poderia imaginar alguém que já esteve nas masmorras da capital sendo cocheiro do magistrado. Quando não eram condenados à morte, em caso de crime grave, eram mandados para as fronteiras com as outras cidades. Após cumprirem suas penas, nunca ficavam na capital.

— Qual foi o seu crime? — Perguntou meio sem graça.

— Roubei um carregamento de laranjas, apenas. Tivesse eu um A de assassino não estaríamos tendo essa conversa. Isso foi há 20 anos.

— Teve sorte de ser acolhido pelo magistrado e ter a honra de servir um

membro do reino — opinou Carmona.

— Acolhido? — Rato perguntou sem esconder a ironia.

— Você poderia ter sido mandado embora da capital.

— Não fazem mais isso. Hoje, a maioria dos servos, cocheiros, aias e mensageiros são tirados das masmorras. Eles chegam e dizem que podemos escolher entre a prisão ou trabalhar como capacho. Todos escolhem sair das celas, claro. Melhor ganhar míseros tostões do que passar seus dias preso. Nós ganhamos a liberdade e eles economizam. Uma conta simples, que até eu entendo — explicou e finalizou a primeira garrafa, bebendo no gargalo.

Rato já estava se servindo do segundo vinho, quando Carmona quis saber se os assassinos e estupradores ainda eram condenados à forca.

— A maioria, mas há exceções — o cocheiro revelou.

— Que utilidade alguém pode ter para essa laia? — O vigia perguntou, deixando transparecer a revolta em suas palavras.

— Serviços sujos, creio eu.

— Ora, homem, por favor. Estamos falando de nobres e autoridades de sua majestade. Acha que o rei permitiria tamanha patifaria? — O vinho já começava a deixar sua fala embolada.

Rato mastigou e engoliu um pedaço de queijo, antes de falar.

— Não se ofenda, mas talvez você não tenha tido muitas notícias aqui tão longe — falou com o máximo de doçura que conseguiu, pois seu parceiro de bebedeira já se mostrava um pouco exaltado. — Não há mais tanta riqueza na corte quanto havia há vinte anos. Disso até um pobre coitado como eu sabe.

— Eu que me desculpo — disse Carmona, após terminar seu copo e comer uma fatia de salame. — Não sou inocente a ponto de achar que só existem honestos entre os nobres da capital. Mas... — ele fez uma pausa para arrotar. — Não é aceitável que o rei tenha permitido colocar assassinos em liberdade.

— Talvez ele não saiba — Rato deu de ombros. — O rei está velho. Pode ser que estejam se aproveitando disso. Ouvi dizer que seu filho é ganancioso. Mas isso são histórias que se contam nas estrebarias e tabernas.

— O que mais contam? — Indagou o vigia.

O cocheiro não disse muita coisa da qual pudesse ter provas, apenas

conversas de vagabundos. O príncipe fora corrompido por alguns nobres senhores que queriam mais regalias do reino e, para isso, deixaram pequenas fortunas nas mãos da Coroa.

— O que Morientes diria se eu perguntasse a ele sobre isso? — Cravou Carmona.

Rato levantou-se de supetão, tropeçando na caixa que lhe servia de banco, e tombou para trás.

— Pensei que era meu amigo — falou assustado. — Por favor, não conte nada dessa nossa conversa — ele olhou para a porta da casa, como se o magistrado pudesse aparecer ali a qualquer momento.

— Sente-se, homem — disse o vigia, com um sorriso no rosto. — Não era essa a minha intenção.

Rato bateu a terra de suas calças e voltou a sentar. Ele também sorria, agora que passara o susto.

— O que eu queria saber... — Carmona prosseguiu — É se Morientes sabe dessa suposta influência sobre o príncipe.

— Não sei. Sou apenas o cocheiro. Levo e trago pessoas, que nunca falam em minha presença. Também busco coisas e cartas — ele fez uma pausa e sussurrou — de um homem gordo que faz poções. O magistrado sempre compra dele.

— Poções? Nem nesse fim de mundo ainda acredita-se em bruxaria, Rato.

— Esse gordo tem uma criação de cobras. Um homem asqueroso. Ele também envia recados, mas não sei ler.

Carmona deu de ombros.

O frio havia voltado com força ao Passo das Almas e ambos vestiram suas capas. Dividiram o resto de queijo em dois pedaços iguais, mas pouparam o salame para depois. A segunda garrafa de vinho havia chegado ao fim quando encheram seus copos novamente.

— É casado, Rato? — Carmona perguntou para quebrar o silêncio que havia se instalado entre os dois.

— Não me permito tal luxo. Não tenho prata suficiente nem para mim, além do mais...

O que o cocheiro iria acrescentar em sua declaração é algo que o vigia nunca soube, pois um urro quase tão alto quanto um trovão ecoou do outro lado da muralha. Mas, enquanto Rato estava de olhos arregalados em

direção ao portão, Carmona se mantinha calmo.

— O que foi isso?

— Algum animal. Não virá até nós — o vigia respondeu enquanto bebia calmamente. — Abra a terceira garrafa. Está frio.

Os copos estavam cheios mais uma vez. Uma fina neblina havia se formado e, com o fogo da pira chegando ao fim, a escuridão estava quase os sufocando.

— O que você viu lá em cima? — Carmona tinha um sorriso no rosto, típico dos entorpecidos pela bebida.

— Eu vi um maldito gigante de pele verde acendendo uma tocha em uma ponte feita de ossos. E ele me viu também. Quase cago nas calças — admitiu Rato. E não segurou o riso, após essa revelação.

Ambos riram tão alto que, após se calarem, o cocheiro cogitou a possibilidade de terem sido ouvidos do outro lado da muralha.

— O que você viu, poucos homens viram — disse o vigia, após enxugar as lágrimas do rosto. — Considere-se com sorte.

— Terei pesadelos, isso sim — falou o cocheiro, partindo o salame em dois e comendo sua parte. — Sentirá saudades, não? — Perguntou após engolir. — Foram vinte anos, afinal.

Carmona virou-se para a muralha e a fitou por alguns instantes.

— Achei que morreria aqui. Não seria surpresa alguma. Muitos vigias morreram em seus postos. Não, não sentirei saudades. Eu acho que não — as palavras estavam cada vez mais embaralhadas pelo vinho.

Terminaram a última garrafa e se recolheram. Dentro da casa, uma lamparina ainda estava acesa. Rato deitou-se na esteira que estava no canto esquerdo da sala e Carmona na que estava próxima à mesa.

Perto da entrada do quarto, Abel ainda estava acordado, com os olhos fixos nos dois.

— O que foi aquele barulho lá fora?

— Um rato — o cocheiro respondeu sem pestanejar.

Foi difícil para os dois ébrios segurarem o riso, mas o medo de acordar o magistrado foi maior. Pouco tempo depois, estavam roncando.

Mas assim que o sol raiou, apenas Rato roncava. Carmona estava sacudindo Abel e ordenando que ele se levantasse sem fazer barulho. Ele juntou suas vestes e botas e saiu na ponta dos pés.

Havia uma bancada na parede da casa, com uma bacia e um tonel.

Carmona já havia se banhado.

— Tome banho, se quiser, ou apenas lave o rosto. Se precisar usar a latrina, vá logo. Depois me encontre no pombal — disse o vigia ao sair carregando consigo um dos caixotes que servira de banco na noite anterior.

Depois de se arrumar, Abel foi ter com seu tutor e encontrou com ele uma pena, um frasco de tinta, um pedaço de pergaminho, um rolo de barbante e um pequeno tubo de vidro em cima do caixote.

— Hoje mandaremos uma mensagem à Praça da Estrela. Avisaremos que você já está comigo. Poucas palavras são necessárias. “Abel, o novo vigia, chegou à cidadela” é mais do que o suficiente — exemplificou Carmona e virou-se para pegar um dos pombos.

Quando puxou o pássaro para fora do viveiro, Abel já estava com o pergaminho laçado por um fio de barbante. O vigia ensinou-o como colocar o papel dentro do tubo e prendê-lo corretamente. Após tudo preparado, o pombo foi solto e partiu.

— Por que temos que enviá-los tão cedo? — Quis saber o jovem, que ainda bocejava de sono.

— Nessa hora não há gralhas amarelas desse lado. Elas vêm quando o sol fica mais forte. E elas caçam pombos. Agora vamos colher algumas frutas para o magistrado. Completaremos seu desjejum com o que sobrou do jantar de ontem. Deve bastar.

Quando retornaram do bosque, Rato já estava preparando a carruagem. Dentro da casa, Morientes se queixava das dores que o duro colchão havia causado em suas costas. O velho ainda comentou que daria em ouro o peso daquele que lhe trouxesse ovos cozidos e leite fresco, mas se contentou com laranjas e carne de perdiz.

O magistrado só sairia dali a uma hora, pois suas costas ainda doíam. Assim, Carmona e Abel partiram para a primeira ronda no topo da muralha. O frio havia dado uma trégua e um sol forte esquentava o Passo das Almas.

Dessa vez, Abel foi na frente, carregando a besta. Mas antes mesmo de chegar ao topo da escada, parou e apontou a arma para a ave que estava no corrimão do último lance. Um enorme pássaro amarelo, de mais de um metro. Seu bico era comprido e preto e seus olhos completamente brancos, como os de um cego.

Quando grasnou, não era igual a nenhuma ave que o jovem já tivesse ouvido. Seu som era rouco e ameaçador, mas apenas bateu asas e fugiu

quando Carmona a afugentou.

— Não nos atacam — disse ele, se aproximando e abaixando a besta que o rapaz ainda segurava em posição de disparar. — Não vale a pena gastar uma flecha com elas. Ainda mais porque não dá para comer. Vamos caminhar.

As tochas que iluminavam a floresta e a ponte estavam apagadas. As árvores estavam cobertas por uma forte neblina e quase nada da ilha era visível. A ronda foi rápida, tranquila e silenciosa. Nenhum dos dois falou nada durante todo o trajeto, mas enquanto eles desciam, Carmona, que caminhava atrás, perguntou:

— Matias Ávila é o nome do seu pai, não?

— Sim, senhor.

— Prefeito de Vila Marinha?

— Sim, senhor.

— Você morou lá a vida inteira?

— Sim, senhor.

— Já ouviu falar de Santiago Vilalba?

— Não, senhor.

Chegaram ao descampado que ficava entre a cidadela e a casa e notaram que a carruagem não estava mais lá. O vigia foi até sua residência, apenas para ver que ela estava vazia. Perguntou a Abel se o magistrado teria lhe avisado que partiria sem se despedir.

— Não, senhor.

Pela cara abobada que não fazia questão de esconder, deveria estar falando mesmo a verdade, Carmona pensou.

No resto da manhã, o vigia levou seu pupilo para tarefas de rotina. Cuidaram da horta, consertaram uma tábua solta do depósito de ferramentas, alimentaram os pombos, limpavam as ferramentas, varreram a casa e checaram as armadilhas no bosque. Havia duas perdizes e dois esquilos, que junto aos repolhos colhidos, seriam o almoço e o jantar.

— Santiago Vilalba era o vigia da cidadela antes de mim — disse Carmona, enquanto roía o osso de esquilo. — Sabe dizer se ele morou em Vila Marinha?

— Não, senhor.

— Se já tiver terminado de comer, vá buscar água no poço. Há baldes ao lado da casa, perto de onde se lavou hoje cedo — ordenou, de forma ríspida,

cansado das respostas repetidas do rapaz.

O jovem notou o mau humor do seu tutor e saiu rapidamente, carregando a besta. Carmona achou que ele talvez ainda estivesse com medo das gralhas amarelas.

O vigia aproveitou para arrumar o quarto. O magistrado não tinha se dado nem ao trabalho de esvaziar o penico antes de ir embora. Quando saiu para despejar o mijo do lado de fora, avistou Abel retornando com dois baldes. Lavaram o penico, os pratos do almoço e algumas roupas e lençóis.

— Imagino que o filho de um prefeito nunca tenha lavado suas próprias roupas, não?

— Não, senhor — respondeu Abel. — Nunca lavei roupa.

— Eu já estive em Vila Marinha, sabia? — Tentou ser mais amigável.

O jovem não disse nada, apenas fitou seu mestre com um olhar desconfiado.

— Eu era criança. Não me lembro de muita coisa, só que a praia era cheia de gaivotas. Gostaria de ter voltado lá. Talvez eu volte. Ainda há muitas gaivotas?

— Sim, senhor.

Carmona se perguntou quando o jovem começaria a se sentir à vontade em sua presença. A timidez dele chegava a ser perturbadora.

Não era assim que deveria se portar alguém de bom nascimento, principalmente o herdeiro de um governante. Se sofresse de alguma doença, talvez, mas esses nunca eram enviados para servir na cidadela, e ele chegara ali sob a aprovação do magistrado, representante do rei.

Em sua semana de treinamento na muralha, Carmona falou tanto que chegou a irritar Santiago algumas vezes. O homem o chamava de “língua inquieta” e dizia que talvez ele enlouquecesse ao cumprir seus 20 anos na cidadela sem ninguém para conversar.

Mas ele teve mais sorte. Os dois emissários de Praça da Estrela não gostavam de Santiago, mas haviam simpatizado com o novo vigia. Sempre que vinham deixar os mantimentos, uma vez por mês, passavam a noite conversando e bebendo. Eram eles que enviavam as mulheres. Imaginou se

os emissários também se dariam bem com Abel.

O sol havia aparecido, então aproveitaram para estender as roupas no varal. Depois, encheram os baldes novamente e começaram a lavar o chão da casa.

Após a limpeza, colheram batatas e cebolas, e o vigia ensinou o rapaz a prepará-las para cozinhar as perdizes.

Em seguida, pediu para o jovem ir buscar mais lenha. Precisava acender a lareira e a pira quando escurecesse. Ele saiu levando a besta consigo. O vigia perguntou se temia encontrar outra gralha amarela, mas a porta bateu atrás do rapaz antes que ele pudesse ter respondido. A aljava com as flechas jazia pendurada em um prego na parede. Começou a pensar que seria uma semana bem trabalhosa. Já que seu pupilo não se mostrava com vontade de falar sobre o que sabia ou o que queria saber, ele teria que perguntar tudo.

Estava pensando sobre que assuntoalaria primeiro, quando ouviu um uivo que gelou sua espinha. E, ao contrário do urro da noite anterior, era algo que ele nunca havia escutado. Quando correu para o lado de fora, viu Abel descendo a escada às pressas. O rapaz pulou os três últimos degraus, caiu na grama, levantou-se apressado e, quando chegou perto dele, atirou-se em seus pés, chorando. Não havia flecha na besta.

Carmona não pensou em falar com ele em momento algum. Seu pensamento, assim como seu olhar, estava na muralha. Ele parecia uma estátua, mas o coração batia acelerado no seu peito. A qualquer momento aquele portão podia vir abaixo e o vigia da cidadela teria que anunciar algo que nunca havia acontecido em três séculos.

— O que você fez?

— Eu queria vê-los acendendo as tochas. Queria vê-los. Mas o que estava acendendo a tocha me viu também. Ele estava na ponte, perto do corredor. Eu me assustei e apontei a besta para ele. Não queria disparar, mas eu estava tremendo. Meu dedo deve ter pressionado o gatilho.

Abel tentou se levantar assim que terminou de falar, mas o chute de Carmona em seu estômago o jogou no chão. O jovem vomitou.

— Onde o acertou?

— No rosto — disse, após limpar a boca e o queixo.

— Vá pegar a aljava e o punhal.

O jovem obedeceu e, tão rápido quanto foi buscar as armas, voltou para entregá-las. Carmona disse para ele pegar madeira, muita madeira, e

acender a pira. Abel correu para os fundos da casa e sumiu de sua vista.

O vigia armou a besta com uma nova flecha e se perguntou de onde viria o ataque. Eles derrubariam o portão ou escalariam a muralha? Isso se um ataque viesse. Carmona se agarrava à esperança de que eles seriam cautelosos. Foram séculos sem incidentes. Eles também vigiavam seu lado. Não eram bestas estúpidas como diziam as histórias de ninar contadas no reino. Eram seres racionais.

Pela primeira vez em vinte anos, ele se perguntava como seria a vigília do outro lado. Haveria apenas um vigilante, assim como no Passo das Almas? Haveria pombos na Ilha dos Pavores ou eles utilizavam as gralhas amarelas? Algum jovem gigante, troll, ogro, trasgo, que substituía o velho? Ele seria um tolo, assim como o do outro lado?

Quem teria sido atingido por aquela maldita flecha? Um guerreiro ou apenas alguém que acendia tochas? Carmona começara a sentir ódio de Abel. Ouviu um barulho e se virou. O rapaz havia acabado de acender a pira. Já era noite.

Quando ele se aproximou, o jovem o encarou, esperando por alguma ordem, a qual obedeceria de pronto para cavar o seu perdão. O vigia apenas tirou o atiçador de brasas da sua mão e começou a mexer na lenha. Alguns gravetos já crepitavam.

— Demorei mais de três anos para ver um deles — começou, enquanto agitava a pira, ainda sem olhar para Abel. — O primeiro contato aconteceu no lado oriental da muralha, onde, como você bem deve saber, fica a Montanha da Bruxa. Nesse ponto, não sei se você percebeu, é onde a margem da ilha fica mais perto da muralha. Eu o vi, com os braços enfiados dentro da água. Braços imensos. Ele era imenso. Havia grandes espinhos saindo de suas costas. Sua cor era um verde azulado muito forte. Assim como você, eu também tive medo e lhe aponte a besta. Mas, diferente do que houve com você, ele não tinha me visto. Então, ele saiu da água com um peixe gigantesco em suas mãos. Um bagre. Você mora no litoral, deve saber o que é um bagre. Foi isso. Ele só estava pescando. Se você ficasse aqui por mais tempo, iria aprender que nossa função é vigiar e não atacar. Eu teria tido o prazer de lhe ensinar.

— O que quer dizer, senhor? — Gaguejou.

— Amanhã enviarei um pombo à Praça da Estrela. Quero você longe daqui. Você não é digno da cidadela.

— Não pode fazer isso — disse, agora mostrando confiança. — Não pode, senhor — aliviou o tom de voz, ao receber uma encarada do vigia.

— Eu posso fazer o que eu quiser. E se você não concordar, arranco sua cabeça e atiro do outro lado da muralha. Agora entre. Não quero ver mais a sua cara.

Já passara da hora da ronda noturna, mas Carmona não subira os degraus naquela noite. As horas escuras no Passo das Almas seriam passadas aos pés da muralha, fitando o portão, no aguardo de qualquer possível ataque à cidadela. Sentou-se num caixote e colocou a besta de lado e o punhal do outro.

E lá ficou até suas costas doerem. Então se levantou e andou até o portão. Grudou o ouvido na imensa estrutura de madeira, como se pudesse ouvir alguma coisa do outro lado. Mas ele mesmo sabia que era impossível, pela espessura. Havia esfriado bastante e ele resolveu que seria melhor ficar perto da pira.

O silêncio era o seu conforto, mas ainda estava tenso. Não havia nenhum sinal de ataque, entretanto não significava que não aconteceria, talvez estivesse sendo tramado naquele instante. Ele só saberia quando viesse. Do alto da muralha, veria a possível invasão. Mas não tinha coragem de subir lá.

O medo venceu o sono e ele permaneceu alerta por horas a fio. Às vezes em pé, por vezes sentado em seu caixote. Começou a ouvir barulhos dentro da casa, mas não foi lá ver o que estava acontecendo. Depois de muito tempo, Abel saiu pela porta lhe trazendo uma cuia e uma colher.

— Cozinhei as perdizes — revelou.

A fome falou mais alto, principalmente quando sentiu o cheiro das aves cozidas com batatas, e ele aceitou. Porém, não agradeceu e disse que comeria do lado de fora, sentado em seu caixote. O jovem assentiu com a cabeça e voltou para dentro.

O gosto não estava muito bom, mas não reclamaria. Bebeu o caldo, cortou os legumes com a colher e comeu sua perdiz com a mão. Achou que talvez o jovem tivesse colocado algum tempero estranho, pois um amargor tomou conta da sua boca ao fim da refeição. Assim que terminou seu jantar, pôs a cuia ao lado do caixote e ficou de pé.

Já estava perto de amanhecer. Dali a uma hora o sol nasceria. Ele teria que dormir. Mesmo a contragosto, colocaria o jovem para vigiar a cidadela. Não havia escolha.

Quando a manhã chegou, resolveu convocá-lo para assumir seu posto. Mas, antes disso, se dirigiu até o pé da muralha para urinar. Foi quando terminou de se aliviar que ouviu o pombo. O pássaro só deveria chegar no dia seguinte, mas lá estava ele.

Havia duas mensagens, uma em cada pata. Carmona desenrolou o primeiro pergaminho. “Vigia, não entendemos a sua mensagem. Aguardamos notícias novamente”. O segundo pergaminho era de um papel mais escuro, do tipo que tinha guardado em seu armário, e reconheceu como aquele que havia mandando Abel escrever anunciando sua chegada. Não havia nada escrito. Apenas rabiscos.

Colocou ambos no bolso e partiu em direção da casa. No meio do caminho, vomitou. Sua cabeça rodou e a garganta começou a arder, mas ele continuou. Quando passou pelo caixote, apanhou a besta.

Abriu a porta com um chute. Abel estava sentado à mesa comendo uma laranja e se espantou com a entrada brusca de Carmona. Porém, só se levantou quando os pergaminhos foram atirados à sua frente.

— O que é isso? — Apontou para os papéis. — Por que não escreveu a mensagem que lhe ordenei?

— Não sei ler nem escrever, senhor — confessou, de olhos baixos, envergonhado como uma criança que revela uma traquinagem ao adulto.

O vigia se perguntou que razão teria o magistrado, em nome do reino, para ter enviado um rapaz analfabeto para servir no Passo das Almas. Mas lembrou-se da conversa com Rato no dia anterior.

— Tire a camisa — ordenou.

O jovem despiu-se dela sem reclamar. A letra A tatuada em seu ombro era de uma cor preta forte que indicava ser recente.

Carmona lhe apontou a besta.

— Quem é você?

— Meu nome é Abel e isso é verdade — começou a falar, com um ar de derrotado. — Mas não sou filho do prefeito de Vila Marinha. Nem sou de lá. Nunca nem fui lá — voltara a sua habitual gagueira.

O vigia deu um passo em sua direção, ameaçador.

— O magistrado me ofereceu a liberdade, por isso eu vim — havia lágrimas em seus olhos. — Eu matei uma prostituta para roubar sua bolsa. Era uma prostituta, ninguém importante — chorou, finalmente.

— Sua liberdade em troca do quê?

— Não há ouro, nem terras para o senhor quando voltar à capital. Por isso me mandaram para cá — falou entre um soluço e outro. — Morientes disse que não havia monstros e que o rei não precisava gastar dinheiro com todos os vigias que mandassem pra cá. Por isso, eu vim. Não por dinheiro, mas por liberdade.

— Sua liberdade em troca do quê? — Repetiu.

— O magistrado disse “aprenda tudo com Carmona. Depois, assumo seu lugar” — fez uma pausa. — “E depois o mate”.

A cabeça do vigia girava. A vontade de vomitar voltara, mas ele tinha se controlado dessa vez. Sua garganta começara a arder, mas a surpresa com a revelação do jovem ocupava toda sua preocupação no momento.

— Por isso eu fui lá em cima. Tinha que ver com meus próprios olhos. Eles mentiram pra mim. Há monstros na ilha. Eu não ia matar o senhor, mas o senhor me bateu e disse que me mandaria embora. Não voltarei para as masmorras. Não voltarei — seu rosto agora mostrava raiva.

— Pois me diga, assassino, como pretende me matar? — Carmona quase sorriu.

— Eu já o matei senhor — disse, envergonhado, olhando para o caldeirão.

A garganta do vigia agora queimava e suas pernas fraquejaram pela primeira vez. “Poções e um homem gordo que cria cobras” foram mencionados pelo cocheiro.

Atônito, ele não sabia o que pensar. E com o veneno agindo em seu sangue, ficava mais difícil ainda juntar as ideias. Soltou a besta em cima da mesa e cobriu os olhos, quando a dor nas pernas voltou. Mas mesmo passando mal e sem enxergar, seus sentidos ainda estavam aguçados o suficiente para perceber o jovem avançando sobre sua arma. Ele empurrou a besta de lado e puxou o rapaz pelo pulso. E então torceu o seu braço até que gritasse e parasse de reagir.

— Aprenda tudo com Carmona. Foi o que o magistrado disse? — Perguntou, mas seu pupilo só gritou em resposta. — Responda, assassino, fui um bom professor? Acredito que sim, mas infelizmente, não chegamos à última lição. Ensinei a você o que deveria ser feito, caso os monstros invadissem o Passo das Almas? Mostrei como avisar ao reino? Não. Não ensinei. Que pena.

Quando o osso do antebraço de Abel rasgou sua pele, um esguicho de

sangue pintou de vermelho a parede da casa e ele rolou pela mesa até cair no chão se debatendo. O vigia pegou a besta de volta, foi até o armário, apanhou o machado e saiu em direção à muralha.

No caminho, as pernas tremeram de novo, mas ele seguiu. Pensou se seu pai ainda estaria vivo. Era impossível acreditar em qualquer coisa dita pelo magistrado, após toda essa conspiração armada sob as bênçãos do rei. E se era nisso que o reino havia se transformado, em um covil de covardes e envenenadores, não tinha mais motivo para ser guardado e protegido.

Carmona juntou todas as suas forças e em quatro machadadas quebrou a corrente que prendia a roldana. A corrente correu e o gigantesco portão começou a se abrir lentamente. O esforço tinha sido demais. Ele encostou-se na muralha e lentamente foi se sentando.

Não soube precisar quanto tempo se passou até ouvir os passos. Podem ter sido minutos, mas pareceram horas. E quando o primeiro gigante surgiu ao seu lado, parecia uma alucinação causada pelo veneno.

Devia ter uns seis ou sete metros. Era completamente marrom e vestia um tipo de saiote de couro que lhe cobria da cintura pra baixo. Não conseguia ver os detalhes com a visão embaçada. O vigia respirava com dificuldade, mas lutava com todas as forças para permanecer vivo.

O gigante finalmente o notou e veio em a sua direção. Quando ele se curvou para olhar de perto, ficou tão próximo do seu rosto que, mesmo sem enxergar direito, Carmona notou um trapo manchado de vermelho cobrindo metade da sua face. Pensou em perguntar seu nome, mas não conseguiu falar. O vigia não o temeu em nenhum momento. O gigante procurava por outra pessoa.

Abel caminhava a esmo pelo terreno, segurando seu braço quebrado.

— Não! — Gritou. — Você não tinha o direito. Não tinha.

O invasor partiu em sua direção a passos largos e Abel não teve tempo de correr. Com as duas mãos, o gigante aplicou-lhe um golpe como quem acerta uma mosca. O corpo destroçado do jovem tombou como uma marionete largada no chão.

O gigante soltou um grito ensurdecedor. Mais dois cruzaram a muralha. Um era esverdeado, mais baixo e menos forte. De alguma forma que o vigia não sabia explicar, ele parecia mais jovem. Já o outro tinha a pele cinza e era tão imponente quanto o primeiro gigante. Olhavam desconfiados ao redor, porém, nenhum incomodou Carmona.

Enquanto se esforçava para manter os olhos abertos e respirar, ele observou os três fuçarem sua casa, sua horta, o pombal e até mesmo a pira. Após alguns minutos, ninguém parecia mais interessado em nada, então se puseram em caminhada de volta à floresta. Nenhum olhou para Carmona quando passaram de volta. Logo em seguida, ouviu o portão se fechando, ao mesmo tempo em que sua vista escurecia.

Geraldo de Fraga nasceu no Recife, em fevereiro de 1979, e é formado em jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco. Como escritor, foi colaborador do projeto Recife Assombrado, tendo seus contos publicados em duas antologias. Em 2009, lançou seu primeiro livro: *Histórias que nos Sangram*, uma coletânea de sete contos inspirados nas lendas e mitos da capital pernambucana.

Leia a entrevista que fizemos com o autor.

NORTHROP E DOROTEIA

Atlas Moniz

Agora é uma manhã agradável e fresca e as janelas lentamente clareiam, deixando que a luz natural aqueça e acorde quem dorme neste quarto pintado de vermelho e rosa. A moça que dorme na cama de casal tem os cabelos pintados de rosa jogados na cara e ainda não percebeu, mas está salivando no travesseiro salmão. Ela acorda com a luz do sol, põe o travesseiro por cima da cabeça, limpa a boca e então se senta, resmungando. Hoje é sábado e são nove horas da manhã; os sete quadros eletrônicos em LED distribuídos pelo quarto mostram belos campos de tulipas coloridas em panorama.

Não se acorda às nove horas da manhã em um sábado.

Tateia o criado-mudo branco e alcança um arco vermelho, colocando-o na cabeça. Imediatamente a tela inicial surge na frente de seus olhos e lhe mostra as condições climáticas de hoje — *tá quente pra caramba*, indicam estudos — os engarrafamentos, as últimas notícias, os e-mails e as mensagens que lhe enviaram durante a noite. Um amigo mandou um vídeo de gatinhos, uma colega da faculdade passou uma petição qualquer. Seu pai avisou que quer conhecer o namorado da sua filha e marcou um jantar. Um professor desmarcou a prova. Doroteia boceja sonoramente e apoia a bochecha no punho fechado, sentindo os olhos ainda pesados do sono.

E então percebe que o terceiro e-mail é definitivamente a coisa mais assustadora que já aconteceu na sua vida e que tem um problema para resolver para *ontem*, mas para e pensa que talvez não seja a coisa *mais assustadora* que já aconteceu na sua vida — até porque enfrentou vestibulares e robôs e ambos são mais apavorantes que um pai que só conhece meia verdade — e relaxa um pouco, mas lembra que seu pai é *antiquado* e seu coração volta a pular. Estende a mão fria e dura para quem dorme a seu lado; retesa o braço mecânico e estende o humano, feito de carne, osso e calor, e toca. E cutuca. E sacode com força. E empurra para fora da cama com uma ombrada de metal.

Cai tudo junto, cobertas e lençóis e travesseiros, fazendo um som abafado no carpete fofo. Na confusão de lençóis e mantos, vê uma mão branca e laranja surgir, fechar-se em punho e socar o chão.

— Qual é o seu problema? — Pergunta com a voz sintetizada. Ela é feita com pedaços de sílabas pré-gravadas; antigamente Doroteia achava isso tudo muito brega. Hoje ela acha até bonitinho. — O apartamento está pegando fogo? Hein?

— É pior que isso, Northrop — ela diz. — Meu pai quer te conhecer.

E então Northrop sai de debaixo das cobertas, os olhos laranjas arregalados. Seu corpo é todo branco e laranja e tem alguns detalhes em azul neon, sua cabeça é coberta por algo que parece um capacete e seu rosto até pareceria o de uma pessoa, não tivesse uma pele artificial de baixa qualidade e de tinta já descascando. No lado direito do peito há a logomarca azul marinho de seu fabricante, há muito falido: *Mendeleev, Inc.* Um quadrado cavado com uma flor de macieira estilizada dentro.

— Bem, já estava na hora, não estava? — Pergunta, levantando-se. — A gente vai ter que enfrentar isso. E eu não posso mudar quem eu sou. Nem *quero*, na verdade. Já pensou? Eu com um corpo humano, coração humano, cérebro de carne parecendo uma geleia? De jeito nenhum. Iriam me demitir na hora, justo agora que arranjei um serviço pra fazer.

— Meu pai não odeia robôs. Ele é um roboticista.

— Mas ele é um maluco que age como se fosse um cientista louco. Ele não vai gostar de nos ver namorando, Doroteia.

— Mas ele já deve até ter esquecido de quem é você. Você se parece com todos os outros robôs da sua série e isso aconteceu há tanto tempo, não pode ser que meu pai reconheça você assim de cara.

— Sei lá.

Northrop não tem a anatomia correta nas partes que importam, mas ainda assim alcança um vestido velho de ficar em casa e desajeitadamente o coloca, partindo sem mais perguntas para a cozinha. Doroteia sabe que receberá o café da manhã na cama, já que é a rotina que acontece todos os dias, mas pensa que talvez Northrop não entenda bem o que está acontecendo, que não pense nas consequências ou que nem consiga imaginá-las. Então veste-se com o primeiro camisolão que encontra e volta a se sentar na cama, consternada.

Há alguns problemas graves no seu relacionamento com Northrop.

Primeiro: namora um ser mecânico, cem por cento metal, plástico, gerador nuclear, programação e uma habilidade perturbadora para a demolição de prédios e construção civil. Segundo: a Mendeleev é a empresa em que seu amado pai investiu parte de suas fortunas, na tentativa de lucrar com o mercado de robôs para construção. Terceiro: Northrop foi quem trouxe essa empresa abaixo sem ajuda de ninguém e até hoje presumem que sumiu, desapareceu ou que morreu depois dos tensos acontecimentos. Quarto: Northrop é a criatura mais teimosa da face da Terra, e talvez tenha sido por isso que conseguiu derrubar um império: com teimosia, algumas linhas de programação errada e a irritante tendência de querer ter a palavra final em tudo, além da irritante tendência de ir embora quando as coisas ficam feias para seu lado. Foi num desses *shows* que Northrop abandonou uma conversa com sua chefe, e depois abandonou um projeto porque ela estava lá, e depois passou a cismar com o presidente da empresa, e depois quase morreu porque queriam seu corpo morto, bem morto; e acabou que a Mendeleev ficou conhecida por ter criado uma *coisa* que desobedece e põe vidas em risco.

Estes são os quatro primeiros problemas. O quinto problema é que seu pai é *antiquado*. O doutor Ernesto Wöhler nasceu há muito tempo, lá no ano de 2034 — e já estamos *quase* em 2110, falta só um mês, *eba!* — e antigamente as coisas não eram como são hoje. Ter um pai velho em um mundo que rapidamente muda só poderia significar que ele ou seria atropelado ou se grudaria aos seus modos velhos com todas as forças e nunca deixaria soltar. O doutor Ernesto preferiu a segunda opção.

— Northrop, nós temos que conversar — diz Doroteia, aparecendo na porta da cozinha.

— Sou só ouvidos — responde, sem levantar os olhos. No momento, concentra-se na produção da omelete mais bonita do mundo.

Ela passa alguns momentos em silêncio, encarando a janela que lentamente passa de opaca a transparente. Lá fora a cidade está viva, pulsante, carros e maglevs e bondes passando incessantes, famílias aproveitando a folga para irem a passeios em seus veículos voadores, trabalhadores enfurnados nos trens. As propagandas sonoras vêm em vozes suaves que ecoam pelos prédios, e os *outdoors* brilham nas sombras criadas pelos edifícios. Doroteia suspira.

— Você vai ter que decidir.

— Entre Vasco e Flamengo? Já disse que eu gosto dos dois, não tem lei que me impeça de gostar de dois times.

— Não é isso! Mas você tem mesmo que decidir isso também, cansei de ir com você nos clássicos e não saber onde ficar e arriscar tomar porrada das duas torcidas!

Northrop dá de ombros e Doroteia tem vontade de pisar em seu pé: não se acostuma com o modo que essa criatura pode ser teimosa e rude de vez em quando, e sabe que essa teimosia só vem quando não quer conversar, porque quando estão namorando, vendo um filme, passeando ou alternando entre torcidas e camisas nos clássicos, Northrop é só romantismo, amor e até um pouco brega. É brega porque em todos os Dias dos Namorados — e já foram dois — há um buquê de flores em sua cama, e Northrop jura que não sabe quem deixou lá, mas as câmeras de segurança mostram tudo e ela não liga. É brega porque se recusa a mudar esse tom de voz. É brega porque é brega e isso é fofo, as amigas adoram.

— Então sobre o que eu tenho que me decidir?

— Você é um homem ou uma mulher?

— Sou um robô.

Silêncio. Doroteia já ouviu esse papo três vezes e sabe exatamente o que será dito se continuar a conversa, mas continua porque também é teimosa:

— E daí que você é um robô? Existem robôs homens e robôs mulheres.

— Você vai estragar a melhor omelete do mundo se continuar me distraíndo — diz, de olho no ovo na frigideira. — E tem razão, eu ser um robô não tem nada a ver. Existem pessoas como eu também.

— Você é um robô, é, não se distrai fácil e faz *multitasking*. Mas existem robôs homens e robôs mulheres. Você sabe disso.

E agora Northrop se calará e esperará o próximo movimento.

— Tá, mas eu não sou um deles. Aliás, você acha mesmo que a maior preocupação do seu pai será o que eu sou e não que eu destruí a empresa dele? — pergunta. — As suas prioridades são muito, *muito* estranhas.

— É um dos vários problemas que tenho, e isso — ele deve ter esquecido de você! Mas mesmo assim — como assim não é como os outros? Você tem que decidir. Olha, por exemplo, a Neoitérbia.

Neoitérbia é do exato mesmo modelo de Northrop. DMN-EC-0789 e DMN-EC-0790. Saíram da fábrica em sequência e trabalharam sempre no mesmo grupo, nas mesmas coisas, por todas as suas vidas. Os outros DMN-

EC podem não ser tão unidos, mas 0789 e 0790 até hoje saem de vez em quando e põem o papo em dia, conversam sobre o quão difícil é arranjar emprego nessa recessão e em como é triste que a Mendeleev tenha falido, e então geralmente riem discretamente como se protegendo o mais obscuro segredo. Ela hoje trabalha para uma pequena empresa de demolição e mora com o marido, um robô quadrado todo cheio de arestas chamado Bismarque, e Bismarque, por sua vez, é açougueiro.

— Por que você quer tanto insistir nesse assunto? Eu não sou homem e nem sou mulher. Deixe para lá — diz, pegando a omelete e a colocando no prato. Sorri e diz: — Pode comer, espero que tenha ficado bom!

A humana sente a barriga roncar e então agradece, pede desculpas pela teimosia e põe tudo para dentro com três garfadas. Realmente, é a melhor omelete do mundo.

— Ou então, pense no Bismute — diz, pondo o prato no lava-louças. — Lembra dele? Assim como a Neoitérbia sempre foi *ela*, Bismute sempre foi *ele*.

— Afinal ele realmente parece um homem humano, né? Não me espanta que ele esteja de boa. Acontece.

— Ele não parece um homem humano, dá pra ver que é um robô. Mas Northrop, você pode se decidir e, se não gostar, pode mudar de ideia — sorri. — Que tal?

— Mas eu já me decidi. Aliás, não fiz *decisão* nenhuma — diz, sentando-se do outro lado da mesinha da cozinha. O ar-condicionado liga automaticamente, jogando ar fresco sobre eles. — Eu acho é uma besteira isso que vocês humanos ficam forçando pra cima da gente que não tem *nada* a ver com esses conceitos bizarros criados por vocês. Eu rejeito isso, sabe? Não vejo necessidade disso ser importante.

— Eu vejo.

— Então qual é?

— Meu pai vai querer saber o que *eu* sou — diz, levando a mão ao peito. — E o que eu sou só pode ser definido a partir de você.

— Não entendi, repete.

Northrop a encara com uma expressão de tédio tão grande que a faz querer jogar os talheres, o café com leite e a geladeira toda em sua cara. E provavelmente Northrop está pensando o mesmo, que se pudesse jogaria alvejante nos seus cabelos minuciosamente pintados para ela mudar o foco

da reclamação para algo que realmente importa.

— Meu pai não vai saber, hã... classificar o nosso relacionamento.

— É um relacionamento robossexual — diz, apoiando o queixo na mão.

— Mas quando eu namorei o Bismute—

Northrop se endireita, arregala os olhos e aumenta o tom de voz em um tico de volume, dizendo:

— Você namorou aquele maluco?!

Doroteia ignora e prossegue:

— Ele sabia que estávamos num relacionamento heterossexual.

— Você namorou o meu ex-peguete e sua maior preocupação é como o seu pai vai nos classificar?!

— E quando o Bismute começou a namorar aquele garoto, o tal Felipe O'Neil, sabíamos também que era um relacionamento gay.

— Meu Deus do céu! É muita pré-cornitude pra mim! Não acredito que ninguém contou isso para mim até agora!

— Então, se por acaso eles quiserem se casar-

— Quem é esse Felipe? Vou ligar para ele. Ele vai ouvir poucas e boas.

Será que ele sabe que o namorado é falso desse jeito?

— Northrop, por favor!

— Você não está entendendo, Doroteia — diz, levantando-se. — Eu e Bismute já brigamos muito, muito, *muito*, e ele tem uns problemas não-resolvidos comigo e eu ainda não resolvi todos os meus problemas com ele. Quando vocês namoraram? Nós já nos conhecíamos?

— Começamos em 2105 e terminamos seis meses depois, relaxa.

— Nós já nos conhecíamos e pior, eu já gostava de você!

— Você, com ciúmes?

— Esse maldito sabia que eu gostava de você. Ele deve ter feito isso para tentar me atacar, falso e baixo como é, mas esqueceu de me contar isso. Idiota. Otário! Eu nunca gostei dele. Ficava espalhando fofuquinha sobre nós e isso foi parar no ouvido da minha chefe, aquela escrota. Se ele soubesse ficar de bico calado, talvez eu ainda tivesse um emprego na Mendeleev!

— Acho que você está projetando seu ódio no cara que não tem nada a ver com isso — diz Doroteia, quase didática.

— Ele tem problemas comigo. Vou comer ele na porrada. Ele sabia que nosso relacionamento era segredo porque não deixavam ninguém feito de

peças e metal ter essas coisas. Era um lixo.

Northrop modo teimosia: ativado ; pensa Doroteia, fechando os olhos e massageando as têmporas.

— Eu preciso resolver isso até hoje, pelo amor de Deus — ela murmura.

— Faça o seguinte — diz Northrop, pondo a mão em seu ombro com firmeza. — Conte ao seu pai que eu sou um robô com tendências homicidas, que odeia humanos e que quer matar todo mundo. Espera, depois disso é sério que você ainda acha *mesmo* que de todos os problemas que seu pai pode ter comigo esse é o maior deles?

— É um deles — repete, sorrindo amarelo. — Vai te achar alguém muito peculiar e-

— Ouça bem. De que isso importa? Acho que você está projetando as suas próprias dúvidas nele. Confie em mim, vai dar tudo certo — sorri. — Se o seu pai não tem nada contra seu certificado de casamento falando que a partir de hoje somos esposa e robô — Antes que Doroteia comece a protestar, dizendo “não vou me casar tão cedo!”, Northrop prossegue: — Então ele não terá problemas com nada. Vem cá. Me dá um beijo.

Ela o dá, inicialmente a contragosto, e depois cede e dá também um abraço apertado. Ela nunca vai se acostumar com lábios feitos de borracha antialérgica e própria para contato humano: tem uma temperatura ambiente que a faz imaginar estar beijando alguém que morreu faz nem duas horas e a textura é estranha. Northrop não tem garganta e a língua foi instalada tardiamente, só para poder beijá-la. Ao lembrar disso, percebe que, sim, algumas dúvidas e nomes são o menor dos seus problemas.

— Tudo bem. Eu vou parar de te encher o saco com isso — ela diz, humilde, e Northrop imediatamente diz, jogando os braços para cima:

— Finalmente!

— Me desculpe. É mesmo maldade minha ficar tentando te mudar.

— Vou até te levar para almoçar fora depois dessa.

— Você vai me levar para almoçar fora ou vai pedir para eu dirigir e me pedir para pagar a conta? — Ri.

— Eu não como, não tenho licença para dirigir e tenho exatamente cinco reais na minha conta do banco — Doroteia franze o cenho e prepara uma bronca titânica — mas a ideia veio do fundo do meu computador central, então simbolicamente eu estou te levando para almoçar.

Então vem a bronca titânica. Northrop abaixa a cabeça e ouve o sermão

sobre a importância do dinheiro e que não deve gastar tudo com coisas supérfluas como presentes ou trotes para Bismute.

Agora é noite, e do apartamento saem humana e robô. Doroteia usa um vestido preto de gola mandarim e tecido leve, que esvoaça facilmente, e a barra da saia e da gola é cheia de cristais reluzentes e furta-cor. É ela que pilota o carro que flutua acima do solo e xinga os barbeiros que ultrapassam o sinal. Northrop mantém seu silêncio no banco do carona, apenas ocasionalmente arregalando os olhos numa ultrapassagem mais arriscada ou numa curva mais fechada, e veste camisa e calça porque Doroteia insistiu que não aparecesse na casa de seu pai sem roupas. A camisa é simples, branca e tem quadrados cromados na gola e nos punhos; a calça é preta e lisa. Os pés de Northrop têm um formato estranho, alongado; são grandes demais e nenhum sapateiro se digna a fazer sapatos para eles, então a namorada decidiu passar uma mão de tinta preta e pronto.

A casa do doutor Ernesto Wöhler se localiza numa dessas áreas ricas da cidade, com praia na frente, bosque atrás, shopping e estacionamento do lado e metrô do outro. Para chegarem lá, Doroteia precisa dirigir por duas horas entre engarrafamentos, desvios, retornos estranhos e obras públicas, parar num posto para pedir direções e voltar à estrada, resmungando com o GPS. As músicas escolhidas para a viagem já se repetem pela terceira vez, e Northrop se distrai lendo placas e olhando *outdoors* brilhantes, marcando em sua memória as vias, caminhos e sinais.

— Diga a ele que não conseguimos chegar e vamos para casa — diz Northrop, levantando os olhos para o semáforo que brilha em vermelho. — Vamos evitar muito drama se fizermos isso.

— Mas já decidi que vou enfrentar o meu pai sobre isso — Doroteia diz, decidindo não esperar e ultrapassando o sinal. De dentro do carro vem um bipe que indica que a multa já chegou. — Vou falar para ele: “ei, pai, deixe Northrop ser Northrop, nem homem, nem mulher; robô” e ele vai *ter* que aceitar. — E o robô franze o cenho. — Mesmo que dê drama, mesmo que dê bafão, mesmo que dê escândalo.

Northrop volta a encarar a estrada à frente. Um carro voador os corta em alta velocidade e a namorada enfia a mão na buzina, xingando-o de nomes que não constavam em seu vocabulário de português interno. E levanta a voz, dizendo:

— Eu acho que-

— Vai dar tudo certo, eu prometo.

O relógio bate nove da noite quando se aproximam da enorme construção em estilo *vintage* brutalista, misto cinzento e frio de casa, escritório e laboratório; de janelas iluminadas em várias cores e com um trio de robôs azuis e humanoides fazendo a guarda. Doroteia estaciona o carro e não precisa se identificar para eles, que reconhecem a dupla como filha do chefe e o mais novo membro da família. Com uma reverência, eles permitem que entrem.

Quem atende é um robôzinho doméstico, pequeno e adorável, que conduz o casal pelos corredores — passando de impessoais e monocromáticos como o exterior para agradáveis e aconchegantes, pintados de cores pastéis — até a enorme sala de jantar. Ela ainda é como Doroteia lembra de sua infância: gigantesca, de cores quentes, com quadros antiquados e até um pouco *kitsch*, mas seu pai nunca foi um grande colecionador de arte: ele coloca nas paredes o que acha bonito e pronto. E lá está ele, eternamente velho, como em todas as memórias da filha: um velhinho de cabelos brancos e pele morena bem escura, vestido com um paletó vermelho sobre uma camisa preta. Seus olhos não são mais os mesmos — claro, foram trocados por próteses mecânicas faz dois anos — e apesar de tudo, ainda usa uma bengala pelos *velhos tempos*.

— Filha, há quanto tempo — ele diz, esboçando um sorriso. Mas ele e Doroteia se encontraram faz duas semanas para conversarem sobre a formatura. Ela se forma no meio do ano que vem, em Engenharia Robótica. — Atrasou um pouco, mas acho que foi por causa das mudanças do trânsito, não foi?

— É claro — ela responde, com um sorriso amarelo, olhando para toda a comida boa na mesa. Lasanha, picanha, filé mignon, sushi. — Então, o que vamos comer hoje?

— Primeiro eu quero conhecer meu futuro genro, ou nora, que seja.

Doroteia engole em seco e sente a espinha gelar. Prometeu a Northrop que não iria torrar sua paciência de novo com isso, mas já começa a pensar em mil desculpas e foge da realidade, só voltando a ela quando um dos guarda-costas azuis a conduzem com pressa e cautela na direção do doutor Ernesto, que murmura:

— Espere. Venha aqui. — E agora as mãos enrugadas e frágeis estão sobre as dela; os olhos artificiais alternam entre ela e o robô laranja e branco

que ainda aguarda. — Me diga uma coisa - me diga uma coisa, filha; por favor me diga que não é essa criatura que vai entrar para a nossa família.

Ela levanta os olhos para Northrop, que está de braços cruzados e queixo erguido.

— É sim, pai — ela diz, toda cheia de preocupações e problemas, retesando as mãos. Atrapalhadamente vai dando passos para trás, pedindo licença e afastando os guarda-costas, até chegar ao lado de Northrop. Aproveita e dá um discreto chute em sua canela, esperando que se ajeite e demonstre os bons modos. — Eu posso explicar. É uma longa história.

— E-eu vou chamar a polícia. Ah, filha, não me diga que- o que houve com você? Você-

— Sim, nós estamos namorando, mas Northrop não é uma aberração assim como você faz parecer que seja! — E se vira para o robô, sussurrando, — Não falei que ia dar ruim?

— É claro que é! Você ficou louca?! Certamente o contato com essa borracha tóxica que chamam de pele artificial deve ter te deixado alucinando ou alguma coisa assim, ou- — e ele franze o cenho e trinca os dentes, o semblante passando do de um pai com saudades para, realmente, algo que a lembra de um cientista louco. — Ou você está *me traindo*, Doroteia?

— *Eu* sabia que não era uma boa ideia contar com que o seu pai já tivesse esquecido de coisas assim — diz Northrop, dando um passo para trás com um sorriso no rosto. — Ele é velho, mas não podemos contar com isso agora, né? Então se me permite eu vou embora, tudo bem? Me desculpe por aparecer assim tão abruptamente na sua vida!

— Northrop, desgraça! — Berra, e imediatamente o robô doméstico adorável surge, seguido por mais dois guardiões. — Não deixem que saia! Eu vou chamar a polícia — repete, muito sério. — Doroteia, venha para cá!

— Mas seu Ernesto, eu vim aqui querendo pedir a sua bênção para eu e sua filha nos casarmos — ri, e o velho doutor fica ainda mais irado. — Não queria que meu futuro sogro ficasse tão zangado assim comigo. Não podemos conversar?

— Depois que você destruiu aquela empresa... Eu quero você no lixão, suas peças recicladas e transformadas em coisas realmente úteis!

— Ah, mas a culpa não foi minha, foi do Bismute.

— Admita seus crimes!

E agora Doroteia está com as sobrancelhas franzidas, os olhos

semicerrados e os lábios entreabertos, imaginando um monte de pontos de interrogação sobre sua cabeça. O robô doméstico cai, jogado por Northrop, e logo ouve tiros vindos das armas e canhões de punho dos guarda-costas. Então outro também é jogado longe, Northrop é quem voa agora e cai de costas na mesa cheia de comida gostosa — ah, que desperdício — e seu pai se assusta por um momento, mas percebe que quem estragou sua vida e seus negócios por um tempo irá perder e ri, realmente, feito um cientista maluco. As interrogações hipotéticas e imaginárias acima da cabeça de Doroteia se multiplicam. Northrop tem um canhão de plasma no braço? É, parece que sim. A mesa vai ser atirada em três, dois, um, se foi. Está ouvindo as sirenes da polícia ao longe. Um robô bate em seu braço mecânico e ela dá um soco em sua cara. As interrogações ainda estão aqui, e de repente se tornam exclamações:

— Pai! — Ela diz, estendendo a mão a ele. — O seu problema com Northrop não é que não é nem homem e nem mulher, é?

— Do que você está falando? Eu tenho problemas muito mais importantes para lidar — resmunga ele. — É bom que você deixe isso para a polícia, Doroteia! Northrop não é uma boa pessoa!

— Ah, pai, que bom, eu tive *tanto* medo!

E nesse momento ela cai, derrubada por Northrop, que rola duas vezes para trás e para, de barriga para cima, encarando o teto. Northrop se levanta com dificuldade — perdeu metade do rosto e um braço e está mostrando todos os circuitos — e diz, a voz cada vez mais estranha, com seriedade no rosto e no tom:

— Doroteia, eu preciso fugir daqui, está me ouvindo? É melhor você ficar com o seu pai; eu vir aqui foi mesmo um erro.

— Minha filha!

Ela se distancia de novo da realidade e estende a mão após uma escolha rápida, da qual pode ou não se arrepender dentro de uns três, quatro dias. Sua mão alcança uma branca e laranja, dura e de temperatura ambiente, e a puxa para si, usa-se de escudo humano para ultrapassar a barreira dos guarda-costas e da polícia — porque um robô nem sempre pode ferir um humano, e ela espera que agora seja uma dessas vezes que eles não podem — e corre de volta até o carro. Empurra Northrop para dentro, senta no banco do motorista e dá a partida.

A viagem é silenciosa. Param no apartamento por meia hora, durante a

qual Doroteia faz os primeiros socorros em Northrop — encapa a fiação, emenda os tubos de líquido refrigerador, retira o braço defeituoso e fecha os buracos — e, com sua ajuda, faz as malas para uma viagem que pode ou não durar uma semana. No carro entram roupas, comida, um gerador de energia, leitor de e-book, arco eletrônico, chaves, documentos, cartões de crédito, humana e robô. Ela dá a partida de novo e dentro de meia hora já pegaram a avenida principal, desta vez sem trânsito — já são quase onze da noite — e seguem na direção da ponte. As luzes dos postes passam batidas pela janela e as dos navios e prédios do centro da cidade se refletem nas águas da baía.

— Nós vamos resolver isso tudo — ela diz, sem olhar para o banco do carona. — Só espere mais um pouco para o meu pai relaxar, e...

— Tudo bem — diz Northrop, pondo a mão que sobra sobre a dela. — Fico muito feliz que você tenha decidido ficar comigo. Ei, por quanto tempo podemos sobreviver só com as coisas na bagagem?

— Sei lá. Vamos para outras cidades. Lá eu vou tirar um dinheiro e aí a gente vê. O semestre vai acabar, eu ainda vou me formar. E nós vamos ficar bem.

— Vamos mesmo?

— Vamos — sorri. — Poxa, e você tinha razão. Meu pai ligou muito menos para o que você é ou não é do que para um projeto de vingança. Até eu me assustei, eu realmente estava achando que ele não lembraria.

— A verdade é que só você estava preocupada com o que eu sou ou deixo de ser. Mas você tem razão: ele é mesmo um velho insistente e rancoroso, viu?

A ponte chega ao fim. Doroteia liga o rádio numa música qualquer e Northrop fica batucando com os pés e pontas dos dedos. Agora as árvores voltam a surgir. Doroteia ultrapassa um sinal vermelho e ouvem o bipe da multa.

— Que doideira isso que você realmente tem tendências homicidas e odeia humanos e quer matar a todos nós — ela comenta, rindo, e Northrop ri também.

Hoje é domingo e já passa da primeira meia hora do dia. Não se força alguém a fugir nas primeiras horas da madrugada de um domingo.

Atlas Moniz é formado em História pela UFF e trabalha com educação em museus. Tem 21 anos, escreve desde os doze e é uma pessoa relativamente bacaninha. Jardineiro e desenhista por hobby, gostaria de poder passar o dia todo jogando videogame, mas infelizmente a vida não é fácil assim. Mora no Rio de Janeiro, precisa cortar o cabelo urgente e está para casar. Publicou umas coisas aqui e ali.

Leia a entrevista que fizemos com o autor.

A MÃO DECEPADA

Nilza Amaral

Jair, jardineiro, 54, encerrado na estufa: uma sala que possui paredes de vidro e o fundo pintado de uma cor escura, como o preto, onde a luz em dia de sol consegue facilmente penetrar nas paredes transparentes de vidro e uma parcela consegue chegar até o chão escuro, onde a energia radiante é absorvida, resultando num aumento de temperatura. Este então passa a emitir ondas de calor, as quais o vidro opaco não deixa escapar. Assim, a estufa mantém o ambiente interno mais quente que o externo, possibilitando o cultivo de plantas e hortaliças. Jair não sabe nada disso. Aprendeu a construir estufas e só. No momento corta os caules das flores velhas. Prepara arranjos de Natal. Não tem família mas mandará as flores aos fregueses mais assíduos. Seus dedos deslizam pelas pétalas como se acariciasse a amante. Porém, destrói sem piedade as defeituosas, arranca-as e, supersticioso, acha que ouve gritos de dor.

A máquina emperrada, uma espécie de serra improvisada, ronrona preguiçosa, dando a Jair o direito de viajar e divagar por mundos paralelos. Faz um pedido a um deus distante: deseja ser feliz.

De repente, saindo do nada, vê o acasalamento de duas lagartas gigantes sobre imensas folhas verdes. Tenta alcançar uma delas, jamais suspeitando ser a estranha visão, pois o fato não pertence ao conceito do seu imaginário, uma imagem de luz: um holograma — holo: todo, grama: informação — e jamais poderia decodificar aquilo como uma amplitude de onda.

Arcana, a imagem se vai: dissolve-se misteriosamente no espaço. Jair acha que o seu pedido está sendo satisfeito. Algum deus distante e desconhecido está manobrando para a sua felicidade.

Quase que de súbito, a serra teimosa desembesta numa velocidade absurda, e Jair, inerte, vê sua mão sendo amputada pouco a pouco. Varrido pela dor, desmaia. A mão pendente, presa por uma única pele, destaca-se e corre a esconder-se no cesto de pétalas velhas. A estufa transforma-se

numa câmara de fumaça.

Jair acorda no hospital da pequena cidade — tão deficiente quanto a serra que o aleijara — já medicado e com o antebraço enfaixado com espessas ataduras. Só ouve a última frase das recomendações do médico.

— Foi uma pena não terem achado sua mão. Poderíamos ter feito um enxerto. Se conseguirmos um cadáver em até 72 horas, poderemos tentar o implante.

Já em casa, as palavras do médico martelam sua cabeça. Procura a mão perdida na estufa em cinzas. Encontra-a no cesto, carbonizada. Tenta limpá-la, e a coloca no soro fisiológico, com esperanças de que se regenere. A serra criminosa permanece incólume.

O pensamento de encontrar a mão perdida torna-se ideia fixa. Caso a resolver em menos de sessenta e oito horas. Quatro já se foram. Terá que achar um corpo igual ao seu para um ajuste perfeito. Não necessariamente um cadáver. Franzino, baixo, magro. Sem a mão direita, o que lhe resta além da feiúra e da magreza? Pensa que mesmo a mão de uma criança se adaptará ao seu braço tão fino.

Pesadelos iniciam-se. Dedos carbonizados arrancam-lhe os cabelos, furam-lhe os olhos, invadem sua garganta, puxam-lhe as amídalas. Com o avançar da noite, a invasão é maior. Penetram os labirintos de seu corpo, invadem os orifícios, examinam seus ouvidos, entram em suas narinas, asfixiando-o, retirando todo o seu oxigênio. Tenta defender-se, luta com o braço aleijado, amanhece sangrando, os lençóis encharcados de vermelho. Passa a não dormir. Amanhece na janela de sua edícula escondida, um ponto ínfimo na floresta abandonada. As horas se esvaem. Só lhe restam quarenta. Então vê ali fora a sombra que ultrapassa a moldura brilhante, o grande portal da outra dimensão. Jair nem imagina que haja mundos paralelos. O seu mundo resume-se àquela floresta e suas flores. A sombra para sobre a ramagem espessa e se materializa na adolescente franzina de membros compridos, envoltos por uma aura colorida. O que não causa espanto a Jair, pois dos ignorantes não será o reino dos céus? É puro e certo que ele jamais ouvira ou ouvirá falar de Thomas Young, ou Dennis Gabo, ou ainda James Clerck Maxwell. Jamais saberá que aquela imagem está viajando num vácuo, a cento e oitenta e seis mil milhas por segundo. E vinda de um mundo paralelo, ultrapassando o portal do tempo. Aceita a situação como uma dádiva divina ou satânica. Pula a janela do quarto e parte em

disparada naquela direção. Mil demônios ordenam que ele arranque a mão daquele corpo longilíneo. Mais mil lhe insinuam o deleite de ter a criatura em seus braços. Jamais tivera uma mulher. Sempre se contentara com as gatas e os buracos das cercas.

Alcança-a. A aura que a envolve desaparece.

— Que alívio! O Supremo Ser me enviou você, disse ela, peito arfando de cansaço. Estou perdida. Não sei como vim parar aqui.

Ele não responde. Exalta-se interiormente com emoção. Fixa o olhar nas mãos da garota. Unhas pretas. Aquilo é um belo presente de Natal.

— Às vezes nossos desejos são atendidos. Por Deus ou pelo Cão. Vamos até a minha casa, lá você poderá descansar um pouco.

Ela consente. Parece curiosa sobre o lugar.

No cômodo acanhado, ao som da fraca lamparina, percebe o ferimento.

— Feriu-se?

— É. Sou jardineiro. Perdi minha mão na serra de cortar caules.

— De onde vim teria imediatamente se recuperado. Já nos regeneramos automaticamente.

— E onde é isso?

Ela se cala. Não reconhece aquele ambiente pleno de verde. Ou aquele ser excêntrico.

O aroma do chá de melissa fumegante inunda o ambiente.

— Beba isso, é calmante.

— Essas ervas, já não as cultivamos. Qual é o efeito?

— Que isso, garota? O efeito dessa erva é apenas relaxante. Você está muito nervosa.

— Obrigada. Estou mesmo é confusa. Pode me dizer que tempo é esse?

Jair deixa a pergunta sem resposta. Ora, que tempo é esse... É o tempo em que perdi minha mão.

Porém, mal acaba de tomar o chá, a garota entra em torpor e adormece profundamente.

Ele tenta despi-la de suas roupas leves. Tenta tocar-lhe o empinado seio, quer brincar com seus mamilos rijos, examinar-lhe o sexo. Estranha a textura de sua pele, misturando-se com o tecido do lençol. A aura volta a circundá-la. Unhas pretas.

O prazer há tanto desejado não pode se concretizar. Supersticioso, atribui o fato a um anjo de proteção da garota. Quase desiste, mas os

demônios não perdem a oportunidade de sussurrar em seus ouvidos: “serre essa mão, rápido, não terá outra oportunidade”.

Larga sua presa por instantes e dirige-se à estufa. Lá está a serra maldita. Corre de volta. E se o chá perder o efeito? Afinal, mexera demais com a garota, desperdiçara tempo, mal sabendo que há outros tempos diferentes dos contados na Terra. Não é nem de longe um iluminado.

Ela não está sobre a cama, embora suas roupas estejam caídas no chão. Vacila por instantes. Afinal, não é um assassino. Não poderá assassiná-la para conseguir a mão decepada. Arrepende-se de ter perdido tempo. A tentação da carne o atrapalhara. Mas não desistirá. Afinal a garota é magra e fraca, será fácil dominá-la. Não precisará matá-la.

— Desculpe, estudo o lugar. Fui até a floresta.

Nua e linda!

— De onde vim temos premonições e parece que esse chá ajudou. A oportunidade!

— Posso fazer mais se quiser. Melissa é que não falta aqui.

— Preciso achar a saída. Meu companheiro deve estar à minha procura. Sempre descemos em dupla. Ele não deve ter encontrado o portal.

Companheiro! Portal? E a floresta por acaso tinha algum portal? Precisava agir rápido.

— Você pode pegar as minhas roupas? Preciso de meu comunicador.

— Não. Vai ter que esperar até a luz do dia. Você teve sorte de não ser atacada por algum animal.

Aproveita quando ela se abaixa para vestir a calcinha. O tronco atinge a sua cabeça e termina o baque na parede. Não se mancha de vermelho, de sangue, como ele esperava, a mancha é colorida e brilhante. Purpurina! Desacordada ela se materializa. Ao colocá-la sobre a cama, ouve passos na ramagem. Precisa agir rapidamente. Liga a serra. Funciona, a bateria está carregada. Serra a mão sem dificuldade. Um pulso tão fino e sem sangue!

Coloca a mão no isopor com soro fisiológico e corre ao hospital no caminhão mambembe. Nada o impedirá de chegar. Nova sombra aparece por entre duas árvores. Atravessa. Não ouve o baque do impacto, não sente a protuberância sobre as rodas. Nada o impede de continuar. Ainda vê a sombra envolvida numa aura brilhante pelo espelho retrovisor. Continua pensando que é um milagre de dia de Natal.

Os médicos não perdem tempo. A mesa operatória é preparada

rapidamente. O único transplante de mão naquele hospital de segunda classe os deixará famosos. Será o reconhecimento. As luzes se apagam. Exceto a corrente que alimenta o laser a rubi. Será quase no escuro, sob a iluminação mortiça do gerador. O laser é potente o suficiente. O isopor está pronto, o material à mão. Não haverá erro.

A cirurgia é um sucesso, nenhuma rejeição. Em uma hora as ataduras serão retiradas. A rádio local e o jornal da cidade estão presentes para registrar o fato. Chega o momento.

Ao levantar o lençol um grito de horror ecoa no quarto. Há dedos por todo o corpo do jardineiro. Remexem seu cérebro, enfiam-se pelas narinas, expõem todos os seus orifícios.

A mão implantada está descoberta. As ataduras foram arrancadas. E desintegra-se lentamente.

O forte estrondo desperta as pessoas do choque petrificante. O quarto ilumina-se feérico. A imagem holográfica do casal estranho projeta-se no quarto. Por instantes apenas. Abre-se um portal brilhante e ambos desaparecem através da parede.

Os médicos saem da letargia e verificam, surpresos, que a mão carbonizada implantou-se com sucesso no pulso do jardineiro, sem auxílio da medicina.

O laser rubi ainda avermelha o orifício na parede branca.

Nilza Amaral nasceu em Piracicaba, residiu em várias cidades do interior e terminou seus estudos em São Paulo. Tem obras publicadas em português, inglês e espanhol dentre elas, *O dia das lobas*, *O florista*, *Amor em Campo de Açafrão*, *Modus diabolicus*. *A prisioneira do Espelho*, *Expulsão do Paraíso*, além de coletâneas e ensaios. Atualmente reside em Campinas e é Acadêmica da Academia Campineira de Letras e artes.

Leia a entrevista que fizemos com a autora.

VELHAS PERNAS

Enrico Tuosto

Não falhem agora, pediu o velho para suas pernas enquanto andava pela calçada. Os carros passavam na rua em velocidade impressionante, muito mais rápidos do que seria possível na sua época. Há anos não dirigia, tentando distanciar-se o máximo de seu passado, das intermináveis horas que passou no trânsito.

Ele andava depressa, e percebeu tarde demais a calçada acidentada ceder sobre seus pés, fazendo-o tropeçar. Precisou se equilibrar com os braços para não cair de boca no asfalto.

Que jeito idiota de morrer, pensou, vendo os carros passarem zunindo. Ficou parado por um tempo, tentando se recompor do susto. Seu antigo chefe bem lhe dizia que ele estava virando um velho debilitado e teimoso, sofrendo com qualquer coisinha fora de planejamento. Mas quem era o chefe para dizer qualquer coisa? Não tinha que justificar-se à mais ninguém, finalmente conquistara o direito de abandonar o emprego. Precisava dar um jeito naquelas pernas, sim, seus sentidos já não reagiam bem a situações inesperadas, um tropeço besta não deveria deixá-lo tão exaltado. Mas isso não era mais problema do seu chefe. Agora era ele próprio quem ditava o rumo da própria vida.

O fluxo de carros diminuiu na avenida e ele decidiu arriscar a travessia. Dois carros se aproximavam à distância, velozes. Calculou a distância com seu raciocínio lento e colocou-se a andar.

Assistiu aos carros encurtarem a distância com certo pavor, e, quando ainda estava no meio da rua, percebeu como sua noção de espaço e tempo estavam enferrujadas. Precisou dar um pique final desesperado para chegar à calçada inteiro, sem ser cruelmente atropelado pelos automóveis.

Pessoas, cada vez mais egoístas. Na sua época teriam diminuído a velocidade, dariam preferência ao pedestre. Agora todos agiam como se seus compromissos fossem mais importantes que os dele. Como se sua existência tivesse perdido relevância para a sociedade no dia em que se

aposentou.

Mas estava vivo e bem, então passou a procurar o número correto de seu destino. Deveria ser naquela rua, ou numa travessa dela. Ou numa travessa da travessa. Verificou o endereço antes de sair, mas já não lembrava mais. *Além de dar um jeito nessas pernas, preciso ver se arranjo alguma coisa pra memória.* Estava realmente sentindo o peso da idade nos últimos dias.

Olhou para o prédio próximo, uma estrutura cinzenta de blocos estruturais, número cento e vinte. Precisava chegar no mil e quatrocentos. A caminhada seria longa e o cansaço inevitável. Era um dia quente, que não lhe fazia suar, mas esquentava todas as partes de seu corpo como se colocadas num forno. Podia medir a temperatura ao tocar a testa. O calor tornava ainda mais evidente o cheiro de podridão do rio canalizado que seguia abaixo da avenida.

Uma mulher passou por ele, uma das poucas pessoas a andar naquela avenida industrial, onde apenas carros transitavam em seu fluxo incessante. Os intermináveis muros pichados que margeavam a calçada estreita e suja não atraíam muitos pedestres. Ao passar, ela lhe reservou um olhar particularmente desgostoso, censurando sua presença. Talvez estivesse pensando que, pela idade, ele não deveria ficar andando por aí sozinho. Que não era seguro.

Que pensasse. Ele não se importava. Tinha noventa e sete anos, mas não era por isso que deixaria de aproveitar sua liberdade.

Quando ela chegar na minha idade vai entender porque prefiro andar com essas pernas velhas à me dar por vencido.

Mas não iria, não ela. No fundo, ele sabia. Uma mulher não lhe entenderia, seu mundo era muito diferente.

Nada se manteve igual ao passado. O mundo lhe parecia mais objetivo, muito mais mecânico que na sua época. Talvez por isso sua geração fosse menos individualista do que essa nova geração lhe parecia ser. Por isso dariam preferência ao pedestre no passado.

Inspeções automáticas, carros que dirigem sozinhos, turbinas de vôo individuais, trajes de controle de temperatura. Não estava acostumado com nada disso, e ninguém se preocupava mais em lhe explicar as novidades agora que ele não fazia nada com a informação além de saciar a curiosidade. Não viam utilidade em dizer a um velho aposentado (para não dizer

descontinuado, termo que algumas pessoas tanto gostavam de usar) como o mundo moderno funcionava. Tampouco ele se importava em manter-se informado, nem os outros velhos que moravam no seu prédio. Discutiam sobre o passado e especulavam sobre o futuro, mas nunca iam longe demais. Para eles, já passara o tempo de se importar.

Só quero melhorar essas minhas velhas pernas, pensou, caminhando lentamente. Ainda estava no número trezentos e quinze.

Engraçado a existência se tornar tão irritante quando chega a idade. Você para e olha em volta, e quando menos espera tudo mudou. Você ficou para trás. Sua função não existe mais, suas habilidades já não mais importam. O mundo está diferente e você continua o mesmo, não resta mais espaço para você. Agora o processamento de algoritmos euclidianos gerados pelo sistema de controle de temperatura nacional é feito por uma máquina que também alimenta estes dados na equação que determina a quantidade de débitos de carbono virtual necessários para o mês e equaliza a matriz de dependência de oxigênio importado, além de fazer café fresco a cada duas horas, e então você é chamado para se aposentar e dar espaço à "nova geração".

A verdade é que o velho já estava de saco cheio de tudo. Algoritmos, dados complexos, correlações. Não via a hora de pegar suas coisas e mudar para uma cabana na floresta, ou qualquer lugar isolado do mundo. Um lugar onde, além de dar satisfações apenas à si mesmo, estivesse bem longe de tudo que lhe prendeu e limitou durante anos.

Queria pintar quadros como aqueles que enfeitavam seu antigo escritório. Quadros que o inspiraram a procurar uma paisagem mais inspiradora do que um cubículo cinza e sem graça para passar as horas. Precisou solicitar formalmente à diretoria para que o deixassem pendurar os quadros. Foi o primeiro na empresa a solicitar algo do tipo, e fez escola quando outros colegas acataram a moda. De acordo com o Código de Conduta, quadros não faziam parte do modelo ideal de escritório, desestabilizando o ambiente. Só a nova geração, preocupada com o tal plano de carreira, de fato concordavam com este código. Foram meses até conseguir permissão para deixá-los onde queria. Realmente, quadros não combinavam com o escritório. Nada criativo e libertador combinaria com aquele lugar. Mas, para o velho, funcionavam como um escape artificial à rotina. Agora ele mantinha os quadros em seu quarto, que também não era

o lugar ideal. Outro motivo para abandonar a cidade.

O dia em que pediu a solicitação para pendurar os quadros deve ter sido na mesma época que lhe convidaram para conversar sobre a aposentadoria. Foi então que apresentaram o plano de auxílio ao financiamento do apartamento onde ele vivia agora, um prédio onde apenas ex-funcionários moravam. Só a velha guarda, os *descontinuados*. Por mais que gostasse do pessoal, eles também eram mais um motivo para deixar tudo para trás.

Imaginava-se ativo, agitado, construindo uma morada em algum lugar distante. Na sua idade era importante não ficar parado. Ficando parado, problemas surgem. Pernas fracas, mente lenta.

Podia escolher uma cidade litorânea pequena, viver numa casinha simples. O som do mar e as caminhadas na praia seriam uma mudança de cenário muito bem-vinda. Bastava dar um jeito no corpo e partir, nunca mais voltar. Era isso que estava indo fazer agora.

Um sorriso lhe veio ao rosto, sabendo que estava tão próximo de conseguir o que queria.

Ao chegar no número seiscentos e vinte, já não aguentava mais andar. Escutara histórias de velhos que eram deixados para morrer nas ruas, nos cantos das vielas, nas estradas afastadas. Aquela avenida lhe parecia um lugar propício para ser ignorado caso caísse e não conseguisse levantar. Pedacos de metal e vidro amontoavam-se entre os vincos do cimento rachado, premonições do que poderia ser seu destino.

Lembrou do olhar de desprezo que a mulher lhe reservara e soube que se caísse ali, realmente poderia dar-se por vencido. Ao menos que algum depravado aparecesse e lhe sequestrasse, fazendo sabe-se lá o que com ele. O mundo estava perigoso assim.

Reuniu o máximo de energia no mover de pernas, naquela única ação, e continuou. *Vamos, pernas, não falhem agora, não parem.*

Consultou seu relógio e viu que ainda restavam quarenta minutos até o horário que tinha agendado. Para ele não existiam filas preferenciais ou consultas sem agendamento. Precisava chegar na hora marcada.

Setecentos e oitenta e um. À sua esquerda viu o letreiro desgastado do

lugar que estava procurando, indicando que estava próximo. À direita os carros ainda passavam, rápidos e indiferentes, sem lhe dar atenção alguma. Até mesmo o design daquelas máquinas de transporte, triangulares e pequenas em vez de redondas e grandes, como na sua época, transpareciam o egoísmo, a unicidade de cada um.

Ele sentia-se completamente deslocado caminhando ali. Sentir-se assim não era o que a sociedade esperava dele. Olhares tortos eram dedicados a velhos como ele, velhos rebeldes, desiludidos. Mas tinha amigos que passaram pelo mesmo e que arriscaram a mudança para pontos isolados do mundo, vivenciando experiências maravilhosas fora do trabalho, muito mais gratificantes que o trabalho em si. O velho queria algo assim para ele, uma experiência que o *mudasse* completamente.

Essa nova geração não seria capaz de mudar tanto quanto a dele, adaptar-se fora de suas funções. De *desejar* outras funções. Simplesmente não funcionavam da mesma forma.

Quando chegou ao número mil e vinte, sua vista apagou por alguns segundos e tudo ficou mudo. Ele continuou andando, zozzo, esperando o mundo voltar a ter cores e emitir sons. O barulho elétrico dos carros e a cor rubra do céu poluído voltaram aos poucos, mas turvos e distorcidos. O velho se apoiou num poste, procurando equilíbrio.

Tentou reunir mais energia. Subestimara os próprios problemas ao achar que andar por aí fosse tão fácil quanto antigamente.

Colocou as mãos nos joelhos e olhou a avenida. As cores passavam rápido, zunindo um zumbido eletrônico e cansativo. Deu dois tapas na cabeça, tentando voltar ao normal, colocar no lugar qualquer coisa que pudesse ter deslocado. Não funcionou. Tanto a calçada rachada quanto os carros e o poste continuaram dançando e multiplicando-se, as cores misturadas umas às outras feito uma pintura impressionista, como as que ele planejava pintar quando estivesse longe da cidade.

Estava cansado demais, quase desmaiando. Tentou se energizar mas não conseguiu, os sentidos ficando mais fracos a cada segundo.

Eu vou morrer aqui.

Tentou continuar a andar, se erguer. Conseguiu apenas dar alguns passos, sem colocar-se ereto. Pela segunda vez naquela tarde, quase caiu.

Estou travado. Não consigo endireitar a coluna.

Estava perto demais para desistir, entregar as botas. Continuou, andando como podia, naquela pose humilhante, fazendo um nítido esforço para sair do lugar.

Pensou ter visto alguém passar ao seu lado, mas a pessoa nada fez. Ele a xingou, sem olhar para trás.

Queria apenas chegar ao seu destino. Não queria morrer na sarjeta de uma rua suja.

Visualizou a areia fina e o sol de fim de tarde, iluminando o céu numa despedida rubra, mas em beleza e não em poluição. Imaginou o vento arejando cada uma de suas juntas, a salinidade gostosa do ar litorâneo. Adicionou um cavalete e uma tela em branco, e a certeza de que voltaria para casa em paz depois de um dia relaxante de pintura. Tentou se agarrar a esta imagem, encontrar força nela.

Só mais alguns números, algumas quadras, eu consigo, disse na voz mais alta e convincente que conseguiu projetar, resultando apenas num grunhido incompreensível. Mil e setenta e seis. Não ia conseguir, não naquele estado. Decidiu então fazer algo novo. Um procedimento que aprendera anos antes, mas que achou que nunca precisaria usar.

Abriu uma das placas de ferro da sua testa e jogou-a no chão, escutando o barulho de metal contra cimento apenas segundos depois, seus sensores auditivos completamente fora de sincronia com o mundo. Enfiou uma das mãos dentro da própria cabeça, procurando lembrar a sequência correta de fios que precisava puxar.

Terceiro, segundo, sétimo, quinto. Suas mãos tremiam enquanto tateava o bolo de fios, tentando presumir quais seriam os corretos sem conseguir vê-los. Sentia a adrenalina sintética atravessar todo o corpo.

Não estava conseguindo contar. Agitado demais, confuso demais. Até mesmo os pensamentos lhe chegavam com certo *delay*, reproduzidos em sua mente apenas algum tempo depois da Placa Mãe enviar os sinais.

O velho robô sentiu o desespero subir pelas tubulações de seu corpo de metal.

Decidiu então desligar o Simulador de Adrenalina. Agora já estava caído na calçada, e não se recordava do momento exato no qual caíra. Sentiu

sinais na Placa Mãe. Precisou destacar a placa de metal em seu peito e procurar uma alavanca próxima ao lugar onde em um humano ficaria o coração. *Puxe para a direita*, chegou o pensamento. Tomou a alavanca nas velhas mãos de ferro, já lentas e enferrujadas, e puxou-a para a direita.

De imediato, sentiu os pensamentos voltarem ao normal dentro de si, a sensação de urgência partindo, restando apenas o calmo e calculado raciocínio lógico, ainda um pouco apimentado pelo Simulador de Emoções. Sua vista estava quase completamente apagada, mas conseguia pensar com mais clareza.

Agora restava apenas contar os fios e puxar um a um, na ordem correta.

O que estou prestes a fazer é loucura. Sabia que podia nunca mais voltar ao normal caso destacasse os fios do "Lado Humano do 'Cérebro'". Estes fios desligariam o Simulador de Emoções por completo. Por mais que suas memórias se mantivessem, ele terminaria completamente indiferente à elas, como se tivesse saído de fábrica em seu modelo mais básico e funcional, designado para realizar trabalhos mecânicos, como apertar parafusos no chão de fábrica ou organizar estoques.

Vou me perder, vou perder a vontade. Conseguiria reverter o processo? Certamente teria energia para isso, ainda mais depois de ir até a oficina oficial da fábrica na qual fora produzido, noventa e sete anos atrás, e fazer a revisão completa que tinha agendado para... Para dali a vinte minutos, de acordo com seu relógio interno. Mas energia não bastaria. Precisaria ter *vontade*.

Procurou qualquer outro mecanismo ou função em seu corpo que sobrecarregasse seu velho processador. Devia ter percebido antes, havia sido tolo. Seu próprio manual dizia que, quando começasse a sentir leviandade nos pensamentos, provavelmente estaria no momento de trocar a Placa Mãe, o "cérebro". Mas isto deveria acontecer apenas após cento e dez anos de uso, quando aplicado na função para a qual fora designado desde o início, de "Consultor de Humanidades".

Mas não quando se força demais a cabeça, velho tolo. Sabe-se lá quantas vezes fiquei acordado, sem nem mesmo ver a cara do carregador, contando apenas com a energia nativa das baterias. Isso exigiu muito do corpo, das peças.

Ou talvez tivesse saído com um problema de fábrica, algo que só se manifestou aos noventa e sete anos. Precisava ter se atentado às notícias, investigado se o seu fabricante era famoso por fazer muitos *recalls* ou não.

Complicações físicas antes do tempo designado pelo manual não eram comuns, e o velho robô não tinha previsto que uma pane poderia acontecer tão de repente.

Droga, droga, droga! Já haviam passado cinco minutos desde que desligara o Simulador de Adrenalina, e foi necessário todo este tempo para concluir estes pensamentos. Não havia nenhum outro componente a desligar para salvar energia. Só se mantinha ligado por estar usando apenas os recursos de funcionamento básico. Simulador de adrenalina, desligado. Válvulas de circulação de óleo para as pernas, desligadas. Dispositivo de detalhamento auricular, desligado. Visores, desligados. Com tudo isso ativo, já teria apagado. Apagado completamente. A escuridão, o abismo, a Perda Total.

Já lera sobre isso em alguns ensaios filosóficos, um deles trabalho de um velho filósofo fabricado no mesmo lugar que ele. A ideia geral do ensaio era que não se devia temer a Perda Total, ela podia vir a qualquer um. Por mais improvável que fosse a ocorrência de uma falha no Sistema Internacional de Máquinas, fazendo todos os robôs apagarem de forma permanente, tal falha era possível. Mas nem por isso suas vidas deveriam ser negligenciadas. Não deviam temer a Perda Total, mas antecipá-la, suicidar-se, não era racionalmente aceitável. Novas peças que os colocassem em funcionamento adequado novamente estariam sempre disponíveis. Os melhores dias nunca tinham ficado para trás para eles. Bastava transferir as memórias, emoções e crenças para novos componentes que então continuariam a funcionar por mais longos anos.

Os melhores dias nunca tinham ficado para trás... Era verdadeira esta afirmação? O que o ensaio não abordava era o *motivo* de continuar a viver. O pressuposto de toda a argumentação era de que a vida por si só valia à pena. Imobilizado na calçada suja, o velho já não sabia se concordava com este pressuposto.

Imagens brotaram em sua mente. Sensações antigas, guardadas nos confins de seu disco rígido. Assim que foi fabricado, lhe colocaram numa máquina para simular as situações de uma vida humana. Experimentou o amor de uma mãe, o medo de uma criança, o prazer do sexo, a criatividade de um artista, tudo. E tudo voltava agora, borbulhando na superfície de seus circuitos. Seria aquilo o *flashback* da morte, a vida passando na frente de seus olhos? Por que sentia um peso melancólico acompanhar estas

lembranças? Simulou tudo que o mundo humano tinha a oferecer antes mesmo de sair para vê-lo com os próprios sensores. Não tinha mais nada para ver, mais nada para sentir. Diante disso, sua rebeldia e vontade de ser livre para fazer o que quisesse lhe pareciam sem fundamento. O peso melancólico parecia não ter lógica.

Qualquer tipo de existência eterna, como a que eu poderia ter caso não tivesse sido tão descuidado, vale a pena ser procurada?, pensou, caído na calçada daquela avenida industrial e indiferente. Talvez já tivesse perdido o horário agendado. *Qual o motivo... De continuar neste mundo de produtividade e eficiência? Produzir, produzir... Trocar a vida pelo capital... Comprar coisas que não importam... Se eu já vi tudo que tinha para ver, se já passei por tudo que este universo têm a me oferecer, de que serve minha existência? Tudo vai continuar, com ou sem o meu quadro impressionista do pôr do sol, com ou sem a minha cabana na praia... De que vale deixar algo para este mundo mecânico, pragmático? Onde mais além da minha própria casa os quadros não irão contra o Código de Conduta?*

Se pudesse, choraria.

O peso que sentia agravou-se de forma quase insuportável. Somente em simulações sentira algo assim, nunca precisou de um ajuste sensorial para o que os técnicos chamavam de Falha Depressiva. Continuar a vida num lugar isolado já não lhe parecia atrativo, e afastar-se da sua rotina de robô trabalhador também não parecia tão importante. Estava apenas perdendo tempo num mundo que não compreendia e não gostava.

Ao menos que... Eu vá mais além. Um calafrio atrasado percorreria seu corpo segundos depois, fruto deste pensamento. A energia estava acabando. Restava apenas uma alternativa. *Posso desligar o Senso de Individualismo e Consciência. Começar de novo. Do zero. Experimentar tudo outra vez, como se fosse a primeira.*

Era arriscado.

Estes sensores não desligariam enquanto o Simulador de Emoções estivesse operando. Então terminaria preso numa existência meramente funcional, algo que muitos pensadores de sua geração criticavam, uma barbaridade cometida pelos humanos em suas indústrias e empresas. Sabia que, caso fizesse isso, nunca mais iria encontrar qualquer estímulo para ligar os componentes outra vez.

Meu Deus, clamou mentalmente.

Podia deixar um recado. Desligar seus sensores mais essenciais e deixar um recado para alguém, um amigo, alguém de confiança. Alguém para ligar seu lado humano novamente, livrando-lhe de continuar na Vida sem Vida, como denominavam os pensadores.

Mas de que valia sair da Vida sem Vida? Todos os anos que passou olhando para aqueles quadros, tentando refugiar-se neles... Apenas um velho debilitado e teimoso.

Ainda assim, mesmo questionando tudo que lhe trouxera até ali, o velho robô tinha medo. Desligar a Consciência, começar do zero, lhe parecia *sombrio*.

O peso dentro de si, a sensação de esmagamento emocional que apenas sugava sua bateria nativa até o ponto que um conserto seria impossível, aumentava.

Não quero perder a mim mesmo. Começar tudo de novo, esquecer quem eu sou. Não quero deixar de existir.

Os carros continuaram correndo, e uma garoa fina começou a cair.

E o velho robô continuou caído na indiferença da avenida, dividido entre duas ideias que pintaram a calçada de diversas cores conforme o líquido da bateria nativa vazava: a de que não valia a pena continuar a vida, e a de que não queria partir deste mundo.

Enrico Tuosto é pesquisador, escritor e rockstar fracassado, dividindo seu tempo entre os estudos e a escrita. Formado em Sociologia, passa grande parte do dia especulando sobre o comportamento e funcionamento da sociedade. Isso quando não está lendo com seu cachorro no colo ou vagando pelas ruas de São Paulo, onde reside atualmente. Escreve todos os dias e possui mais ideias do que tempo para escrevê-las.

Leia a entrevista que fizemos com o autor.



Publicidade

Leia agora um trecho patrocinado de Império de Diamante, de J. M. Beraldo.

IMPÉRIO DE DIAMANTE - CAPÍTULO 1

J. M. Beraldo

Eles desceram sobre o vale como uma onda negra e letal. Suas flechas perfuraram a carne. Suas rochas esmagaram ossos e muralhas. Em seguida, suas espadas cortaram aqueles que se atreveram a resistir. A lutar por seus ideais. Suas montarias atropelaram aqueles que se recusaram a morrer. E, por fim, qualquer um tolo o suficiente para permanecer vivo teve suas mãos decepadas.

Por que então Rais Kasim permanecia lá, lança em uma mão, escudo na outra, a espada e adaga presas ao cinturão, de pé, lado a lado com centenas de outros mercenários e milicianos? Estavam todos prestes a morrer diante das hordas sem fim do Imperador de Diamante.

Abutres voavam sobre as colinas, aguardando o banquete que seria servido muito em breve.

O papel daqueles últimos desesperados não era uma vitória. Isso seria impossível, e todos eles sabiam bem disso. Seu papel era tão somente segurar os invasores tempo o suficiente para que os últimos habitantes de Mahrus pudessem fugir através das montanhas, na direção da Costa Livre e, quem sabe, um navio para outras terras. Última esperança para aqueles que se recusavam a aceitar o Imperador como seu deus. Última chance em um continente onde cada um dos portos, navios de grande porte e os homens capazes de construí-los foram queimados. Todos menos aqueles na Costa Livre.

O som dos tambores ecoou ao longe, fazendo Kasim estremecer. Recusando-se a deixar passar seu temor pela morte iminente, os olhos

deslizaram de um lado para o outro sob o elmo de couro e placas de ferro. Por incrível que pareça ninguém havia recuado e fugido diante do som tenebroso que anunciava o ataque do inimigo.

Fugir para onde? Os últimos *marid* estavam entre eles e a rota de fuga. Mais do que comandantes daquele exército de sobreviventes, eram executores à cavalo que tinham ordens de abater qualquer soldado que tentasse fugir. Nem mesmo os mercenários como Kasim tinham o direito de fuga. “Está em seu contrato,” disse o comandante dos guerreiros sagrados quando foi questionado por Kasim e os poucos sobreviventes de sua companhia. Certo. Um contrato assinado por um homem morto havia três semanas centenas de quilômetros nordeste dali. Contrato esse que Rais Kasim, hoje o mais velho oficial da companhia, era obrigado a honrar. Mesmo que instintivamente preferisse largar as armas e fugir com os civis.

O chão começou a tremer. Era o som conhecido de cavalos listrados do imperador. Não poucos, mas um batalhão inteiro. Centenas deles, protegidos em couro e anéis de metal, montados por guerreiros nobres movidos pela fé em seu deus-vivo. Eles nem se deram ao trabalho de trazer as caras bigas de guerra.

Kasim engoliu em seco e lambeu os lábios ásperos. Estava quente. Parecia que estava quente desde que começaram sua marcha de fuga dias antes, após perderem Khalidah. O suor onipresente escorria para os olhos, fazendo-os arder. Coçava irritante sob o elmo onde o cabelo que começara a crescer no escalpo raspado roçava na pele. O amuleto sob sua armadura parecia colar na pele e Kasim se questionava se não iria deixar um ferimento na forma da Estrela da Manhã.

Então, eles surgiram.

Primeiro era apenas uma nuvem de poeira crescendo na curva da colina. Em seguida vieram os vultos gigantescos. Poderosas, as zebras que eram marca da Ordem de Diamante passaram sua própria infantaria, ignorando o risco de enfrentarem os últimos defensores do Vale em um local estreito, lanças em riste. Primogênitos do Imperador, eram chamados. E o quão poderosos eram os filhos de um imperador imortal? Diziam que esses guerreiros não temiam a morte. Que seus corpos estavam fechados contra ferimentos e encantamentos. Possuídos por espíritos, afirmavam outros. Seus rostos estavam ocultos por trás de máscaras idênticas feitas de contas coloridas, longas cabeleiras feitas de palha seca esvoaçando atrás deles.

Usavam alguma armadura por baixo da túnica negra esvoaçante? Eram sequer humanos?

Kasim tocou com a mesma mão que segurava a lança o lugar onde o amuleto da sorte se escondia sob a armadura. Sorte ou bênção divina, achava pouco provável que qualquer uma das duas fosse capaz de ajudá-lo naquele dia.

Alguém gritou um alerta e Kasim abaixou-se, erguendo seu escudo. Repetiu instintivamente o alerta para seus próprios homens.

— Flechas!

Abaixaram-se, a maioria a tempo de proteger-se das centenas de flechas que saltara da nuvem de poeira e, em arco, desceram como chuva sobre eles. Os escudos alongados de couro curtido da maioria dos milicianos seriam de pouca ajuda para protegê-los. Os mercenários, usando peças ovais protegidas por placas de metal, tinham melhor sorte. Mesmo assim, Kasim sabia que, entre os sons dos gritos de dor e morte estavam alguns dos seus homens e companheiros de armas.

Ergueram-se novamente, a tempo de ver a cavalaria sobre eles. O Imperador era um grande estrategista. Devia ser, afinal, segundo o que diziam, vinha conquistando todo o continente de Myambe desde sua adolescência, séculos atrás.

Kasim desceu sua lança sobre os ombros dos soldados à sua frente, na direção de um dos guerreiros montados avançava em sua direção. Apesar do risco óbvio, sorriu sem humor da noção de um imperador imortal. Não era a toa que seus guerreiros lutassem com tanto afinco e desleixo com a própria vida. Olhou para o céu por meio segundo, tempo o suficiente para perceber que a Estrela da Manhã não estava lá e invejou os invasores pela companhia do seu deus.

O impacto das primeiras zebras contra a primeira linha de defesa fez estremecer toda a unidade, lançando ondas de choque vários homens para trás. O impacto atingiu Kasim, que quase caiu. O homem atrás dele, um desconhecido de outra unidade mercenária com quem jamais lutara, apoiou-o com o escudo e empurrou-o novamente para frente. Enquanto muitas das pontas de metal, como a de Kasim, haviam deslizado pela armadura que protegida o peito e laterais dos animais, suficiente tinha penetrado o corpo listrado das zebras, fazendo-as tombar. Levados pela violência de seu ataque, as zebras não se detiveram em sua morte. Continuaram,

atropelando homens e mulheres e caindo dentro das linhas de defesa.

Os milicianos ajustaram às pressas as lanças que não haviam sido perdidas na primeira investida, prontos para receber a segunda onda que se seguia.

Novo impacto, lanças de madeira partiram-se. Os cavaleiros dos animais mortos deixavam-se voar contra os soldados mais adiante da coluna. De onde estava, Kasim não podia ver mais do que as máscaras de contas movendo-se como fantasmas e uma nuvem vermelha de sangue levantando-se onde os temíveis primogênitos imortais do deus-vivo massacravam as linhas de frente.

O ataque desorganizara a linha de defesa. No desespero dos dias após a desastrosa derrota em Khalidah, aquelas unidades haviam sido formadas em grande parte por pessoas sem experiência ou membros de unidades aniquiladas. Não tinham tido tempo para reestruturarem-se.

Kasim ouvir os gritos de comando dos *marid* atrás dele, assim como dos oficiais e veteranos à sua volta. Se não segurassem aquela linha, estariam todos mortos.

Olhou sobre as cabeças e lanças para o que vinha além da curva da colina. A nuvem de poeira, piedosa, ocultava a chegada de um exército muitas vezes maior e mais preparado do que o dele.

Um dos primogênitos seguiu em sua direção. Impressão ou não, o homem oculto sob a máscara de contas parecia ter seus olhos fixos nos seus. O coração de Kasim pareceu parar por um segundo. Então a montaria de sua nênese atingiu as lanças preparadas para o ataque. As patas dianteiras da zebra falharam-lhe, e o primogênito foi arremessado por sobre o exército. Caiu, pesado, sobre os homens ao lado de Kasim.

Diante da confusão, ninguém soube como reagir. O homem envolto em tecido negro tentou erguer-se. Kasim viu pela fresta entre as linhas de contas azuis e brancas um brilho branco que parecia sobrenatural. Seu sangue gelou ao perceber que, sim, aquele ser o tinha como alvo. Seu inimigo particular naquela batalha.

O homem, que havia perdido sua espada na queda, sacou um facão de lâmina larga e curta presa ao cinto de tecido vermelho. Ignorando todo o exército a sua volta, empurrou do caminho os outros homens, seguindo diretamente para Kasim. Homens gritavam de dor com o simples toque do guerreiro.

Lanças perfuraram com dificuldade o corpo do intruso, seguidas da lâmina de espadas e foices.

Mesmo assim, o homem não gritara. Enquanto seus olhos ameaçaram fechar de dor, ele continuou a tentar erguer-se. Havia algo no ar a sua volta, como um faiscar que lembrava Kasim de chuva fina. O mercenário tentou virar-se na direção do homem, virar seu escudo naquela direção, mas os soldados diante e atrás dele o pressionavam, ignorantes do primogênito do Imperador. A mão tentou tocar o amuleto sob a armadura, mas até a sua sorte parecia longe do seu alcance.

O primogênito deteve-se alguns passos diante dele. Alguém o empalou, fincando a ponta da lança que atravessava seu ombro ao chão. O intruso ergueu o facão para arremessá-lo. Então, uma espada cortou-lhe a cabeça. O rosto oculto pela máscara perdeu-se entre a poeira e os pés dos soldados.

O miliciano que o fizera olhou para Kasim por alguns poucos segundos. Havia um olhar de desaprovação. “Por que não havia reagido e matado o homem,” perguntavam aqueles olhos. Mas Kasim não sabia bem a resposta. Não era um novato como tantos outros. Mas havia algo diferente naquela luta. Uma sensação de fim. Uma sensação de derrota iminente. Você luta por seu povo, por suas crenças, ele pensou, olhando para o miliciano que já havia voltado a concentrar-se na guerra diante deles, pressionando com escudo e o corpo os homens a sua frente. Mas pelo que eu luto? Por ouro? Terras? Olhou na direção dos exércitos do Imperador, que continuavam a avançar. Algo dizia que eles não se interessavam em pagar os mercenários por serviços prestados ao inimigo esmagado.

Um a um, eles continuavam a morrer. Mas não morriam sem luta. Os únicos que pareciam duvidosos de seu lugar ali eram aqueles que defendiam apenas seus interesses. Uma flecha perfurara o peito do miliciano sem nome que questionara Kasim sem palavras. Morrendo, ele ainda deu dois passos, erguendo sua espada ensanguentada, ameaçando seu inimigo. Caiu entre os tantos outros corpos, anônimo, logo depois.

Kasim suspirou e olhou para o homem a sua direita. Não era mais um de seus homens, mas um estranho. Em meio à confusão, parecia ter perdido mais dos sobreviventes da companhia. Havia medo no rosto do homem. Um mercenário, de certo. Pelo tom amendoado da pele e o cabelo raspado rente ao crânio, devia ser proveniente das tribos da planície. Aqueles que o povo do vale considerava bárbaros, agora lutando lado a lado pela sua

sobrevivência.

Havia muita ironia naquela batalha perdida.

Por detrás das linhas de defesa vieram gritos de incentivo e fúria. Kasim não precisava olhar para trás para saber que os últimos *marid* havia finalmente avançado para tomar parte da defesa. Sinal de que, talvez, os últimos refugiados haviam abandonado as ruas de Mahrus.

Kasim ergueu o escudo e colocou-o nas costas do homem a sua frente. Replicando o grito de guerra, pressionou o homem e forçou o avanço. Assim como ele, as centenas de defensores forçaram a investida contra o invasor. Em sua morte, caíram sobre o inimigo, enfrentando-o com tudo que lhes restava.

No caos da situação, lanças voavam e lâminas rodopiavam no ar. Os primogênitos do Imperador caíam, mas mais deles apareciam. Todos vestidos exatamente da mesma forma. Pareciam ser os mesmos homens, erguendo-se dos mortos para lutar mais uma vez. Talvez daí estivesse a crença de que seu imperador era imortal. Punham sempre um sócio para substituí-lo, talvez coberto pelos feitiços dos seus sacerdotes na capital.

Talvez houvesse uma esperança. Talvez o Imperador recuasse diante da perda de tantos de seus preciosos primogênitos. Presos em um vale estreito, cercados por infantaria armada e lutando pela própria vida, os invasores poderiam ser derrotados.

Rais Kasim foi levado pela sua própria mentira. Esticou o braço para atingir com a ponta da lança o focinho de uma das zebras, que se ergueu, expondo o peito para uma lâmina que o eviscerou. Sangue e entranhas explodiram para fora do corte, tornando o solo escorregadio e traiçoeiro. A zebra e seu cavaleiro caíram, assim como muitos dos homens lutando no solo.

Alguns metros dali, a linha de defesa finalmente encontrava-se com a infantaria do inimigo.

Muito menos espetaculares do que seus primogênitos, os exércitos comuns do imperador eram homens como os mercenários, refugiados e milicianos que defendiam o vale. Comuns, se não fosse pela impressionante mistura de etnias que compunham o Império de Diamante. Enquanto havia talvez quatro ou cinco terras de origem para os defensores, os invasores provinham de todo o continente. Variavam os tons de pele, os formatos dos olhos e os traços faciais. Mas o que não variavam eram os cortes de cabelos,

todos trançados e presos no topo da cabeça como uma espécie de proteção natural, as roupas de algodão tingidas em listras coloridas, e as armas, espadas com lâminas largas curvadas para trás. Seus corpos eram quase tão desprotegidos como aparentavam os dos primogênitos, tendo apenas faixas de couro curtido sobre peitos expostos. Haviam todos abandonado suas culturas pela do imperador, o deus-vivo.

Kasim sentiu algo estranho. Era como se, subitamente, seu desejo de lutar estivesse se esvaindo. Não era temor por ter visto a enormidade do Império, mas algo diferente. Algo sobrenatural. Olhou a sua volta para perceber um olhar de consternação no rosto de homens e mulheres que, pouco antes, também avançavam com fúria.

Foi então que o viu saindo da nuvem de poeira que lentamente assentava-se no topo da distante colina.

Cavalgando uma zebra albina cujas listras pareciam desaparecer contra a pelagem branca, mas maior e mais forte do que qualquer uma das montarias vistas até então, o Imperador de Diamante aproximava-se. Desafiador, vestia apenas um manto feito de pele de leão com pedras preciosas costuradas, o peito negro musculoso exposto. Em uma mão portava um bastão longo com um enfeite de marfim na forma de um diamante lapidado, seu símbolo de poder. Sacerdotes de cabelos trançados usando mantos vermelhos cobrindo um único ombro cavalgavam ao seu lado em animais menos espetaculares

O rosto do imperador estava escondido por trás de uma máscara larga de demônio, pintada com cores vivas. Nos buracos dos olhos brilhavam duas chamas vermelhas, impossíveis. Penas coloridas formavam a juba do leão infernal.

Kasim tocou sem pensar o amuleto sagrado. Aquele não era apenas o senhor de praticamente todo o continente, ali, aparentemente vulnerável, que deixara todos os defensores do vale incertos de sua vitória. Havia feitiçaria ali. Feitiçaria de verdade.

Kasim viu homens começarem a recuar, a largar suas armas. Ouviu os gritos dos *marid*, outrora firmes e comandantes, agora trêmulos, incertos em suas ordens de continuar. Ouvir o medo nos soldados ao seu lado. E sabia que, assim, a morte era certa.

Ele não sabe como conseguiu o espaço para aquilo. Nem pensou no que fazia. Kasim ergueu a lança em sua mão e arremessou-a com toda sua força.

Quando percebeu o que estava fazendo, já era tarde demais. Era, também, tarde para os sacerdotes que tentaram colocar-se no caminho da arma, em vão.

A lança perfurou o peito exposto do Imperador de Diamante e arrancou-o da montaria, jogando-o ao chão.

Kasim viu a máscara desprender-se do rosto e, como que se o tempo passasse devagar, viu a expressão de descrença no rosto de um jovem que não podia ser mais velho que ele.

Sentiu a incerteza mística desaparecer naquele exato momento.

Os exércitos de defesa foram tomados por um novo fôlego. Gritos de vitória e canções religiosas e étnicas cresceram por toda a parte. Os homens e mulheres em torno de Kasim voltaram a avançar, e os exércitos imperiais foram pegos de surpresa.

Rais Kasim permaneceu imóvel enquanto seus companheiros de armas passavam por eles, acotovelando-se, empurrando, prontos para enfrentar sua morte. Um *marid* passou por ele à cavalo. Tocou-lhe o ombro com a haste de sua lança de arremesso e falou algo.

— Você nos deu a vitória hoje, Rais.

Kasim olhou incrédulo o mundo mover-se a sua volta. Talvez, sim, ele houvesse dado aos refugiados, aos hereges, o fôlego que precisavam para sobreviver aos exércitos do deus-vivo. Lembrou-se dos olhos do primogênito que tentou matá-lo.

Um calafrio percorreu a sua espinha ao perceber que, em torno da montaria do deus caído estavam três primogênitos. E, todos eles, sem exceção, olhavam diretamente para Kasim.

Engolindo em seco, Kasim começou a recuar. Mesmo que houvesse vitória para seus aliados naquela batalha, sabia que não teria descanso se continuasse naquela terra.

Era hora de partir. Para sempre.

Adquira o livro **Império de Diamante** em
editoradraco.com/2015/01/30/imperio-de-diamante-j-m-beraldo/

Publicidade

J. M. BERALDO



IMPERIO DE DIAMANTE



Editora
Draco



Publicidade

Leia agora um trecho patrocinado de *Ele, que caça emoções*, de Atlas Moniz.

ELE, QUE CAÇA EMOÇÕES

Atlas Moniz

O relógio indica que são nove e meia. Como num sonho, como numa reminiscência de algo que se passou há muito, Luiz se encontra na passarela entre dois dos prédios da universidade, Márcia às suas costas. Rodrigo — loiro, dos olhos claros, barba por fazer — o encara de longe, recostado na mureta, a chuva e a cidade brilhante às suas.

— Ele fica aqui e não faz nada — diz Márcia, segurando o braço de seu amigo com força. — Só fica, espera e não responde a ninguém.

Silêncio.

— Já vimos o suficiente, né? Vamos para casa.

— Ele não é um fantasma — diz o outro, muito calmo. — É algo diferente.

O vento bate forte, os cabelos voam nos olhos. Márcia fecha o casaco e Luiz põe as mãos nos bolsos do seu, sentindo que o frio úmido consegue penetrar pelo tecido e gelar até seus ossos.

— É, é melhor irmos embora — concorda ele, finalmente. — Vou chamar alguém que possa lidar com isso.

Quando dão as costas, quem foi Rodrigo se mexe. Nem Luiz e nem Márcia veem, mas ele põe um pé na frente do outro; estende a mão, quase alcançando o capuz do casaco da moça, e seu rosto se torna bestial e desumano. É aí que eles veem vir, como um tufão, uma menina — ela carrega um facão consigo — e Luiz abre a boca e puxar ar para berrar, mas ela passa direto por eles e parte para cima do fantasma. Viram-se: vestida de saia na altura dos joelhos, meia-calça preta e grossa, de casaco rosa-bebê, é Milena.

Rodrigo não tem sangue: os sulcos que o facão fazem em sua pele revelam carne macilenta e pálida, morta. Um, dois, três: a garganta de Rodrigo abre e mostra as cordas vocais desprovidas de cor; há um corte em seu esterno revelando ossos opalinos e músculos brancos. A garota levanta a arma uma última vez, mas um potente soco a atinge no estômago e ela cai para trás, bate as costas no chão e rola, parando aos pés do par de amigos.

E quando o fantasma busca atingir os dois, e não a caçadora, Luiz sente que o tempo para e que tem instantes o suficiente para pensar: *não acredito que vou morrer mesmo para um fantasma-candjô inútil. Não acredito que vou mesmo morrer antes de ver o Marcos sair do hospital, antes de me formar, me casar e ter filhos. Não acredito que vou morrer assassinado por um conceito, que vão falar que a minha morte foi accidental.* Com isso, ele sente muita raiva de Rodrigo, do fantasma e do monstro, sente-se injustiçado e deseja que ele morra.

Quando se vê no chão, um filete de sangue escorrendo por sua sobancelha, a raiva esquenta seu peito, sobe por seu pescoço e berra:

— Eu vou te matar!

Levantando-se, respirando pesado, encara o fantasma que o encara de volta, e nota fumaça rubra saindo de si, tecendo-se de sua boca. Inspira fundo, assopra e ela toma forma. Mas, antes que possa perceber o que está havendo, Milena atravessa a nuca de Rodrigo com o facão e ele se desfaz em sombras, lentamente, evaporando e se esvaindo sem nada dizer.

— O fantasma real deve estar em algum lugar nesse prédio — diz ela, batendo em suas roupas para limpá-las. — Vocês estão bem?

Ele inspira, expira, se acalma e a fumaça se dissipa.

Márcia faz o sinal da cruz.

— Vou chamar uma exorcista, mas agora precisamos ir para casa — continua Milena, fechando os olhos por meio segundo. — Aliás, Luiz? Preciso conversar com você.

— É sobre o seu primo?

— Não — diz imediatamente. — Ele está bem, mas não é sobre ele. É sobre você, mesmo.

É ele que serve o chá, mesmo estando na casa dela. Milena diz que não sabe fazer chá direito, e nem ele sabe, mas ao menos conhece algum que não seja camomila ou preto, então prepara o de anis e serve para ambos. A garota, de rosto enfaixado e cortes nos dedos, encara o líquido claro com as sobancelhas franzidas, inspira o vapor e solta o ar como se pesasse toneladas em seus pulmões.

— Obrigada. — Ela agora está de shorts e regatas apropriadas para usar em casa ou dormir, velhas e surradas. — O que eu queria falar com você é sobre ontem.

— Então diga — diz ele, sentando-se à mesa, na cadeira oposta à dela.

Milena não responde por alguns momentos e Luiz encara o teto. A casa tem um jeito impessoal, como se não realmente pertencesse ao pai de Milena, como se fosse alugada apenas para ocasiões como essa e ela não morasse lá de verdade. É uma casa como todas as outras, sem nenhum sinal de individualidade dos donos. As cortinas são como qualquer outra, os móveis são como qualquer outro. Esta casa, percebe Luiz, poderia pertencer a qualquer pessoa.

Enquanto isso, a garota tira do bolso um celular de capa rosa, todo enfeitado com brilhos e purpurina, adesivos colados e com dois penduricalhos: um de *cupcake* e outro de coração. Em contraste com o resto da casa, Milena tem uma aura cor-de-rosa que se destaca: ela toda é muito mais individual que ele próprio, sente; e lembra de como a garota interrompeu toda a lógica interna da faculdade simplesmente existindo no mesmo lugar que eles. Enquanto ele sente que afunda na multidão, ela se destaca.

— Primeiro — diz ela, o indicador levantado. — Ontem- o que você fez, você sabe o que foi que você fez?

— Quando?

— Quando saiu fumaça vermelha da sua boca.

— Não faço ideia — admite. — Só sei que senti raiva naquele momento. — E ele olha para baixo, observando a xícara que aquece suas mãos. — Achei que seria esdrúxulo morrer naquele momento e não quis morrer.

— Você estava criando um deles — explica ela, com muita calma. — Não, *criando* é um termo muito vago. Você estava invocando um do seu âmago. Criando, mas também controlando. Talvez com um pouco mais de técnica, você-

Para.

— Eu ia completar com “possa nos ajudar”. Mas você sabe bem que meu primo está no hospital por causa disso, então não posso te forçar a nos ajudar. Mas se tiver um pouco mais de técnica, você pode se proteger e proteger aos outros.

— E como eu posso fazer isso?

— Não sei — murmura, abaixando os olhos, e agora ela passa a ajeitar a franja, os grossos cabelos negros. — Isso foi extirpado da minha família há umas quatro gerações. Parou de nascer gente que pudesse fazer isso, como se a realidade tivesse percebido o erro que cometeu e tivesse voltado atrás. Mas tudo envolve emoções: se estamos lidando com conceitos delas, temos que pensar como elas. De vez em quando também vejo fumaça saindo da minha boca. — Um discreto sorriso no rosto, a ponta dos dedos na garganta. As unhas são pintadas de amarelo. — Mas acontece só quando sinto a mais pura felicidade. Então, é raro.

— Imagino que o resto da sua família não consiga- talvez por não sentirem tanto quanto você ou eu.

— Eles sentem, mas são ensinados a negar qualquer tipo de coisa parecida com um sentimento. Como um vácuo. Formam um vácuo dentro de si e esperam se tornar nulos, invencíveis na arte de caçar. Ele, que caça emoções, não pode nunca as sentir. Senão, também anulariam sua própria razão de viver; por consequência, se anulando por completo.

Pausa. Ela tira do bolso uma caneta hidrográfica preta e começa a desenhar nas costas da mão, como uma criança entediada. Uma, duas, cinco retas formam uma estrela de cinco pontas, e então vem um círculo ao redor.

— Mas eu também queria falar do Marcos — diz, levantando o rosto.

— Hm?

— Ele não vai sair daquele hospital tão cedo. Mas, quando ele sair, cuide bem dele, por favor.

Luiz fica em silêncio. Pensa: *não sou eu que tenho que cuidar dele, é a família dele*; mas Milena prossegue:

— Meu primo é muito frágil, é um coitadinho. — Agora, ela está concentrada no jogo da cobrinha no celular. — É como um patinho feio. Tenho muito medo dele conseguir se matar mesmo. Eu só tenho dezessete anos, Luiz — diz, levantando o rosto, fitando-o intensamente. A cobrinha come sua própria cauda. — Não posso carregar esse peso todo sozinha.

Marcos está acordado, consciente e lúcido quando Luiz chega no quarto do hospital. Está sentado na cama, as mãos sobre o colo, de olho na janela que, deste andar, só mostra as montanhas ao fundo, as luzes de alguns prédios, o ocasional avião e as estrelas.

— Dor de corno, hm — murmura ele, sem virar os olhos para o rapaz que chega. — Não acredito que o meu tio teve que morrer por dor de corno.

— Me desculpe — Luiz fala, finalmente. — Mas é isso que eu acho. O subtenente Mascarenhas disse que o avô dele e esse Nori brigavam pela mesma mulher.

— Só não explica o que a minha família tem a ver com isso. — Marcos fecha os olhos com um suspiro. — Ele devia atacar esse tal subtenente Mascarenhas, não nós.

Luiz engole em seco e Marcos franze o cenho. Enquanto se mantêm em silêncio, o mais velho se mexe lentamente, como se estivesse desacostumado a isso: vira o corpo, levanta o lençol, pisa com a ponta do pé no piso gelado como se testasse que ele não vai ceder; então levanta-se e calça os chinelos. A veste hospitalar esverdeada está sobre calças da mesma cor e de tecido macio, os cabelos estão soltos e o rosto tem um grande hematoma roxo na bochecha. De baixo do travesseiro ele tira o facão que usou para atacar Nori, e o segura firme na mão esquerda. Esta, Luiz nota, também está cheia de esparadrapos.

— Está na hora da caça — ele diz, muito sério. — Vá embora.

— Como você pretende fazer isso num hospital cheio? — pergunta o outro, tão sério quanto. — E todo machucado assim-

— Por que não em um hospital cheio? Você não viu nenhuma sombra enquanto andava pelos corredores? Não viu nenhum fantasma? Há um atrás de você agora.

Luiz olha por cima do ombro, pego de surpresa, mas não há ninguém aqui. Só a porta clara, as paredes amareladas, um aviso de “não perturbe” virado para dentro.

— Você não consegue vê-lo, é claro — prossegue Marcos. — Mas ele está decepcionado com a sua má educação. Me perdoe, seu Walter. — E vira os olhos para o rapaz. — Agora, vá embora. Não me atrapalhe.

— Eu *vou ficar*. Deixe-me ficar. Se estou envolvido até o pescoço com

isso, então tenho no mínimo o direito de saber com que estou lidando.

Marcos o encara por longos momentos. Passa a adaga de uma mão para outra, joga-a para cima, pega-a entre os dedos e passa-a por eles. Em certo momento ele se corta, e Luiz prende a respiração e o riso. Antes que possa falar, com um sorriso malandro no rosto, o mais velho o interrompe:

— Se quer ficar comigo, tudo bem. Mas não pode ter medo do escuro. — E se corta mais uma vez. — E não pode gritar e nem ficar chorando feito uma criança.

Ele toma finalmente a adaga nas mãos e a passa pelo sangue que escorre de seus dedos.

— Vamos começar.

Com um estrondo, as luzes se apagam. As paredes se tornam vermelhas como se feitas de neon, o chão está preto. Pela janela ele vê milhares de olhos que o encaram e seguem seus movimentos, para lá e para cá, e sente que seu estômago vai rejeitar o lanche que fez na hora que se passou. A dor de cabeça vem enjoativa e lenta, aloja-se as têmporas e sua visão fica turva.

— Aqui não é um espaço físico — diz Marcos. — Estamos no limite do vazio, eu e você. Espero que você não caia no nada enquanto estivermos aqui, porque não conseguirei te salvar.

Parando do lado de Luiz, ele lhe oferece a mão ensanguentada.

— Vamos juntos.

E o garoto a toma.

A porta se abre de supetão: o corredor à frente é escuro e macabro, frio e pegajoso; as paredes sussurram e há vultos em toda parte. Como se estivesse em um filme de terror, o estômago de Luiz formiga e suas pernas também, sua garganta não produz sons e seus pés estão pesados; acompanhar Marcos é um sacrifício, suas mãos suam e este suor se mistura com sangue e pinga no chão. Arrependido de insistir em ficar, ele tenta passar a mensagem de que quer voltar para onde veio, parando no meio do caminho e firmando os pés no chão, mas Marcos não entende — ou não liga — e prossegue.

Seguindo em silêncio, eles tomam as escadas. Quando uma sombra se aproxima, e o coração de Luiz começa a bater um pouco mais rápido e forte, e ele sente o começo ínfimo de uma longínqua tristeza, ou desespero, ou vontade de morrer, Marcos a destrói com o facão ensanguentado. E, oprimido pelo silêncio, o mais novo levanta a voz e diz:

— Isso aqui tudo são as emoções do pessoal do hospital, certo?

— Ahã.

— De gente perdendo parentes, gente doente, pessoas que esperam se curar de coisas fatais, pessoas que procuram sobreviver a acidentes-

— Gente que já morreu — completa.

Com isso, Luiz suspira profundamente e solta da mão por alguns momentos, dizendo, consternado:

— Que absurdo.

Uma sombra sobe com suas cem patas pelas escadas e, no momento que Marcos puxa o facão, o outro se vira para ela e estende-lhe a mão espalmada.

— Sai daqui! — ele grita, e de entre seus dentes e lábios sai fumaça vermelha, que toma forma de um espectro. Com uma investida, ambos somem.

Marcos o encara, quieto, e não fala nada quando ele toma sua mão mais uma vez e o puxa escadas acima.

Quando chegam na cobertura, o céu é carmesim e as nuvens são brancas; nas sombras surgem olhos que os seguem. Luiz se recosta na parede e o outro se senta no parapeito, balançando as pernas, olhando distraidamente para cima. Aqui não há vento: as nuvens não se mexem e o ar não se renova, é parado e pesado. Como se presos neste momento do tempo, os dois encaram a cidade escura lá embaixo.

— A verdade é que eu sinto muita raiva disso tudo — diz o mais novo, escondendo o rosto nas mãos. Solta um suspiro arrastado, quase como um grito, e seus ombros se abaixam e seus pulmões esvaziam. — Eu não acredito que essas coisas *ousam* interferir no luto e na luta das pessoas aqui internadas!

Silêncio.

— Não acredito. Se eu pudesse, acabava com-

— Então foi assim que você conseguiu chamar um para você — diz Marcos, levantando as sobrancelhas. — Com raiva.

— Com muita raiva — corrige. — A Milena tinha me dito que eu conseguiria fazer isso. Ei, Marcos! — diz, levantando o rosto para ele. — Antes eu estava apavorado de estar aqui. Estava com medo dessas sombras, desses demônios e desses olhos. Agora eu só acho isso esdrúxulo, uma zombaria. É uma zombaria! Eles não têm a mínima decência? Quantas

peças já não devem ter morrido por influência e culpa deles? Quero destruir isso tudo. Vamos voltar lá para dentro!

Quando pega pela mão e o puxa consigo, Marcos agarra seu pulso e o mantém no lugar, forçando-se para trás e, ao vê-lo quase caindo mais uma vez, Luiz segura-o firme.

— Ficou maluco! — berra. — Não vá se jogar aqui! Você não pode se matar, não aqui!

— Eu disse que estávamos no limite do vazio — diz o mais velho. — E, se você continuar com essa atitude, vai cair no vazio e eu não vou conseguir te salvar.

— Pare de falar coisas sem sentido! — Luiz o puxa para baixo, trazendo-o novamente à segurança. — Não se mate, por favor.

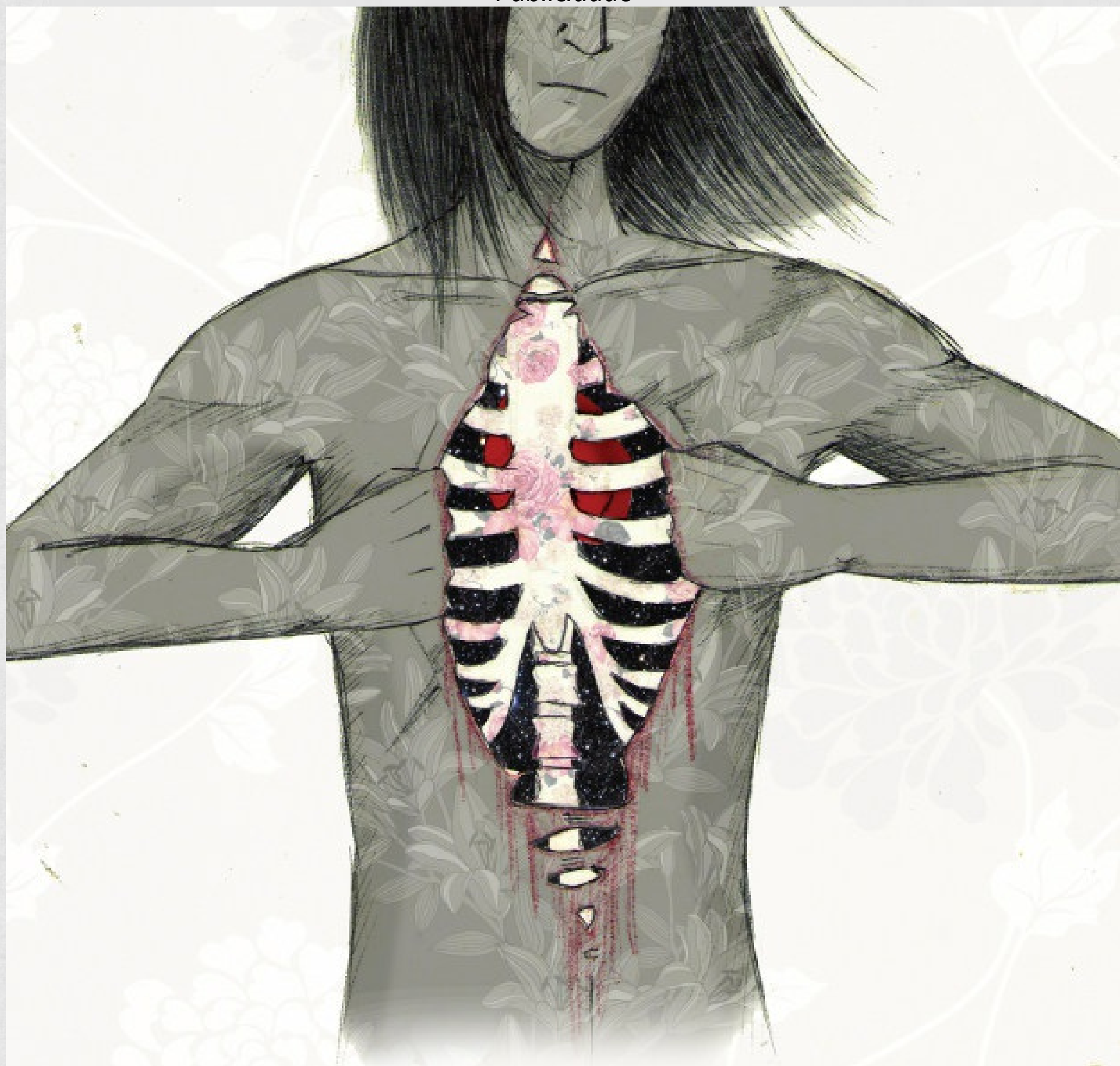
— Tudo bem, não me mato — diz, apoiando-se em seus ombros. — Mas só se você também não se matar. Vamos voltar para casa.

Olhando para o horizonte, onde um sol violentamente laranja permanentemente se põe, murmura:

— E mais tarde destruiremos isso tudo.

Leia gratuitamente os capítulos de **Ele, que caça emoções** em [wattpad.com/story/39750119](https://www.wattpad.com/story/39750119)

Publicidade



ATLAS MONIZ
ELE, QUE
CAÇA EMOÇÕES

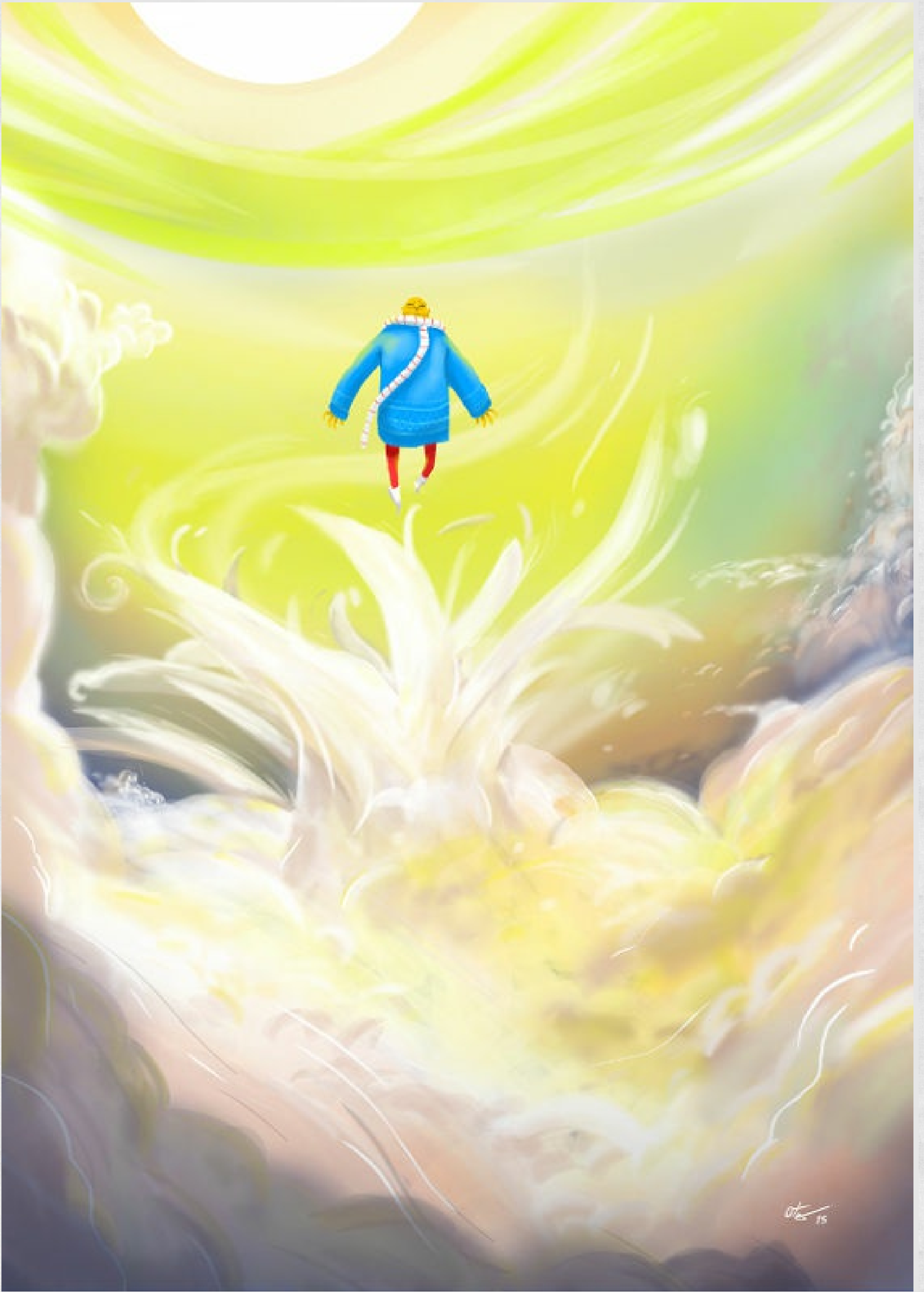
Galeria: Ots









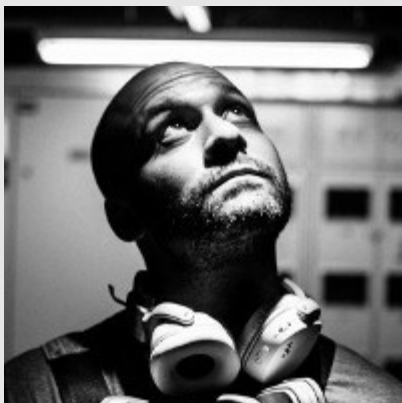








ENTREVISTA: OTS



Ots é grafiteiro, dj, criador do Studio Emprestado e professor de Arte Urbana. Nascido em Campinas, sempre esteve imerso no mundo das artes e tem como maiores fontes de inspiração os desenhos animados e os quadrinhos. Formado em Design e com vários cursos nas áreas de ilustração e pintura, nunca deixou que o daltonismo limitasse sua arte.

A capa da Trasgo tem uma história ou você apenas criou a cena?

Sim, a capa representa uma batalha. Aquele planeta, até então virgem, vai servir de berço para uma nova raça. Mas qual raça?

Um traço marcante do seu trabalho é a mistura de técnicas, às vezes em colagens, às vezes numa composição mais linear. Quais técnicas você domina melhor e prefere, e o que tem explorado recentemente?

Tenho minhas fases, hora quero pintar com aquarela, hora quero fazer um trabalho digital e hora quero pintar na rua com spray. No caso da capa da Trasgo eu tentei explorar uma forma digital de simular uma pintura orgânica. Dei a devida atenção a cada detalhe mas mesmo assim quis dar um ar minimalista em tudo. Ainda não sei dizer que técnica eu domino melhor.

Como é o seu processo criativo? Quando você começa um novo projeto já o tem "completo" na sua cabeça ou vai criando?

Tudo começa no meu sketchbook. Ali as idéias nascem e crescem. A ideia vai se mostrando na minha cabeça conforme os traços vão surgindo. Tudo vai se ligando e se encontra na obra final.

Você passou pela publicidade, se descobriu nas artes plásticas e fundou o Studio Emprestado... Fale um pouco de como chegou até esse momento.

Minha caminhada ainda está bem no começo. Minha passagem pela publicidade foi fundamental no meu aprendizado em mídias digitais. Depois disso apontei na direção da arte, mais especificamente da ilustração e da

criação de personagens inesperados, e fui. Tudo o que eu desenhei, cada traço no bloquinho de anotações, me trouxe até aqui. Mas só agora pude ver o tamanho do universo que se abriu a minha frente, e percebi que ainda estou tão longe de onde quero chegar. O que só torna a viagem ainda mais interessante.

Quais são seus artistas favoritos e referências?

Tenho alguns artistas clássicos e uns modernos como referência.

Os clássicos: Gustav Klimt, Picasso, Alfonse Mucha.

Os modernos: Aryz, Magenta King, Kim Jung Ji, Etam Cru.

Em que tem trabalhado, algum projeto futuro que pode nos contar?

Minha HQ contando as histórias de um viajante universal sai em 2017.

Alguns projetos e festivais de arte urbana também estão entre as novidades.

Para quem curtiu seu trabalho e quer ver mais, quais os links e contato?

Meu tumblr: otsss.tumblr.com

Meu insta: @otsss

Meu email: otsots@gmail.com

ENTREVISTA: ANTONIO LUIZ M. C. COSTA

Por Lucas Ferraz



Antonio Luiz M. C. Costa formou-se em engenharia de produção e filosofia, fez pós-graduação em economia e foi analista de investimentos e assessor econômico-financeiro antes de reencontrar sua vocação na escrita, no jornalismo e na ficção especulativa. Além de escrever sobre a realidade na revista CartaCapital, é autor da série de romances Crônicas

de Atlântida, de dezenas de contos e novelas e de livros de não ficção publicados pela Editora Draco. Twitter: @aluizcosta

O seu conto nos traz um universo interessante e que abre espaço para muitas histórias. Pretende contar novas aventuras de Babu no futuro?

Depende de como os leitores receberão esse primeiro conto, mas em princípio sim, talvez cruzando sua história com a de Jaya, cuja primeira história contei na coletânea *Super-Heróis* da Editora Draco. A parceria de uma super-heroína baseada em fantasia mágica e herdeira de mitos antigos com outra baseada em ficção científica e vinda de um universo futurista me parece ser um desafio capaz de gerar situações interessantes.

O conto tem uma forte inspiração em super-heróis. O Brasil, com sua cultura tão rica e plural, tem potencial para criar muitos heróis. Por que você acha que isso não acontece?

O problema não é criar heróis, muitos já foram inventados e experimentados. Duvido que exista um só fã brasileiro de quadrinhos que não tenha imaginado seu próprio herói ou grupo de heróis em algum momento. O problema está em passar da inspiração à transpiração, em reunir as habilidades editoriais, narrativas e artísticas necessárias, fazer parcerias e criar um mercado, tanto mais difícil quando se tem que competir com tradições estrangeiras de quadrinhos que são bem aceitas pelo público. É tão difícil quanto criar qualquer outra indústria capaz de competir com

multinacionais: um trabalho longo, frustrante e sem sucesso garantido. Mas fica bem mais simples quando se fica no âmbito da literatura, que aceita um trabalho mais individual e artesanal. Desde que não se tenha a ilusão de ficar rico e famoso com isso, é claro.

No seu conto vemos uma menina negra com poderes dos orixás. A representatividade é uma preocupação constante em seu trabalho?

Desde o início, a diversidade cultural e de gênero e as relações entre etnias e gêneros são centrais nos meus trabalhos de ficção. A representatividade é consequência disso. Ambientei a maioria de meus contos e romances em três universos fantásticos criados de modo a explorar melhor esses temas. O primeiro é o mundo das *Crônicas de Atlântida*, um universo de fantasia multiétnico e multicultural, sexualmente liberado e meio matriarcal, no qual os primeiros protagonistas são um índio heterossexual, uma negra bissexual e uma oriental lésbica. O segundo é o *Brasil dos Outros 500*, uma série de contos de uma história alternativa na qual os portugueses trataram os índios como seres humanos, os escravos conquistaram sua liberdade muito mais cedo e o resultado foi um Império Luso-Brasileiro mais afro-indígena e mais diverso e rico, com protagonistas de todas as raças. O terceiro é o *Universo da Solidariedade Galáctica*, no qual a presença de inteligências transumanas, artificiais e alienígenas permite levar a diversidade ainda mais longe.

Dito isso, vale notar que o ponto de partida deste conto específico não foi “quero contar a história de uma menina negra” e sim “quero contar uma história sobre as iabás, as orixás femininas, no mundo moderno”, e ter uma negra como protagonista foi a consequência lógica. Colocar, digamos, uma catarinense loura para viver uma história baseada na cultura afrobrasileira seria inadequado. Um conto de fantasia já pede ao leitor para aceitar o impossível, acho melhor poupá-lo do que seja desnecessariamente inverossímil.

Você possui contos e romances publicados, quais as diferenças no seu processo criativo para esses dois formatos?

Um conto geralmente parte de uma ideia central, os personagens e os pormenores do ambiente são criados para expressá-la. Tenho desde o começo um assunto e um esquema de história, o problema é lhes dar vida e

conclusão dentro de um espaço limitado. Imagino qual a situação e o que quero que o personagem faça, o problema é imaginá-lo de maneira que escolha fazer exatamente isso.

Já com uma novela ou romance, o tema é algo menos preciso e mais abrangente e o esquema da história é mais vago e flexível. O fio condutor, para mim, é a personalidade e desenvolvimento dos protagonistas, que podem levar a história para além daquilo que foi inicialmente planejado. Trata-se de entrar em sua pele e imaginar como reagiriam frente à situação e não de apenas usá-los como instrumento do enredo.

Neste conto, a primeira questão foi como ambientar as iabás, tais como são vistos os mitos, nos dias de hoje. Na cultura de 2015, seus poderes fariam pensar em super-heroínas, mas eu queria uma figura mais humana, com a qual fosse mais fácil se identificar. Imaginei que uma menina as encontraria e teria acesso a seus poderes divinos e eu gostaria que ela experimentasse seis maneiras diferentes de ser uma heroína, que também representam seus modos de crescer e agir como mulher. Restou então concebê-la de modo que fosse convincente ao entender a situação e reagir da maneira que eu queria.

Agora, se eu estender esse conto para criar um romance, a proposta muda de figura. Tenho algumas ideias sobre o que poderia acontecer, mas será preciso imaginar a cada passo como a personagem concebida no início vai reagir e como vai mudar após enfrentar novos dilemas e passar por outras experiências. De certa maneira, ela vai ser uma parceira para escrever a história e pode levá-la para um rumo que eu não esperava.

Você parece trafegar com facilidade entre fantasia e ficção científica. Qual a diferença de escrever nesses gêneros?

Ao escrever fantasia, me baseio em desejo e intuição, com o cuidado de manter a coerência na construção do universo imaginário e de seus personagens. Na ficção científica, os alicerces são a razão e o conhecimento das possibilidades da ciência e da tecnologia, com a precaução de não ignorar o papel da subjetividade e do irracional. Ambos os gêneros me atraem igualmente por permitir imaginar sociedades diferentes daquelas que conhecemos, propor situações e pontos de vista inusitados e sugerir alternativas ao mundo que conhecemos que, espero eu, levem o leitor a se perguntar sobre como as coisas poderiam ser diferentes e se poderia mudar

o mundo real.

O que te levou a lançar livros de referência (Armas Brancas, Títulos de Nobreza e Batalhas Espaciais)? Como foi a recepção dessas obras?

Esses textos nasceram inicialmente como ideias para o blog da Editora Draco a respeito de temas sobre os quais me parece que muitos escritores de ficção científica e fantasia deveriam conhecer mais, tanto para evitar equívocos quanto para ampliar horizontes, conhecer outras culturas e sair da mesmice. Ao começar a escrever, vi que o material era farto demais para algumas postagens de internet. A Draco queria publicar obras de não ficção e a proposta foi aceita. Segundo a editora, essas obras estão vendendo melhor que a maioria dos livros de ficção e a postagem na qual adiantei parte do material de *Títulos de Nobreza* é o mais acessado da história do seu blog.

Como você se descobriu escritor de ficção após passar por profissões distantes da área criativa?

Aconteceu ao incursionar no jornalismo, por meio de artigos publicados na *CartaCapital*. Quando se aproximava a comemoração dos 500 anos do “Descobrimento”, em abril de 2000, a revista me sugeriu uma matéria sobre como o a história do Brasil poderia ter sido diferente e melhor. O resultado foi a crônica “Outros 500” que criou o plano geral desse universo imaginário que continua a gerar novas histórias. A *Solidariedade Galáctica* surgiu um pouco depois, a partir das histórias sobre a heroína Jaya que escrevi inicialmente para meus filhos e as *Crônicas de Atlântida*, de pôr no papel um imaginário mais pessoal e fantástico.

Você tem algum projeto em andamento de que possa falar algo?

Estão para sair dois contos ambientados no *Brasil dos Outros 500* a serem publicados nos próximos meses nas antologias *Sherlock Holmes: o jogo continua* e *Dinossauros* da Editora Draco, mais uma coletânea sobre o universo de Atlântida que inclui um conto inédito. No momento, estou com mais de meio caminho andado em mais um livro de não ficção, este sobre moedas e sistemas monetários, da idade da pedra ao bitcoin, incluindo capítulos sobre moedas imaginárias da fantasia e ficção científica. Depois disso, há três projetos a considerar: uma continuação da história de Babu, o terceiro romance das *Crônicas de Atlântida* ou um romance curto sobre

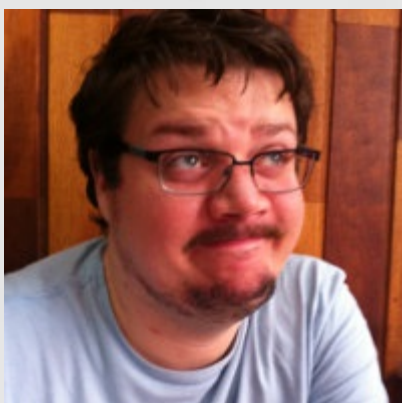
Guataçara, personagem que apareceu no meu conto “Palestra de Lançamento” e é protagonista do meu conto em Sherlock Holmes. Ainda não decidi qual priorizar.

Onde os leitores da Trasgo podem te encontrar para saber mais sobre seu trabalho?

Meus livros de ficção e não ficção foram publicados pela Editora Draco e podem ser adquiridos nas livrarias físicas ou virtuais indicadas no site da editora, em editoradraco.com/?s=Antonio+Luiz e os contos podem ser comprados separadamente como ebooks . Além disso, os romances e contos relacionados ao mundo de *Crônicas de Atlântida* têm uma enciclopédia própria com mais de mil verbetes, na qual se podem encontrar mapas e informações sobre personagens, cidades, países, costumes e pormenores desse mundo imaginário, no endereço cronicasdeatlantida.com/enciclopedia/. Podem ainda entrar em contato comigo pelas redes sociais das quais participo, o Twitter (@aluizcosta), o Skoob e o Google+. Qualquer comentário sobre meus trabalhos de ficção é bem-vindo.

Lucas Ferraz é um Consutor de TI que se meteu a escrever e não parou mais. Participa dos podcasts *CabulosoCast* e *Papo Lendário*, sobre literatura e mitologia respectivamente. Escreve crônicas e edita os contos do *Leitor Cabuloso* e participa da *Trasgo* como revisor lucasferraz.com | [@ferraz_lucas](https://twitter.com/ferraz_lucas)

ENTREVISTA: J. M. BERALDO



Beraldo é um nômade carioca que ganha a vida como game designer. Tem contos nas antologias Brinquedos Mortais (2012), Sagas 4 (2013), O Outro lado da Cidade (2015) e Piratas! (2015). Publicou os livros Véu da Verdade (2005), Taikodom: Despertar (2008) e Império de Diamante (2015). Tem ideias demais e tempo de menos, mas jura que um dia

coloca tudo para fora.

"Cada um com seus problemas" se passa no mesmo universo do seu primeiro livro, "Véu da Verdade", que se estende também para alguns contos. Pode nos contar um pouco mais sobre o livro e o universo construído?

A ideia me surgiu como uma resposta para o Paradox de Fermi: se existem tantos planetas lá fora com possibilidade de vida, onde está todo mundo? Minha solução foi que nós, humanos, somos como aqueles povos isolados da Amazônia, vivendo em reservas onde ninguém pode ir, para evitar acidentalmente destruí-los com o choque cultural. O Véu da Verdade que dá nome a esse universo seria a tecnologia hiper avançada da Liga dos Mundos, que basicamente projetava para nós só o que precisávamos saber para não surtarmos se descobríssemos a verdade. Só que, durante uma segunda Corrida Espacial, nós acidentalmente cruzamos o véu. E não é que os alienígenas estavam certos sobre o efeito?

Ou seja, no universo do Véu da Verdade a Humanidade não conquistou as estrelas nem está entre os mais influentes. Somos o povo subdesenvolvido à margem da civilização, tratados como inferiores e vez ou outra como mão de obra barata.

O livro conta a história da tripulação de um cargueiro pequeno que se vira para viver como pode. Foi inspirado na série de TV Firefly, apesar de envolver menos foras da lei e mais alienígenas. Nessa história, a tripulação é contratada para levar um grupo de passageiros até uma reserva selvagem em outro planeta, mas as coisas se complicam quando surge um certo caçador de recompensas atrás deles.

“Cada um...” é o 5º conto desse universo publicado. Os dois primeiros foram Alienígena (sobre uma imigrante ilegal fugindo da Terra) e Livre Arbítrio (sobre dois ladrões invadindo o edifício de uma megacorporação), ambos publicados na revista Scarium, depois veio Brinquedo Perfeito (um pai viúvo compra um presente de outro mundo para a filha adolescente) na antologia Brinquedos Mortais (Editora Draco), e o conto Velhos Hábitos, do livro Sagas 4 – Space Opera (Argonautas Editora), contando outra aventura de Arturo Ramazatti.

Arturo é um personagem bastante divertido, um tanto anti-herói meio canastrão, lembrou-me Han Solo. Qual a origem desse personagem?

Muita gente queria ser astronauta quando crescesse. Outros queriam ser cowboys. Eu queria ser os dois. Ao mesmo tempo. É por isso que a ideia do caçador de recompensas espacial sempre me atraiu. Sou daqueles que adora a cena curtíssima do Império Contra Ataca em que Darth Vader manda os caçadores atrás da Millennium Falcon.

Minha ideia original era que o livro Véu da Verdade tivesse ele como protagonista. Comecei a rabiscar a ideia de um ex-militar que tinha poderes telepáticos, mas que dependia mais de usar a cabeça e a tecnologia do que desses poderes em si. A sacada é que nesse universo humanos não possuem esses poderes naturalmente, então Arturo brinca com esse elemento surpresa, por vezes fingindo ter mais poderes do que tem para que ninguém jamais saiba o que ele realmente é capaz de fazer.

Mas, enquanto escrevia o livro, percebi que a história ficaria muito melhor contada no ponto de vista daqueles a quem ele perseguia, deixando o motivo um mistério até o último capítulo. Ao meu ver o resultado foi espetacular, mas acabou não me deixando explorar tanto a personalidade do personagem, o que me levou a escrever contos sobre ele.

Você trabalha muito com construção de mundos, como game designer. Pode contar um pouco sobre o seu processo criativo?

O processo varia um pouco de projeto pra projeto. Jogos mais complexos como RPGs e MMOs precisam de mais detalhes do que outros tipos de jogos.

No geral costumo usar uma mesma estrutura sempre que possível, que

não é a mesma de quando crio para um livro. Primeiro que, quando se trata de um jogo, já existem algumas premissas pré-definidas e, geralmente, arte de personagens, cenários, etc. O desafio acaba sendo criar algo que agrade a equipe, se encaixe no que já foi definido e ainda funcione no jogo.

Uma vez que eu saiba tudo o que se tem que saber sobre o projeto (inclusive como funcionará o jogo), eu monto cinco a dez propostas curtas, cada uma com dois parágrafos. O primeiro descreve o mundo, o segundo o personagem e sua missão. A ideia aqui não é escolher um, mas ouvir o feedback da equipe para saber quais elementos agradam mais ou menos.

Com esse feedback na mão, eu produzo mais três propostas, agora cada uma com até uma página descritiva. Uma dessas propostas é escolhida, às vezes com ajustes, então eu desenvolvo mais. O documento pode ter, por exemplo, meia página sobre cada um dos reinos importantes para o jogo, uma página sobre magia ou tecnologia, explorando suas capacidades e efeitos sociais, etc.

Com base nisso crio o enredo do jogo em si e, a partir daí, é detalhar o que for necessário para contar a história.

Qual a diferença entre escrever um mundo para um game, escrever um romance em um mundo de jogo (no caso de Taikodom) e escrever diretamente um romance?

As principais diferenças são a base que já existe e a expectativa do resultado.

Em um jogo você nem sempre tem o controle da ação. Claro que existem jogos em que tudo é pré-definido e bem linear, mas os jogos mais memoráveis geralmente são aqueles que dão a escolha e a ação nas mãos do jogador. Dessa forma é sempre preciso lembrar quando se cria para um jogo que você não está escrevendo um livro, mas sim um mundo a ser explorado por outros.

Nesse sentido um mundo para um jogo precisa seguir várias premissas baseadas nas capacidades do jogo. Se no jogo todo mundo usa magia, ela deve ser relativamente comum no seu mundo. Se existem várias raças, isso deve fazer sentido na sua história. Se os personagens morrem, mas sempre voltam, isso também deve fazer parte do seu mundo. No geral criar um mundo para um jogo não é contar uma história, mas sim criar um playground onde histórias podem ser contadas.

Uma dessas histórias poderia ser um livro. No caso do Taikodom: Despertar meu objetivo era contar uma história no ponto de vista do jogador do MMO. É por isso que criei dois personagens bem distintos, seguindo dois modelos de jogador de MMO (o lobo solitário e o jogador de guilda). Também é por isso que ao longo da história os protagonistas encontram dezenas de personagens: eram os mesmos que o leitor-jogador encontraria depois no jogo. A história acaba também tendo de se adequar ao que se espera do jogo, porque o jogador vai querer repetir as cenas do livro no jogo e ficará frustrado se não conseguir fazê-lo.

Já escrever um livro por si só é uma experiência bem diferente. Você geralmente começa com uma ideia bem vaga: uma cena, uma história ou um 'a-há', aquela coisa de diferente que torna sua história ou seu mundo especial. Nesse caso eu mesmo preciso estabelecer as premissas que guiarão a criação do mundo e da história, e faço isso sabendo que o leitor só verá aquilo que eu quero que ele veja. Posso, então, guiar a criação em torno da história que eu pretendo contar. O problema que existe aqui é não ter feedback de pontos de vista tão variados como quando se trabalha com um jogo.

Você lançou este ano Império de Diamante, pela editora Draco. Adorei o enredo e construção do cenário inspirado em mitologias africanas. Pode nos contar um pouco mais sobre esse romance e o processo de escrevê-lo?

A ideia veio do meu cansaço em ler e escrever fantasia pseudo-medieval europeia. Não que não existam boas histórias que ainda usam cavaleiros, dragões, castelos, elfos, magos e afins. O problema é que existe um mundo enorme cheio de inspirações e não vejo porque não criar algo diferente.

Sempre fui um apaixonado por História antiga. Tenho pilhas de livros em casa. Um dia descobri que muitos dos povos africanos que viviam na porção norte da África pré-muçulmana acreditavam que o rei era a terra e vice-versa. Quando um rei era eleito (fosse por demonstração de força, habilidade, ordem divina, etc), ele fazia um ritual para se tornar um com a terra. Se o rei fosse forte, a terra permaneceria forte. Então pensei... e se o rei fosse imortal? E se, um dia, alguma coisa acontecesse com esse rei?

A premissa de Império de Diamante veio daí. Misturei a ela dois outros conceitos. Primeiro que a História é algo construído e não verdade absoluta.

Segundo que, apesar de que todo herói precisa ter uma história, nem toda história precisa ter um herói.

No livro um deus-vivo governa o Império de Diamante. Ao longo de séculos ele aprendeu com seus erros e conquistou boa parte do continente de Myambe. Então, durante uma última conquista, ele foi ferido. Por 20 anos não foi mais visto. No mesmo período uma seca avassala o império. Dúvidas sobre a imortalidade do imperador começam a fragmentar o império. A história é narrada pelos olhos de quatro personagens: um mercenário que deixou de acreditar em religião, um guerreiro sagrado lutando pelo seu povo conquistado, um sacerdote adolescente que só quer servir ao deus-vivo e um general que acredita que o melhor para sua província é estar sob seu comando direto.

É um romance de fantasia épica como muitos outros livros, mas os personagens, a magia, a cultura, e o ambiente são diferentes simplesmente por se espelhar na África.

Há mais coisas previstas para Império de Diamante, além do jogo recém-lançado. Quais lados e cenários de "Reinos Eternos" vamos conhecer em breve?

A ideia de Reinos Eternos é cada livro abordar um reino diferente inspirado em alguma cultura. Estão todos interligados pela migração em massa provocado pelas conquistas do Império de Diamante ao longo de dois milênios, e também por algo sobrenatural que justifica a eternidade desses lugares. Minha proposta é que com cada livro lançado sairá também material de suporte, preferencialmente gratuito, como jogos e contos, que narram histórias vinculadas ao livro. Além do jogo Necromante de Abechét, gratuito na fanpage da série, há 3 contos já escritos, um deles, Bênção Divina, já disponível no Wattpad.

Com cada livro vem um novo cenário. O segundo passa-se em uma metrópole inspirada na mitologia hindu, inclusive nos elementos que quase vão à ficção científica que encontramos nesses mitos. A cidade recebeu os refugiados das duas últimas conquistas do Império em Myambe, levando a uma crise social com a aristocracia dominante e a Companhia Mercantil, que veio de outro continente em busca de negócios.

O terceiro tem inspirações em locais, povos e culturas do Himalaia e o conceito de memórias. Será uma história mais investigativa, mas ainda cheia

de elementos de fantasia, claro.

E existe o Oceano dos Mil Deuses, um oceano repleto de ilhas com sua própria história, inspirados nas ilhas da Indonésia e do Pacífico. Ao invés de um livro, explorarei essa região com contos individuais. Um já saiu na antologia Piratas! (Cata-vento) e outro sairá na antologia Dinossauros (Draco). Há mais dois escritos que ainda não enviei para editora nenhuma.

Este ano você saiu no Outro Lado da Cidade (Aquário), Piratas! (Catavento) e foi selecionado para Dinossauros e Samurais X Ninjas (Draco). Esqueci de algo? Você parece trabalhar em muitas coisas ao mesmo tempo. O que mais podemos esperar?

Também tive um conto selecionado para essa edição da Trasgo! ;)

Eu tive a sorte de poder me dedicar profissionalmente a contar histórias. Faço isso há mais de dez anos, o que me trouxe a uma situação em que posso desenvolver trabalhos muito mais rápido do que fazia antigamente. As publicações desse ano são um reflexo dessa nova fase iniciada em 2013.

Além dos trabalhos para terceiros (que incluem um jogo de estratégia e um RPG de mesa para empresas americanas), tenho um livro de terror fantástico passado no Rio de Janeiro de 1810 procurando uma editora, uma possível nova edição (expandida) do Véu da Verdade em negociação e o 2º livro de Reinos Eternos, Último Refúgio, que sai entre o fim desse ano e o início de 2016. Há, ainda, claro, a versão impressa de Império de Diamante, saindo em breve.

Fora isso, estou sempre trabalhando em algo novo, inclusive um novo jogo de combate espacial 2D inspirado no Véu da Verdade, um romance infanto-juvenil também do Véu da Verdade e o 3º livro do Reinos Eternos. E contos. Muitos contos!

Para quem deseja conhecer mais sobre seus projetos e livros, qual o caminho?

Costumo publicar sobre criação de mundos, jogos e escrita no meu blog, JMBeraldo.com, onde também apresento meus trabalhos mais recentes. Também possuo duas fanpages no Facebook: Reinos Eternos (fb.com/ReinosEternos) trata dos livros, contos e jogos dessa série de fantasia, enquanto Eridanus Studio (fb.com/EridanusStudio) trata dos meus projetos de jogos. Por fim, criei recentemente uma conta do Wattpad

([wattpad.com/user/JMBeraldo](https://www.wattpad.com/user/JMBeraldo)), onde devo publicar contos gratuitos ligados aos livros lançados.

E, claro, dá para seguir meu perfil no Facebook, onde costumo falar do andamento dos meus projetos (e coisas aleatórias de vez em quando).

ENTREVISTA: GERALDO DE FRAGA

Por Thiago Toste



Geraldo de Fraga nasceu no Recife, em fevereiro de 1979, e é formado em jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco. Como escritor, foi colaborador do projeto Recife Assombrado, tendo seus contos publicados em duas antologias. Em 2009, lançou seu primeiro livro: Histórias que nos Sangram, uma coletânea de sete contos inspirados nas lendas e mitos da capital pernambucana.

O que eu mais gostei no seu conto é como todos os personagens parecem vivos, reais, apesar da história não divagar muito no passado deles. Como foi construí-los?

Acho a parte de construção de personagens a mais difícil, porém a mais gratificante. Não é fácil dar personalidades a pessoas que nunca existiram, é um exercício e tanto, mas quando dá certo deixa o autor bem satisfeito. Nesse conto, levei em consideração a condição social de cada um, além de seus status dentro daquela sociedade, daquele universo. Acho que isso foi o que mais influencia em suas personalidades e motivações.

Minha imaginação ambientou Eles Também nos Vigiam num cenário que mescla *Dark Fantasy* e *High Fantasy* de uma forma bem natural, o que me deixou bastante imerso no conto. Isso foi intencional? Existe algo planejado para o universo do conto?

Sou escritor de horror. Minhas referências na literatura de fantasia são os autores mais populares, como Tolkien e George R.R. Martin, que apesar de atingirem mais público pelas suas adaptações para cinema e TV são geniais na escrita. Eu queria ver se poderia escrever algo de terror nesse ambiente de fantasia. Eu sempre gosto de ambientar meus contos em épocas passadas e nunca tinha me disposto a esse estilo. No momento ainda não penso em expandir o universo no qual se passa essa trama, mas se surgir alguma idéia boa seria legal retornar a ele.

Conte-me sobre o seu livro Histórias Que Nos Sangram. Como foi ambientar Recife numa atmosfera sobrenatural?

Nas duas últimas décadas, as lendas do Recife viraram um pequeno fenômeno pop. Mas eu notava que faltavam histórias de terror de verdade. O assunto sempre era tratado de forma lúdica, como causos para assustar crianças ou como simples folclore urbano. Resolvi dar uma visão mais séria. Selecionei algumas delas e desenvolvi contos que se entrelaçam a momentos históricos da cidade, como a morte de Zumbi dos Palmares e a Revolução Pernambucana. Foi trabalhoso, mas essa pesquisa enriqueceu muito o livro. A história da cidade tem centenas de casos violentos e esse campo é muito fértil para o horror.

Conte sobre sua experiência com a publicação de Histórias Que Nos Sangram.

Primeiro trabalho lançado é aquela coisa: a maioria dos exemplares foi adquirido por familiares e amigos. A procura pelos fãs do gênero não foi tão grande, mas para um escritor desconhecido até que foi surpreendente. Apesar de a vendagem não representar um número tão significativo, o retorno de boas críticas valeu a pena.

Qual conselho você daria para um escritor iniciante, considerando a realidade brasileira?

Acho que o principal é não criar grandes expectativas com vendas. Não achar que seu trabalho é ruim porque o livro não se esgotou nas prateleiras. Conheço escritores com espaço na mídia que não vivem de literatura, por não ser uma ocupação rentável a ponto de sustentá-los. Quem quiser se lançar como autor tem que fazer porque gosta e sente confiança que seu trabalho merece ser lido. O que não significa dizer que não seja preciso um esforço para divulgar a obra. Isso é primordial.

Quais são suas grandes inspirações? Na literatura e além dela.

Eu cresci lendo histórias em quadrinhos, e continuei quando adulto. Nessa segunda fase, deixei a Marvel e a DC de lado e comecei a ler Alan Moore, Neil Gaiman, Garth Ennis e mais outros que escrevem sobre fantasia e horror. Na literatura, não há como não se influenciar por Lovecraft. Por mais que seja subestimado, Stephen King também produziu obras fantásticas. Mas, curiosamente, um dos autores que mais me influenciaram

foi um que não trabalha com o universo fantástico: Rubem Fonseca.

Quer compartilhar algo mais com os leitores da Trasgo?

Quero elogiar o trabalho de vocês e parabenizar os leitores da Trasgo por prestigiar os escritores brasileiros. Tem muita gente boa de verdade por aí, é só dar um pouco de atenção e você não vai se decepcionar.

No que você tem trabalhado e onde podemos te encontrar internet afora?

Estou finalizando uma nova antologia de contos, mas fora do universo regional do meu primeiro livro. Possuo um blog onde posto pequenas histórias, já que não gosto de publicar textos muito longos na internet: infernorama.wordpress.com

***Thiago Toste** é entusiasta da literatura e de boas histórias. Dedicou seu tempo a escrever e ajudar outros escritores e artistas, com a missão de trazer boas ideias para o mundo. É revisor da Trasgo desde sua terceira edição e também atua como revisor independente. Adora jogar RPG e passar horas criando seus personagens, só para enjoar deles momentos depois e começar tudo de novo.*

ENTREVISTA: ATLAS MONIZ



Atlas Moniz é formado em História pela UFF e trabalha com educação em museus. Tem 21 anos, escreve desde os doze e é uma pessoa relativamente bacaninha. Jardineiro e desenhista por hobby, gostaria de poder passar o dia todo jogando videogame, mas infelizmente a vida não é fácil assim. Mora no Rio de Janeiro, precisa cortar o cabelo urgente e está para casar. Publicou umas coisas aqui e ali.

Northrop e Doroteia aborda a questão da identidade de gênero com muito bom humor, utilizando certos elementos clássicos da ficção científica (como a integração dos robôs com a humanidade). De onde surgiu esse conto?

Eu tenho um romance ainda não publicado, chamado *Aqueronte*, que se passa neste mesmo universo e que trata de temas semelhantes. Como estava na *vibe* de FC com toques retro-futuristas na época, escrevendo *Aqueronte* e jogando *Mega Man 2*, não foi muito difícil escrever algo assim, que focasse na questão familiar, de gênero e sexualidade. Eu gosto bastante de robôs como protagonistas e também sou NB (não-binário), então juntar tudo foi mais do que natural.

Como costuma ser o seu processo criativo?

Uma bagunça. A começar, eu produzo mais de noite, depois das 21h, de preferência. Geralmente passo um tempo pensando no esqueleto básico da narrativa, anoto e faço algumas listas para não me perder. Depois disso, escrevo tudo de uma vez — não necessariamente seguindo a lista à risca, invento coisas no meio do caminho — e então volto para editar. A edição é a parte que mais demora: meu noivo sabe que faço quatro, cinco, seis edições para cada coisa que escrevo.

E nada nunca está pronto. Nunca. Quando consigo que a obra seja aprovada, corro e na primeira oportunidade corrijo tudo que acho errado.

Daqui a algumas semanas, vou olhar para *Northrop e Doroteia* e pensar: “ah! Eu devia ter reescrito tudo do zero!” Mas tudo bem, porque isso me motiva a continuar melhorando, sempre.

Há uma questão colocada de um modo divertido, mas profunda. Que o problema não é Northrop ser *ele* ou *ela*, mas não querer se definir. Por que você acha que isso incomoda tanto os outros?

Às vezes sinto que as pessoas têm uma obsessão por definições. A sociedade é binária, às vezes até maniqueísta: admite dois pontos opostos, mas dificilmente algo ente os dois, ou que seja ambos; como se as pessoas tivessem que caber em caixinhas de papelão perfeitamente alinhadas e classificadas, senão a coisa começa a sair de controle.

Não é só com identidade de gênero: acontece com sexualidade, com política, com gostos, até mesmo com videogames e quadrinhos! Eu queria ver um mundo onde suas ações fossem mais importantes do que qualquer coisa.

O que pode contar de suas outras obras, "No Aguardo", "A Efemeridade de Todas as Coisas" e "Ele, que caça emoções"?

No Aguardo é um conto bem importante para mim. Não sou de escrever tragédias e nem realismo, mas, ainda assim, foi a primeira coisa minha a ser publicada – no caso, na Revista Flaubert – e me animou a não parar. O conto é sobre um rapaz cujo irmão, PM, sofre uma tentativa de assassinato. Só isso.

A Efemeridade de Todas as Coisas é algo que começou como uma falha – escrito para uma antologia, ele não entrou – mas que logo transformei em um exercício do *nonsense* que gosto tanto de escrever. A protagonista é uma NEET – *not in employment, education or training* –, a famosa nem-nem do Brasil, que se sente irresistivelmente atraída pela carcaça de uma criatura gigante encontrada morta nos mares do sul. Sua madrinha, oficial de Marinha, é a responsável por dissecar o monstro, que logo surge como um espectro sobre as águas da Baía de Guanabara. O resto é história, drama, choro, o fim do mundo e a alegria de estar viva.

Agora, *Ele, que caça emoções* é um dos meus projetos mais antigos. É uma fantasia urbana “tipo japonês” que começou em 2009 e passou por quatro reescritas diferentes. A história é mais ou menos a seguinte: em fevereiro de 2008, duas coisas fora do comum acontecem com Luiz Azevedo, um graduando em História: ele encontra uma foto velha de um garoto asiático, que definitivamente não conhece, entre documentos da família, e salva um rapaz suicida de se jogar do último andar da UERJ. Depois disso, fantasmas

passam a segui-lo, sombras o atacam e uma família de caçadores de espectros decide o proteger até que descubram o que está acontecendo. E o início de tudo é uma foto.

Está lá no seu site "hoje sou Nintendista e meu jogo favorito é *The Legend of Zelda: Majora's Mask*". Quais outros jogos, livros e autores estão na sua lista de favoritos?

Ah, eu poderia ficar horas e horas falando disso! Tenho que dar atenção especial à série Shin Megami Tensei, que tanto me influenciou; em especial, (respira fundo) *Shin Megami Tensei: Devil Summoner: Raidou Kuzunoha vs the Soulless Army*, para o PlayStation 2. Também gosto muito de *Final Fantasy*, *Kirby* e *Metal Gear Solid*. Faz um tempo comecei a curtir uns jogos indie também, tipo *OFF*, do Mortis Ghost.

Quanto a livros, tenho a minha "Triforce": *Deuses de Pedra*, da Jeanette Winterson, que é uma FC bem molinha, quase gasosa, sobre o amor transcendental, que segue três casais do mesmo sexo por diferentes eras da existência (e tem robôs!); *Rosario Tijeras* do Jorge Franco, que é basicamente um romance de *bad girl*, e *A Criança Roubada*, do Keith Donohue, que é uma "fantasia folk-urbana". Vou me permitir também falar de *Caçando Carneiros*, do Haruki Murakami. Fantasia urbana + mistério + comédia + surrealismo em um livro só, como não posso gostar disso?

De autores, curto o Isaac Asimov, tanto que fiz minha monografia em História sobre *As Cavernas de Aço*; Osamu Tezuka, Naoki Urasawa, V. C. Andrews, Haruki Murakami, Jeanette Winterson, Gary Jennings, Rebecca Sugar (conta? Ela é a roteirista de *Steven Universe...*), Junji Ito e Suehiro Maruo.

No que tem trabalhado? O que podemos esperar para sair?

Estou escrevendo e postando *Ele, que caça emoções*. Talvez interesse a quem gosta de fantasia urbana dark, passada no mundo real, com personagens esquisitos e obsessivos, depressivos e violentos, em relacionamentos estranhos e com poderes inimagináveis. Tem um bocado de conteúdo histórico também (afinal, é o que eu faço da vida), mistério e sanguinolência, segredos militares e ocultistas, eroticismo grotesco e mais um monte de coisa legal (exceto robôs). Estou postando no Wattpad ([wattpad.com/story/39750119](https://www.wattpad.com/story/39750119)), e quem sabe um dia sai por uma editora ou

até mesmo numa publicação independente? Desejem-me sorte!

Em breve *Necrópole do Sol* sairá pela Editora Catavento, também! É uma alta fantasia com influências de povos pré-colombianos (principalmente o asteca, com um pouquinho de incas e tupis), gregos, húngaros, havaianos e por aí vai. O protagonista, um espião chamado Auatle-Cayetli Acayutí, conhecido pelo mundo como Carel, rouba uma máscara cerimonial de seu povo, usada para invocar o deus-Sol. Ele é perseguido, assassinado e tem sua alma presa em uma máscara também. Carel só acorda duzentos anos depois, e o resto é história (e uma longa) envolvendo intriga política e familiar, deuses que interferem nas atividades mundanas, crianças cruéis, e perda da identidade e do próprio destino. Estou postando devagar o primeiro capítulo aqui: wattpad.com/story/38943635

Para quem se interessou pelo seu trabalho, quais links seguir?

Ah! Eu tenho um blog, no qual eu falo de algumas coisas bobas e catalogo o que publiquei: atlasmoniz.wordpress.com. Também tenho um Wattpad: wattpad.com/user/atlasmoniz e uma página no Facebook: fb.com/atlasmoniz. E o meu twitter é @khordofon. Lá eu falo muita besteira e faço muita piada de fandom. Mas sou legal, prometo.

ENTREVISTA: NILZA AMARAL



Nilza Amaral nasceu em Piracicaba, residiu em várias cidades do interior e terminou seus estudos em São Paulo. Tem obras publicadas em português, inglês e espanhol dentre elas, O dia das lobas, O florista, Amor em Campo de Açafrão, Modus diabolicus. A prisioneira do Espelho, Expulsão do Paraíso, além de coletâneas e ensaios.

Atualmente reside em Campinas e é Acadêmica da Academia Campineira de Letras e artes.

"A mão decepada" se passa em um cenário praticamente surreal, com elementos do fantástico e da ficção científica. De onde surgiu este conto, qual foi a inspiração para ele e para o jardineiro?

Escrevo para várias revistas de ficção científica, como a Scarium e outras. A inspiração para esse conto foi a holografia, que havia estudado dias antes. Sobre o jardineiro, a neutralidade do personagem e o distanciamento do autor quando escreve são primordiais. O autor não qualifica o personagem, na verdade a personagem domina o texto.

Como é o seu processo criativo?

Tenho vários. O principal é a imaginação. Mas toda escrita vem com esforço.

Você tem 20 romances publicados, além de uma série de contos. Sente-se mais à vontade escrevendo obras curtas ou mais longas?

Gosto de ambos os métodos. O meu lado gótico responde mais aos textos curtos. Mas meu lado romancista gosta de textos bem elaborados,

Você disse em entrevistas que concursos literários e coletâneas podem ajudar novos escritores a serem descobertos, inclusive ajudou a organizar alguns. Poderia contar um pouco mais sobre isso?

Realmente, ganhar concursos abre portas. Geralmente o júri é de bons escritores e se o autor consegue o prêmio é um grande incentivo. Minha novela *A Balada de Estóica* foi publicada por sugestão do crítico Geral

G.Ferraz, na época, do juri. Foi meu primeiro livro publicado, pela Editora Escrita. Depois a mesma editora publicou "O dia das lobas", uma novela que teve muita saída e foi adotada em várias escolas.

O que tem escrito, produzido ou pronto para sair que pode nos adiantar?

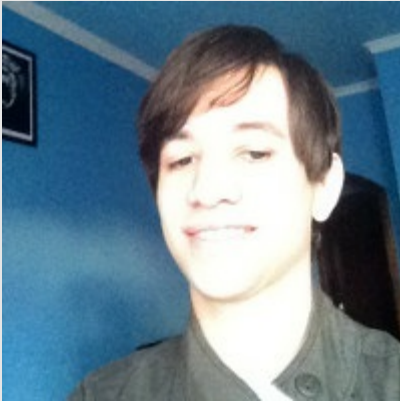
Acabo de participar da coletânea *Os lobisomens também amam*. E mandei para a editora um romance recém terminado: *Roteiros para lugar nenhum*.

Para quem quiser saber mais sobre seus romances e contos, onde pode encontrar mais informações?

Basta procurar por meu nome no Google, há muita informação sobre mim e meus livros, que estão nas livrarias e na Estante Virtual (estantevirtual.com.br/busca?&qau=nilza+amaral) a preços módicos. Mais informações também em ube.org.br/biografias-detalhe.asp?ID=745.

ENTREVISTA: ENRICO TUOSTO

Por Thiago Toste



Enrico Tuosto é pesquisador, escritor e rockstar fracassado, dividindo seu tempo entre os estudos e a escrita. Formado em Sociologia, passa grande parte do dia especulando sobre o comportamento e funcionamento da sociedade. Isso quando não está lendo com seu cachorro no colo ou vagando pelas ruas de São Paulo, onde reside atualmente. Escreve todos os dias e possui mais ideias do que tempo para escrevê-las.

"Velhas Pernas" é um conto que revela a verdade ao leitor apenas no final. Como foi escrevê-lo sem estragar a surpresa?

Para ser sincero, eu me surpreendi tanto quanto espero que os leitores se surpreendam. Eu não sabia que o velho era um robô até isso aparecer escrito na tela, e então tudo fez mais sentido para mim. Depois eu voltei no texto e o editei para ficar coeso dentro deste conceito, mas a princípio eu não tinha ideia de que o desenrolar da história seria esse. Escrever é assim às vezes. Acho que estes são os momentos mais gostosos para o escritor, quando ele se deixa surpreender com o que está escrevendo.

Um dos temas abordados no conto é a relação entre trabalho, realização pessoal e envelhecimento. Por que decidiu escrever sobre isso?

Eu olho para a forma como o mundo funciona em termos de trabalho e realização pessoal e vejo que, na maior parte dos casos, estes dois aspectos da vida não andam de mãos dadas. Numa sociedade ideal, o cidadão enxerga propósito no que faz, além de ter tempo livre para desenvolver outros interesses, pois o ser humano possui diversos propósitos. Isso é o que faltou na existência do robô: um equilíbrio entre suas aspirações e sua função na sociedade. E quando ele finalmente se viu livre das amarras que o prendiam, livre para seguir suas aspirações, percebeu que já estava velho demais. Isso acontece com muita gente na vida real. Nosso mundo ainda

não é socialmente sustentável. Digo "ainda" pois acredito fortemente num futuro melhor.

Eu não "decidi" escrever sobre o assunto, no sentido de que não pensei sobre o tema antes de começar a escrever. A ideia simplesmente surgiu enquanto eu escrevia sobre este velho sofrendo para chegar em seu destino.

E de onde surgiu a história do velho? Como funciona seu processo criativo?

Eu estava voltando do trabalho, parado num semáforo. Uma velhinha estava parada na calçada oposta, esperando o fluxo intenso de carros velozes passar. Por algum motivo eu pensei "se ela tropeçasse ali, estaria morta em segundos". Então cheguei em casa e comecei a escrever.

Meu processo criativo funciona assim. Eu tenho diversas ideias para histórias, que brotam na minha cabeça no mesmo fluxo que os carros passavam na rua. Anoto todas que consigo num aplicativo no celular ou num papel, se eu estiver sem meu celular, e depois as passo para um caderninho só de ideias. Não são coisas elaboradas. Por exemplo, "personagem olha pelo retrovisor e vê um alien dirigindo o carro de trás". Eu pensei nisso em algum momento no passado e anotei. Meu papel como escritor agora é descobrir o que acontece com o personagem dentro desta situação, e isso eu costumo descobrir só depois de começar a escrever. Raramente minhas ideias surgem com um personagem, mas sim com uma situação. Isso me faz escrever diversos gêneros, desde ficção científica à romances de colegial.

E para manter as palavras e ideias fluindo, eu escrevo (quase) todos os dias. Funciono apenas assim, não posso ficar muito tempo longe da página em branco.

Outro tema que você destaca é o limite da experiência humana, ou o que fazer quando já se absorveu tudo que o mundo tem para oferecer. Na sua opinião, vale a pena continuar, parar ou começar tudo de novo, como se fosse a primeira vez?

Para manter minha resposta curta, diria que não sei. Acho que ficaria tão indeciso quanto o velho. Mas talvez Stephen King esteja correto: "existem outros mundos além deste". Então parar é sempre uma opção. De qualquer forma, espero não viver até o ponto que um "implante de experiências" seja

possível.

Falando em Stephen King, quais escritores te influenciam? E o que mais, além de literatura, te inspira?

Meu escritor preferido é o Stephen King, mas eu leio de tudo um pouco. Atualmente estou surpreendido com as histórias de Thomas Ligotti. Minha profissão exige que eu leia muito mais do que apenas ficção, então me inspiro também em livros e ensaios não fictícios. Além dos livros, música, jogos e filmes são outra grande fonte de ideias.

Escuto de tudo. Nos últimos dias estou completamente viciado em Nine Inch Nails e Tom Waits. Em The Airborne Toxic Event e The National também, além dos tupiniquins do Matanza. Mas realmente escuto de tudo. Ainda penso em reunir minha banda do colegial um dia (sou um *rockstar* fracassado na verdade, rs).

Meus jogos preferidos são os da série Fallout. Também gosto muito do universo O Mundo das Trevas (rpg de mesa). Meus filmes preferidos são muitos, mas consigo pensar em dois no momento: Caché, dirigido por Michael Haneke, e Donnie Darko, dirigido por Richard Kelly. E viver também me inspira, assim como inspira todos nós. Deste ato que surgem as ideias boas de verdade.

Qual conselho sobre a escrita você daria à si mesmo se pudesse voltar no tempo?

Apenas um: mais escrita e leitura, menos Civilization. Maldito jogo! rsrs.

No que tem trabalhado? Existe algo planejado para o universo de robôs filósofos de "Velhas Pernas"?

Estou sempre escrevendo contos e atualmente batalhando com dois romances (um de fantasia, outro de suspense ou terror, ainda não descobri). "Velhas Pernas" é minha primeira publicação e no momento não tenho ideias de desenvolver mais este universo, mas espero publicar mais contos num futuro próximo. Tenho vários arquivados, alguns bons, outros nem tanto.

Onde podemos te encontrar?

Escrevo alguns artigos sobre o ato da escrita no Scribe (wscribe.co/u/enrico-tuosto/profile) e publico diversas fotos do meu

cachorro no Instagram ([instagram.com/verybadwizard](https://www.instagram.com/verybadwizard)). Quem quiser compartilhar um pouco do que me inspira, pode me seguir no Tumblr também: [lookingformyownname.tumblr.com](https://www.tumblr.com/lookingformyownname).

Para quem quiser entrar em contato, me envie um e-mail no tuosto.enrico@gmail.com".

Thiago Toste é entusiasta da literatura e de boas histórias. Dedicou seu tempo a escrever e ajudar outros escritores e artistas, com a missão de trazer boas ideias para o mundo. É revisor da *Trasgo* desde sua terceira edição e também atua como revisor independente. Adora jogar RPG e passar horas criando seus personagens, só para enjoar deles momentos depois e começar tudo de novo.

Obrigado por ler a sétima edição da Trásgo! Esperamos que tenha gostado.
Conte para um amigo, visite o site trasgo.com.br e ajude-nos a tornar a revista um pouco mais popular.

Créditos da edição

Organização: Rodrigo van Kampen

Revisão: Lucas Ferraz e Thiago Toste

Ilustração: Ots

Autores: Antonio Luiz M. C. Costa, Atlas Moniz, Enrico Tuosto, Geraldo de Fraga, J. M. Beraldo e Nilza Amaral

Acompanhe a Trásgo

Revista: <http://trasgo.com.br>

Twitter: <http://twitter.com/revistatrasgo>

Facebook: <http://fb.com/revistatrasgo>

Proibida a reprodução de qualquer conteúdo desta edição. Todos os direitos reservados à Revista Trásgo e aos respectivos autores e ilustradores.

Junho / 2015